

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Paula Lima Gomes

O CONFLITO ISRAEL-PALESTINO:
a construção de narrativas, suas disputas e a busca de legitimidades e hegemonias

Belo Horizonte

2016

Paula Lima Gomes

**O CONFLITO ISRAEL-PALESTINO:
a construção de narrativas, suas disputas e a busca de legitimidades e hegemonias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. José Márcio Pinto de Moura Barros

Área de concentração: Mídia e Processos de Interação

Belo Horizonte

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G633c Gomes, Paula Lima
O conflito Israel-palestino: a construção de narrativas, suas disputas e a busca de legitimidades e hegemonias / Paula Lima Gomes. Belo Horizonte, 2016.
161 f. : il.

Orientador: José Márcio Pinto de Moura Barros
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

1. Conflito árabe-israelense. 2. Conflito árabe-israelense - Narrativas pessoais.
3. Narrativa (Retórica). 4. Análise do discurso narrativo. 5. Hegemonia. 6.
Legitimidade (Direito). I. Barros, José Márcio Pinto de Moura. II. Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social. III. Título.

CDU: 327.56

Paula Lima Gomes

**O CONFLITO ISRAEL-PALESTINO:
a construção de narrativas, suas disputas e a busca de legitimidades e hegemonias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Prof. Dr. José Márcio Pinto de Moura Barros – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Fernando Antônio Resende – UFF (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 11 de março de 2016.

*Ao povo palestino, que me inspira todos os dias
a ser essa pesquisadora-militante. Venceremos*

AGRADECIMENTOS

A minha família, pelo incentivo de sempre e por me forjarem, muito antes de optar pela vida Acadêmica, a ser uma profissional com “sangue no olho”.

A minha eterna mentora, que me apresentou o tema, a causa e tantas experiências e referências desde 2009.

A minha amiga de Gaza, que literalmente, me levou para dentro do conflito e para a sua terra Palestina.

Ao meu namorado, Wilson Milani, por me dar tanta força e incentivo neste processo que compartilhamos e vivemos juntos.

A Rede de Ensino Doctum e, em especial, ao Cláudio Leitão e Américo Galvão que me apoiaram e viabilizaram a concretização deste sonho.

Ao meu orientador, José Márcio, pela contribuição e atenção dispendida nessa árdua e prazerosa pesquisa.

Aos membros da Banca, Fernando Resende e Mozahir Salomão, pelas generosas contribuições.

A todos meus amigos palestinos e árabes, meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa, fruto de uma relação com o tema desde 2009, se volta, sobretudo, para a investigação dos conflitos do conflito Israel-palestino, tendo como foco a observação e análise das disputas narrativas entre suas forças hegemônicas atuais: o Estado de Israel e a resistência do povo palestino, liderada pelo Hamas. Para tanto, escolhe-se como recorte o confronto de 2014 que durou 50 dias, indo do dia 12 de junho à 26 de agosto deste ano, se tornando o terceiro e mais recente embate entre os atores em questão. Para sustentar a análise, transita-se de Walter Benjamin e Fernando Resende à Ilan Pappé e Benny Morris, olhando, a luz dessas reflexões, àquilo que há de “histórico” e “atualizado” nesses conflitos de narrativas. Estruturada em três capítulos, a Dissertação busca compreender e conceituar os elementos basilares deste objeto (ato de narrar, processos de legitimação, conflitos de narrativa, luta por hegemonia etc.), olhando, por conseguinte, para três camadas de referência (conexão territorial judaica, holocausto nazista e Guerra de 1948) e para o embate das narrativas hegemônicas propriamente ditas, que se deram, sobretudo, no espaço mediado no período do confronto estudado. Neste espaço, olha-se então, para a difusão de falas dos agentes do conflito em notícias da BBC Brasil (75 no total), entrevistas audiovisuais (4 no total), produções acadêmicas diversas e relatos das testemunhas do próprio conflito. E tudo isso no intuito de responder a nossa atual pergunta: “de que modo a construção de binômios hegemônicos (o israelense e o palestino), que circulam e são colocados em interação no espaço virtual, produzem e disputam sentidos acerca do conflito Israel-palestino enquanto parte de um conflito de narrativas?” Onde esta reflexão chegou? Há mais perguntas do que respostas, afinal, o objeto que aqui se estuda é algo em processo, assim como tem sido a própria reflexão sobre o mesmo. Pois, mais do que reforçar a lógica hegemônica do conflito, baseada em uma abordagem simplificadora e antitética, o que aqui se mostra é: se por um lado, existe uma força e uma narrativa “mais hegemônica”, por outro, não há um vencedor definitivo e uma história homogênea. Sendo isto, portanto, o que torna este conflito um fenômeno complexo e aberto como se verá.

Palavras-chave: Conflito Israel-palestino. Narrativas de conflito. Conflitos de narrativas.

Processos de legitimação. Lutas por hegemonia.

ABSTRACT

This research, the result of a relationship with the theme since 2009, turns, mainly, to the investigation of conflicts of conflict the Israel-Palestinian conflict, focusing on the observation and analysis of the narrative disputes between its current hegemonic forces: the State of Israel and the resistance of the Palestinian people, led by Hamas. For this, the elected frame of study was the confrontation of 2014, which lasted 50 days, going from June 12 to August 26, becoming the third and most recent clash between the two sides. To support the analysis, a path of analysis was established, from Walter Benjamin and Fernando Resende to Ilan Pappé and Benny Morris, looking, under this light, into what is “historic” and “actualized” about the conflict of narratives. Structured into three chapters, the dissertation seeks to understand and conceptualize the basic elements of this object (the act of narrating, legitimation processes, narrative conflict, struggle for hegemony etc.), looking, therefore, at three layers of reference narratives (Jewish territorial connection, Nazi Holocaust and the War of 1948) and at the clash of hegemonic narratives themselves that take place, especially in the mediated space, in the period of confrontation studied. In this frame of work we, then, looked into the dissemination of speeches of the agents of the clash in news from BBC Brazil (75 in total), audiovisual interviews (4 in total), many academic productions and accounts of witnesses of the conflict itself. All this in order to answer our present question: “how does the construction of hegemonic binomials (Israeli and Palestinian), that circulate and are put in interaction in virtual space, produce and dispute meanings about the Israel-Palestine conflict, as part of a conflict of narratives?” Where has this reflection come to? There are more questions than answers, after all, the object here at hand is something in process, as has been the very reflection on it. For more than reinforcing the hegemonic logic of conflict, often based on a simplistic and antithetical approach, what is shown here is: if, on one hand, there is one “more hegemonic” narrative force, on the other hand, there is not one definite winner and one homogeneous story. This, therefore, is what renders such phenomenon a complex and open one, as will be seen.

Keywords: Israel-Palestinian conflict. Narratives of conflict. Conflicting narratives. Legitimation processes. Struggles for hegemony.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Divisão territorial segundo a narrativa israelense.....	48
FIGURA 2 – Palestina segundo a narrativa palestina	49
FIGURA 3 – Total de mortos e feridos no confronto Israel-palestino de 2014.....	74
FIGURA 4 – Matéria da BBC Brasil sobre a morte dos jovens israelenses	79
FIGURA 5 – Comparação entre as matérias da BBC Brasil sobre as mortes em questão.....	85
FIGURA 6 – Frames e narração do vídeo sobre o episódio com Tariq	87
FIGURA 7 – Imagem das matérias da BBC Brasil e do Brasil de Fato.....	90
FIGURA 8 – Acusando o Hamas de utilização de “escudo humano”	95
FIGURA 9 – “tunnel to palestinians” and “tunnel to israel”	102

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Detalhe do futuro território em disputa.....	53
MAPA 2 – Detalhe da “Grande Palestina” e do território que “sobrou” para Israel.....	65
MAPA 3 – Evolução territorial Israel-Palestina.....	67
MAPA 4 – Desenvolvimento territorial da Cisjordânia	80
MAPA 5 – Faixa de Gaza Fonte: BBC Brasil, 15/07/2014.....	99

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Trechos do diálogo e não diálogo com Nora	38
TABELA 2 – Migrantes judeus por países de imigração (em milhares)	55
TABELA 3 – Diálogo com Nora sobre bombardeios	93
TABELA 4 – Diálogo com Nora sobre cessar-fogo.....	97
TABELA 5 – Posicionamento público da ONU durante o confronto.....	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 CAPÍTULO I: CONCEITOS E(M) CONFLITO.....	27
2.1 Considerações iniciais	27
2.2 O ato de narrar e a experiência	29
2.2.2 <i>Narrativa e um pouco de legitimidade</i>	33
2.3 Narrativas de conflito e vice-versa	40
2.3.1 <i>O que se disputa</i>	42
2.3.2 <i>Lugares de fala e legitimidade</i>	43
2.3.3 <i>Em busca da hegemonia</i>	47
3 CAPÍTULO II: “HISTÓRICO” E(M) CONFLITO.....	51
3.1 Considerações iniciais	51
3.1.1 <i>Camadas de referência, o que são?</i>	51
3.1.2 <i>De onde vieram?</i>	52
3.2 Três camadas e inúmeras histórias	54
3.2.1 <i>Conexão territorial judaica</i>	54
3.2.2 <i>Holocausto nazista</i>	58
3.2.3 <i>Guerra de 1948</i>	63
4 CAPÍTULO III: CONTEMPORÂNEO E(M) CONFLITO.....	73
4.1 Considerações iniciais	73
4.2 Percurso metodológico	76
4.3 O confronto e seus conflitos	78
4.3.1 <i>Pré-confronto, 26 dias</i>	78
4.3.2 <i>Conflito e(m) conflito</i>	87
4.3.3 <i>Confronto, 50 dias</i>	96
5 CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A – Historiografia do movimento sionista.....	127
APÊNDICE B – Números de ataques e baixas do confronto Israel-palestino de 2014..	131
APÊNDICE C – Detalhamento dos fatos do confronto Israel-palestino de 2014.....	137
APÊNDICE D – Trechos do diálogo e não diálogo com Nora.....	147
APÊNDICE E – Diálogo com Nora sobre bombardeios	149
APÊNDICE F – Diálogo com Nora sobre cessar-fogo.....	151
APÊNDICE G – Desenvolvimento de Jerusalém	153
APÊNDICE H – E-mail para campanha de ajuda à Gaza	155
ANEXO A – Poema lido por Samira em um debate	157
ANEXO B – Declaração de Balfour	159
ANEXO C – Trecho da carta de Miguel, primo de Samira.....	161

1 INTRODUÇÃO

“Conflito Israel-palestino”. Um termo de poucas palavras e um dilema que tange o incompreensível. Afinal, quem nunca se perguntou onde ele começa, quem são seus atores, o que querem, *por que ainda existe?* De tão distendido no tempo, remetendo a questões milenares como se verás, esse dilema de tantas nuances e perguntas, parece, à primeira vista, um emaranhado de histórias com um difícil desenrolar. E foi assim, com a sensação inicial de se deparar com um emaranhado de histórias, que me aproximei do tema em 2009, me motivando a entendê-lo e desenrolá-lo desde então.

Depois de acompanhar Samira¹ (descendente palestina e estudiosa do tema) por diversas palestras, transcrevendo páginas e mais páginas sobre a história do conflito, eis, que no dia 17 de fevereiro de 2009, Samira chegou perto de mim antes de sua fala em um debate na universidade e disse: “para de copiar, Paulinha. Eu te passo todo o meu material depois”. Resultado, a escutei sem escrever pela primeira vez, percebendo, apenas na esfera do sensível, a potência de uma narrativa do conflito.

Em outras palavras, naquele dia e momento, senti o que hoje começo a compreender: o conflito Israel-palestino, envolve a produção e disputa de narrativas, assim como representa, na trajetória de Samira no Brasil, a tônica de sua própria vida. Pois narrar o conflito, seja em um paradigma hegemônico ou contra hegemônico, parece passar pelo seguinte tripé: [1] conquista da atenção alheia; [2] construção de legitimidades narrativas e [3] alcance de ganhos políticos, morais, culturais e territoriais. Sendo as narrativas, o segundo grande recorte da pesquisa depois do conflito Israel-palestino.

No início e, mais precisamente, no anteprojeto desta Dissertação (2013), queria me voltar ao confronto dos olhares nativos e estrangeiros do conflito, por meio de um estudo comparativo entre o acervo fotográfico de Samira e a cobertura imagética de três veículos brasileiros (jornal Folha de S. Paulo, revista Veja e Portal G1) que compunham o oligopólio midiático nacional². Objetivo: investigar um olhar nativo e estrangeiro sobre o próprio conflito a partir das construções imagéticas em questão, recortadas em quatro episódios de ofensiva: [1] primeira intifada³ palestina (1987-1993); [2] segunda intifada palestina (2000-

¹ Por questão de segurança, utilizarei nomes fictícios para todas as testemunhas citadas nesta Dissertação.

² O primeiro acervo, possuía cerca de 500 fotos no total e o segundo, era composto por 682 ocorrências fotográficas, com base nos episódios de ofensiva definidos para a pesquisa.

³ Levante palestino, marcado pelo lançamento de pedras contra militares israelenses, que representa também, o processo de insurreição palestina como um todo, sendo conhecido como revolução das pedras.

2005); [3] muros israelenses na Cisjordânia (2002-atual); [4] bloqueio e genocídio israelense à faixa de Gaza (2007-atual).

Entretanto, diante de questões objetivas e teóricas que surgiram ao longo do processo, como a incerteza de ter o acesso ao acervo de Samira e a contribuição das disciplinas e da orientação, a pesquisa se modificou, tendo como objetivo geral neste caso: investigar a produção e disputa de sentidos acerca do conflito Israel-palestino que se dão no espaço virtual, a partir das conversações de três categorias de sujeitos enunciativos: os especialistas (Benny Morris e Ilan Pappé), os líderes (Benjamin Netanyahu e Khaled Meshaal) e as testemunhas (Isaac e Nora).

Em relação ao recorte, o foco passou para o confronto de 2014 e não mais para os episódios de ofensiva, uma vez, que novamente, outro confronto se encontrava comigo: o primeiro, em 2009, quando me aproximei do tema e o segundo, em 2014, quando me propus a fazer uma pesquisa acadêmica sobre ele. Ambos, vale dizer, liderados pelas atuais forças hegemônicas do conflito, representando dois dos três episódios de confronto (2008/2009, 2012 e 2014) entre o Estado de Israel e a resistência palestina comandada pelo Hamas.

Em setembro de 2015, após a banca de qualificação, a pesquisa sofreu sua terceira e última modificação tomando a forma que agora se apresenta. O olhar sobre o conflito de narrativas se manteve, mas o foco nos atores, enquanto objetos e não como vozes e agentes das forças hegemônicas, foi substituído pelo foco no próprio conflito. Pois ao longo do processo, percebemos, que ao olhar para ele na medida em que acontece, as vozes naturalmente surgem como camadas de narrativas a serem puxadas revelando sentidos e disputas.

Logo, este é um trabalho, que busca sobretudo, compreender um conflito a partir de seus conflitos (e vice-versa) por meio de um movimento dialético – compreendido e desenvolvido ao longo da pesquisa –, em que se olha para um fenômeno enquanto processo e que por isso, se encontra em aberto. Afinal, o conflito Israel-palestino, tema deste trabalho, é algo que começa no século XIX, ou antes disso, perdura por todo século XX, ou antes disso e está mais vivo do que nunca no século XXI e quiçá depois disso.

Deste modo, além de não ter um início homogeneamente datado pelos teóricos, este dilema, diz respeito também, a uma disputa “territorial-narrativa” sem fim – termo meramente didático, uma vez que o territorial e o narrativo são inseparáveis. Sem fim, porque é assim que parece sê-lo na medida em que o conflito existe, persiste e, em alguns momentos, pode parecer eterno. E sem fim, porque o conflito literalmente não se findou, a ponto de se tornar, como diria Said (2012), uma das principais causas do século XXI.

Entretanto, mesmo que temporalmente seja mais difícil localizá-lo, o conflito Israel-palestino reside, aí sim de maneira bem determinada, em um território de muitos nomes e disputa se constituindo como fenômeno. Sendo esta, vale dizer, uma disputa liderada por forças hegemônicas e antitéticas (Estado de Israel *versus* resistência do povo palestino) que parecem querer a mesma coisa unicamente para si: um território e “A Narrativa” legítima e quiçá hegemônica sobre o conflito.

Dito isto, ao construir o objeto da pesquisa, descobrimos que se tratava de um fenômeno que parecia uma coisa *e* outra, ou seja, um fenômeno em movimento como são seus nomes. O que nos ajudou, vale ressaltar, a entender o conflito e depois a configurar o próprio trabalho que passou pelas seguintes etapas: revisão bibliográfica com foco nos conceitos que desvelam uma certa lógica existente por trás dos conflitos do conflito – incluindo suas camadas de referência – e análise das disputas narrativas ligadas ao confronto Israel-palestino de 2014, que ocorreu entre 12 de junho à 26 de agosto deste ano.

E foi assim, olhando para as criações e atualizações do conflito no contemporâneo, que construímos a atual pergunta desta pesquisa: de que modo a construção de binômios hegemônicos (o israelense e o palestino), que circulam e são colocados em interação no espaço virtual, produzem e disputam sentidos acerca do conflito Israel-palestino enquanto parte de um conflito de narrativas?

Sem a pretensão de dar uma resposta categórica e definitiva para esta pergunta, o que se quer, com este trabalho, é contribuir para o próprio entendimento do tema, melhorando os estudos do mesmo dentro do campo da Comunicação e influenciando positivamente, da maneira que for possível, nos próprios conflitos do conflito. Afinal, se for para pesquisar sobre um tema relevante e complexo como esse, que seja na base de uma pesquisa-militante otimista e utópica.

Organizada em três capítulos, esta Dissertação, se estrutura então da seguinte maneira: “Capítulo I: Conceitos e(m) conflito”, “Capítulo II: Histórico e(m) conflito” e “Capítulo III: Contemporâneo e(m) conflito”. No primeiro, abordamos conceitos basilares para a compreensão do fenômeno (conflito de narrativas), passando por reflexões e atualizações que abordam: do ato de narrar à experiência, das formas épicas aos processos de legitimação e das disputas narrativas à construção do binômio ligado as suas forças hegemônicas: o “israelense” *versus* o “palestino”.

Referências principais: Benjamin (1994), Resende (2009), Resende e Rossignoli (2015), além de Sarlo (2007) e Rancière (2010) para citar outros exemplos. Atendendo assim, ao primeiro objetivo específico da Dissertação: compreender os processos de produção,

legitimação e hegemonização de sentidos e narrativas, aprofundando o estudo nas reverberações geradas pela disputa e interação das mesmas.

O “Capítulo II: Histórico e(m) conflito”, se volta por sua vez, à apresentação e discussão de três núcleos de tensão narrativa que aparecem com uma certa recorrência nas narrativas do conflito: [1] conexão territorial judaica; [2] holocausto nazista e [3] Guerra de 1948, que culminou na formação do Estado de Israel. Pois, ao estudar a historiografia do conflito – que chegou a se constituir como um Capítulo – e, mais precisamente, o que se entende como as suas “origens” (CLEMESH, 2009, 2012, 2014; GOMES, A., 2001; MORRIS, 2008, 2014a, 2014b; PAPPE, 2008, 2011, 2014 et. al), foi possível identificar três núcleos históricos de tensão narrativa que apareciam nos conflitos do conflito, sendo, portanto, narrativas recorrentes, históricas e de referência.

Deste modo, além de elucidar o que possui uma certa “fixidez” nos conflitos de narrativas do conflito em questão, esse Capítulo, busca atender sobretudo, ao segundo objetivo específico da Dissertação: identificar camadas de referência do conflito Israel-palestino, a partir da reflexão sobre as disputas narrativas que existem em torno da historiografia do mesmo. Lembrando, que dentro dessa ideia de camada de referência, podem existir outras tantas, que possivelmente, já foram identificadas e estudadas por outros pesquisadores sob a mesma ou similar ideia.

De maneira orgânica e fluida, o “Capítulo III: Contemporâneo e(m) conflito”, se volta por fim, para a análise do último confronto Israel-palestino, pensando-o a luz do que se discutiu nos capítulos anteriores e tendo em mente, o que ele traz de novo em relação ao conflito em dois sentidos: [1] aquilo que parece específico e próprio ao confronto em questão. [2] Aquilo que parece uma atualização das camadas de referência (conexão territorial judaica, holocausto nazista e Guerra de 1948) que também o permeiam.

Logo, ao se debruçar sobre os conflitos do conflito, é possível perceber, que o que hoje se discute é, ao mesmo tempo, o velho atualizado e o novo que emerge no presente parecendo ser uma repetição eterna, de algo, que simultaneamente, tem anterioridade histórica e atualidade constante. O que neste caso, será observado a partir de um corpus de 4 entrevistas audiovisuais, 65 declarações em notícias e vários relatos que advém de outras interações, como conversas num grupo do *Whastapp* – onde acompanhei, durante o próprio confronto, a narração ao vivo de Nora, uma palestina que mora em Gaza.

E tudo isso, vale dizer, com o objetivo de analisar o conflito de narrativas entre as forças hegemônicas israelenses e palestinas a partir da leitura e reflexão dos sentidos produzidos e disputados por seus agentes durante o confronto de 2014. Sendo este, o terceiro

e mais longo confronto entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas, atual força hegemônica da resistência palestina.

Onde essa reflexão chegou? Há mais perguntas do que respostas, afinal, o objeto que aqui se estuda, é algo em processo, assim como tem sido a própria reflexão sobre o mesmo. E é assim, desprovida da pretensão de apresentar certezas, que esta Dissertação, busca, sobretudo, ser mais uma etapa de uma longa pesquisa sobre o tema. Pois, assim como o conflito Israel-palestino não se findou, o interesse sobre ele, enquanto objeto de pesquisa e militância, não se encerrará tão cedo.

2 CAPÍTULO I: CONCEITOS E(M) CONFLITO

2.1 Considerações iniciais

O conflito Israel-palestino, tema desta Dissertação, pode ser definido, em poucas palavras, como um acontecimento geograficamente localizado que existe há décadas ou milhares de anos, dependendo da interpretação e que envolve, por isso, disputas, narrativas, povos e nações para além das suas fronteiras oficiais, a ponto de ser considerado uma das grandes causas do século XXI (SAID, 2012). Mas, antes de abordar essa história e outras que a circundam, uma questão conceitual precisa ser esclarecida: a razão de adotar o termo Israel-palestino neste trabalho, uma vez, que a forma de o denominar carrega sentidos que precisam ser explicitados e legitimados.

Deste modo, além de justificar a utilização de um termo em detrimento de outro, a própria forma de nomeá-lo, vale lembrar, denota a existência de uma disputa de sentidos que aqui se estuda e que envolve o conflito Israel-palestino como um todo. Afinal, assim como a terra em questão, possui nomes distintos dependendo do contexto – indo de Judéia a Palestina e passando por Israel e Cisjordânia –, o próprio conflito também pode ser nomeado de maneiras diversas e é isso que agora se verá.

Conflito Israel-palestino, nessa configuração, foi um conceito apresentado por Samira⁴, baseado na ideia de que os atores do conflito são o Estado de Israel e o povo palestino. Além desse termo, ainda não identificado em outro lugar, existem, para citar outros três, conflito árabe-israelense (FINKELSTEIN, 2001; SAID, 2012; MORRIS, 2008; GAMSON, 2001; GOMES, A., 2001) que parte de um confronto maior entre israelenses e árabes que inclui palestinos; conflito entre palestinos e israelenses (KRAUSS, 2011), baseado na ideia do confronto específico entre esses povos e conflito Israel-Palestina (FINKELSTEIN, 2005; MORRIS, 2014a; PAPPE, 2011), que parte do confronto entre o Estado constituído de Israel e o Estado reconhecido da Palestina⁵.

De todo modo, apesar da relevância dos termos anteriores, neste trabalho, será adotado conflito Israel-palestino, que partirá, derivando da explicação de Samira, do confronto entre o Estado de Israel e a “resistência” do povo palestino. Sendo esta, uma derivação explicitada em breve, oriunda da junção de uma ideia de Samira com Nora, que servirá também, como

⁴ Conversas estas, realizadas ao longo de 2013, durante o desenvolvimento do anteprojeto desta Dissertação.

⁵ Pois, 132 países, reconhecem oficialmente a existência do Estado da Palestina (ONUBR, 2015), ao contrário do Conselho de Segurança da ONU, que rejeitou novamente o pedido de criação do mesmo (ONUBR, 02/01/2015).

referência para a compreensão dos lugares de fala hegemônicos discutidos no fim do Capítulo.

Israel, diferentemente do território delimitado aos palestinos e (re)conhecido por eles como Palestina, se configura como Estado, que é, ao mesmo tempo, uma representação oficial de uma certa sociedade e um dos imbróglis do próprio conflito, uma vez, que esta questão, como se verá, aparece na agenda dos processos de paz, reuniões da ONU e debates teóricos à temas e títulos de livro: “Um Estado, dois Estados: soluções para o conflito Israel-Palestina” (MORRIS, 2014a).

Além de distinguir a natureza dos atores, enquanto um se organiza como tal e o outro não, essa representação oficial, se tornou um elemento de disputa, já que reconhecer e manter o Estado palestino e israelense, respectivamente, parece envolver outras questões tais como: [1] permitir e viabilizar que ambos estruturarem-se dessa maneira, possuindo igualmente, povo, território soberano, governo autônomo, finalidade e relação com outros Estados como consta no Direito Internacional (MAZZOULI apud DE AQUINO, 2015). [2] Oferecer soluções definitivas para diversas questões, como: avanço dos assentamentos judaicos, retorno dos refugiados palestinos, problema das fronteiras e questão do reconhecimento da Palestina.

Por outro lado, para compreender o conceito proposto (Israel-palestino), vale reforçar, que independentemente da problemática em questão, o importante é entender que o conflito neste caso, parece formalmente liderado pelo Estado de Israel, mesmo que mude o governo e a aceitação interna sobre ele. Configurando, portanto, uma política de Estado que assinala o primeiro lado do confronto, ou melhor, assinala uma das forças ou poderes hegemônicos (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015) do mesmo. Justificando assim, a utilização do termo Israel em detrimento de judeu, judaico e assim por diante.

Os palestinos por sua vez, na impossibilidade de se organizarem dessa maneira, criam uma representação alternativa, chamada de “resistência” (Nora, 20/08/2014)⁶ do povo palestino, conforme define uma moradora de Gaza. Nessa visão, é a vinculação interna de uma representação com o povo, o Hamas atualmente, que parece suprir a ausência do “Estado Árabe Independente – palestino – que ainda está para ser estabelecido” (ONUBR, 2015). Lembrando, que nessa configuração, existem limitações deliberativas em âmbito nacional e internacional por não se tratar de um Estado propriamente dito.

O conceito, apresentado por Nora (24 anos na época), demonstra a unidade dessa representação e, quase entidade assim como o Estado, além de uma certa independência

⁶ Data da primeira utilização do termo (“resistance”, no caso) desde a minha inserção (11/08/2014) num grupo do *Whatsapp*, composto majoritariamente por árabes e muçulmanos, onde Nora relatava seu cotidiano ao vivo.

perante os partidos e/ou organizações temporalmente e localmente à frente do conflito. Pois, quando se fala em “resistência”, se fala, por conseguinte, de uma entidade que hoje é o Hamas na faixa de Gaza e o Fatah (grupo majoritário da Autoridade Nacional Palestina) na Cisjordânia, mas que amanhã podem ser outros.

Ademais, utilizar o termo “palestina”, associando-o a ideia de resistência palestina com “p” minúsculo, poderia levantar uma confusão com Palestina (“P” maiúsculo) que está mais ligada a noção de Estado e ao termo Israel-Palestina (FINKELSTEIN, 2005; MORRIS, 2014a; PAPPE, 2011). Explicando assim, a junção dos enquadramentos de Samira (povo palestino) e Nora (resistência deste povo) para o conceito proposto.

Logo, pode-se dizer, para finalizar, que a ideia desse termo é tentar caracterizar os líderes hegemônicos do conflito num conceito (Israel-palestino) que dê conta disso sem se tornar uma categoria absoluta e pretensamente definitiva. Sendo estas, portanto, as razões para utilizar o termo inspirado em terceiros e conceituado para este trabalho. Ademais, ao desenvolver esta reflexão, se mostra e compreende também, que o conflito Israel-palestino é permeado por disputas territoriais e narrativas, lembrando, como já se pontuou, que essa “separação” é mais didática do que fenomenológica.

Deste modo, mais do que inaugurar conceitos, o que se quer, nesta apresentação, é demonstrar que a disputa narrativa estudada é parte integrante de um conflito como um todo, que passa da forma de nomeá-lo à materialidade de seus confrontos territoriais. Distanciando, por fim, de abordagens que restrinjam o objeto a uma coisa *ou* outra e se aproximando de leituras que o veem como uma coisa *e* outra de maneira simultânea e inseparável. Até porque, tratando-se de conflitos a longo prazo, como é o caso do Israel-palestino, as disputas territoriais produzem os textos e os textos produzem tais disputas.

2.2 O ato de narrar e a experiência

“Eu preciso falar!”. Essa é a frase que parece sintetizar o espírito dos narradores do conflito e, em especial, dos palestinos conhecidos ao longo dessa pesquisa. Samira, a primogênita e descendente palestina obstinada em contar a história de sua família e seu povo. Nora, uma jovem moradora de Gaza, que relata seu cotidiano ao vivo num grupo do *Whatsapp*. E Mohamed, um recém refugiado palestino, que parece por isso, particularmente incumbido a narrar. No entanto, por mais familiar que essa figura pareça ser, para Benjamin (1994), “o narrador não está de fato presente entre nós” (p. 197).

Intrinsecamente ligada a oralidade e experiência, narrar, para o autor, seria a arte de relatar o vivido, uma vez, que para ele, narrar é “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 197) tendo a experiência como fonte e a oralidade como meio ou referência de meio – haja vista, que dentre seus tipos de narrativa, a oral e a escrita, a segunda é melhor quanto mais se aproximar da primeira. Mas, antes de entrar na atualização necessária do conceito, vale sintetizar a hipótese benjaminiana em questão.

Para o filósofo, a narrativa está em via de extinção, porque a sua fonte (experiência) está em crise, e a sua fonte está em crise, porque no século XX o homem perdeu a capacidade de narrar por duas razões: [1] trauma causado pelas guerras e suas experiências “radicalmente desmoralizadoras”⁷ (BENJAMIN, 1994) e [2] mudez narrativa causada pela proliferação de práticas modernas burocratizantes e limitadoras (RESENDE, 2009). Sendo isto, para ele, o que teria inaugurado as formas de comunicação desprovidas de experiência: a informação e o romance, ambas conceituadas no próximo item deste Capítulo.

Logo, pode-se dizer, de maneira sintética, que a hipótese de Benjamin (1994) sobre a decadência do ato de narrar seria: se as ações da experiência estão em baixa, o narrar, que é o intercâmbio das mesmas, entra em via de extinção na medida em que na ausência da sua fonte, a narrativa deixa de existir.

De todo modo, entender essa hipótese e análise, é também localizá-la no contexto da sua emergência e fazer isto, como diz Fernando Resende (2009), é olhá-la sob a luz de “todo o processo de desagregação e esfacelamento social, trazido principalmente, pela experiência da guerra e, de modo mais amplo, pela modernização sociocultural que perpassava o mundo como um todo.” (p. 34). Dito isto e lembrando as razões benjaminianas para a baixa da experiência (vivência traumática e burocrática), pode-se entender, porque o autor acreditava que a narrativa estava em decadência.

Por outro lado, enquanto Benjamin (1994) acreditou que as experiências extremas do século XX liquidaram “a experiência transmissível e, por conseguinte, a experiência em si mesma” (SARLO, 2007, p. 25), o que emerge logo após a sua morte, é o reconhecimento de um “caso-limite” (SARLO, 2007) associado a uma profusão de dizeres sobre o indizível. Em outras palavras, após a ocorrência do próprio fato, o mundo passou a reconhecer o “caso-limite” (SARLO, 2007) do holocausto nazista (1933-1945) – pouco por culpa, pouco por

⁷ Para o autor, “nunca houveram experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes.” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

obrigação (NOVISNKI, 1995)⁸ –, assim como seus sobreviventes passaram a relatá-lo, demonstrando, ao contrário do que Benjamin (1994) parecia acreditar, que as testemunhas não estavam mudas e incapazes de narrar o que viveram. Sendo o relato de Primo Levi (“É isto um homem?”), sobrevivente de Auschwitz, um dos principais testemunhos sobre essa história e possível exemplo para a discussão.

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos com a intenção e concepção, o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de libertação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente. (LEVI, 1988, p. 8).

Deste modo, por mais indizível que a experiência extrema seja e por mais limitada que a própria narrativa também o é, afinal, ela não é a experiência em si, o ato de narrar, no caso dos sobreviventes do holocausto nazista como é o caso de Primo Levi, acontece segundo Rancière (2010), por que se deve e se deve, segundo o autor, justamente porque não se quer e não se pode fazê-lo. Pois, para ele: “não é o conteúdo do seu testemunho que importa, mas sim o fato de a sua palavra ser a de alguém a quem o intolerável acontecimento, que deve ser contado, retira a possibilidade de falar.” (RANCIÈRE, 2010, p. 136). Ou seja, testemunhar, é também ser a voz de um terceiro (o não sobrevivente) que não pode relatar a sua experiência.

Para Rancière (2010), por mais extrema que tenha sido a vivência de quem a narra, ela nunca será tão extrema como a experiência de quem está desprovido da possibilidade de narrar. Pois, as testemunhas dos “casos-[mais]-limites” – parafraseando Beatriz Sarlo (2007) – e quiçá das “experiências mais radicalmente desmoralizadoras” (BENJAMIN, 1994), são, nessa visão, aquelas que justamente não estão mais aqui. Em outras palavras, são as testemunhas que viveram, o que talvez, há de mais radical nessa vida: a morte a partir de uma experiência limite.

Desta forma, por mais difícil que seja, narrar, para os narradores possíveis dessas experiências, parece uma questão de dever para com três sujeitos como mostra Primo Levi (1988) e Rancière (2010): [1] a testemunha que não existe mais; [2] si próprio, enquanto

⁸ O que também será discutido no Capítulo II, tendo em vista, a reverberação internacional que ocorreu no campo teórico (AGAMBEN, 2008; FINKELSTEIN, 2001; NOVINSKI, 1995; RANCIÈRE, 2010; SARLO, 2007; et. al), sobre a reflexão das reflexões do holocausto nazista.

testemunha que também o é; [3] a “não-testemunha” que não viveu a experiência, mas precisa tomar conhecimento da mesma.

Dito isto, narra-se para evitar o retorno ou a continuidade do horror vivido, como narra-se para representar as testemunhas ausentes e/ou presentes de seus “casos-limites” (SARLO, 2007). Tanto, que quem sobrevive, muitas vezes é tomado por uma culpa de ter sobrevivido como se não tivesse sido a verdadeira testemunha de um “caso-limite” (SARLO, 2007). Afinal, mesmo que todos lutem para viver, viver nesse caso, é deixar de ser um mártir, ou seja, é deixar de ser o representante da experiência mais extrema de ser vivida.

Mas, apesar do dilema moral que a testemunha vive, a ponto por exemplo, de muitas se suicidarem após viverem um “caso limite” (SARLO, 2007) – como aconteceu com Primo Levi –, segundo Beatriz Sarlo (2007), o testemunho, que também é libertador, é o que une o corpo e a voz ou a experiência e a oralidade como diz Benjamin (1994), inserindo a presença real de um sujeito numa certa cena do passado.

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência [diferentemente do que acreditava Benjamin], redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. (SARLO, 2007, p. 24, complemento meu).

E transformá-la em algo comunicável, já num processo de atualização do conceito, é atribuir “nexos e sentidos, transformando os fatos captados por sua percepção em símbolos mais ou menos complexos [passíveis de transmissão e comunicação]” (BAITELLO JR. apud RESENDE, 2009, p. 34, complemento meu). Pois a narração, para começar, é o ato de recontar histórias e criar sentidos sobre as experiências do homem no mundo, seja ela, advinda do sujeito ou de terceiros. O que Benjamin (1994) já pressupunha, pois para ele, o narrador conta aquilo que vem da experiência dele e dos outros.

Logo, no universo do narrador, narrar a partir do relato do outro, não é necessariamente falar sobre um fato que não pertence a sua experiência. Quando Mohamed, relata o cotidiano de Gaza por meio do registro de quem está na Palestina, diferentemente de Nora, ele também está narrando e vivenciando o conflito, assim como vivenciara quando estava em sua terra natal. Deste modo, assim como a testemunha que não morreu, é tão filha de um “caso-limite” (SARLO, 2007) como aquela que ela mesmo representa, o narrador do conflito, que não está na “área de conflito”, também tem propriedade, direito e dever de narrar sua história. Até porque, a própria ideia de “área de conflito”, como se verá, está muito além dos espaços geograficamente demarcados como tal.

Dito isto, quando Mohamed narra sua história, o que ele parece fazer, é criar e difundir como Levi (1988) faz, “modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive.” (RESENDE, 2009, p. 34). Lembrando, que entender o vivido de Mohamed, é entendê-lo a luz da sua atual situação: um olhar geograficamente “de fora” (do refugiado) sobre um mundo que também se vive por dentro (o mundo do conflito). Pois para ele, assim como para Samira, narrar é contar e recontar as histórias que permeiam as suas vidas, sendo o conflito, um fato captado pela percepção (BAITELLO JR. apud RESENDE, 2009), que de fato atravessa, toca e faz parte da experiência desses sujeitos particularmente incumbidos de narrar.

Neste sentido e se tratando de experiência e narrativa, pode-se dizer: [1] a experiência, num sentido ampliado do termo, engloba o que o narrador viveu e/ou captou da vivência alheia, distanciando-a de um sentido restrito ao ato de testemunhar. [2] Narrar, que de todo modo advém da experiência, não se restringe, nessa perspectiva, ao que provém da oralidade ou de uma dada forma épica. Pois, como diria Resende (2009), “(...) se voltamos ao tempo em que as histórias eram contadas por quem as havia ‘experenciado’, [o ato de narrar] de fato se perde com as mudanças que dão sentido ao mundo moderno [e quiçá contemporâneo].” (p. 34, complemento meu).

Deste modo, enquanto há um certo consenso sobre o reconhecimento da experiência no ato de narrar (BENJAMIN, 1994; RESENDE, 2009), a forma como ela se configura e, que agora se discutirá, parece de fato distinta. Afinal, o que filósofo alemão chamará de formas épicas, são, para Resende (2009), tipos de narrativas que de uma forma ou de outra, narrarão as mais diversas experiências humanas.

2.2.2 Narrativa e um pouco de legitimidade

Para os narradores do conflito: a materialização da própria existência. Para Resende e Robalinho (2014): gestos de atualização de um povo no presente. Para Walter Benjamin (1994): uma forma épica. Isto é, de maneira introdutória e breve, a narrativa em seus sentidos diversos e complementares que será conceituada como se fez anteriormente: começando com Benjamin (1994), culminando em atualizações recentes, e tendo como fio condutor, a ideia e a discussão preliminar sobre processos de legitimação.

Segundo Resende e Rossignoli (2015), a pesquisa sobre as narrativas de conflito “evidencia que a busca pelo verdadeiro é menos importante do que o escavamento do processo em que se inscrevem as lutas (e possivelmente as verdades) que se escondem atrás dos poderes que engendram e narram o conflito.” (p. 3), estando entre elas, a luta pela

legitimação das narrativas, cara a conflitos de longa duração. O que não diz respeito, vale dizer, a defender ou refutar a existência de verdades, pois as narrativas nesse contexto são compostas por camadas, histórias e sentidos diversos.

Deste modo, mais do que centrar-se na busca por uma verdade, entendendo a variabilidade da mesma diante do enquadramento, o problema neste caso, tanto para os autores como para a pesquisa em questão, é entender a lógica que existe por trás dos conflitos do conflito Israel-palestino, ou seja, entender o *modus operandi* das forças hegemônicas que o engendram e o narram, estabelecendo os conflitos de narrativas que aqui se analisa.

Em “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (BENJAMIN, 1994), Benjamin (1994) elenca três formas épicas de comunicação, sendo a narrativa uma delas junto com o romance e a informação. Nesse sentido, além de estar em crise e em via de extinção, para ele, a narrativa parece ser uma forma específica de comunicação, sendo a única com legitimidade para se afirmar como tal.

No entanto, para Resende (2009) e “ao contrário do que pensa Benjamin, o romance [assim como a reportagem e a notícia] é, ele próprio, um tipo de narrativa.” (p. 34, complemento meu) tendo, por isso, legitimidade para se afirmar como tal, sem ter que se enquadrar na noção de narrativa de Benjamin (1994).

Dito isto, porque pensar sobre as formas épicas desse autor? Apesar da sua passibilidade de atualização, a discussão está ligada a disputa narrativa entre israelenses e palestinos. Pois, ao conceituar essas três formas de comunicação, Benjamin (1994) levanta, de alguma maneira, questões ligadas a processos de legitimação que se escondem, como dizem Resende e Rossignoli (2015), “atrás dos poderes que engendram e narram o conflito” (p. 3). Sendo esta, vale ressaltar, a razão principal de dissertar sobre o assunto, ultrapassando uma ideia de apresentação, também necessária, do sentido clássico do termo.

Ligada as reportagens e notícias, a informação, para Benjamin (1994), costuma ter o “puro em si” (BENJAMIN, 1994) dos acontecimentos próximos (no tempo e no espaço) como fonte, a realidade como justificativa e a novidade como valor. Precisa ser compreensível em si e para si a fim de informar, recorrendo por isso, a explicações plausíveis e verificáveis para construir seu relato, estando, em poucas palavras, mais ligada à imprensa.

Entretanto, isto não quer dizer, vale reforçar, que esta é a forma como a informação deveria se constituir para o autor. Pois, o que ele parece fazer neste caso, é caracterizar o que percebia compor a informação em um determinado contexto. Deste modo e feita a devida ressalva, além de parecer pressupor a existência de um “puro em si” (BENJAMIN, 1994) dos acontecimentos, Benjamin (1994) dá a entender, que no caso da informação, o seu valor

costuma estar na novidade do fato. Sendo, portanto, mais perecível e, por conseguinte, efêmera.

Dito isto, entende-se por exemplo, porque o critério de noticiabilidade da imprensa, ainda ligado a noções modernas, parece mais vinculado à atualidade dos fatos, ou ao que acontece agora, desvinculando-se da experiência segundo o autor.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação. (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Deste modo, se o relato for objetivo e imparcial “o que aconteceu é o que aconteceu”. Sendo esta, a perspectiva clássica do jornalismo, baseado na visão moderna de verdade preponderante no contexto em que Benjamin (1994) escrevia e quiçá atualmente. Pois, se na perspectiva tradicional da narrativa jornalística, o real e a verdade são seus referentes e a imparcialidade e objetividade operam seus sentidos (RESENDE, 2009), a informação, enquanto produto jornalístico que é, realmente parece mais próxima da noção benjaminiana desta forma épica, do que de narrativa.

Associada a uma outra relação de legitimidade, a narrativa ou epopeia, costuma ter para Benjamin (1994), a experiência como fonte, a realidade como justificativa e a potência de transmissão como valor, uma vez, que nessa leitura, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (BENJAMIN, 1994, p. 205), de novo e de novo. Está ligada a oralidade e a um saber que vem de longe no tempo (tradição) e/ou no espaço (terras estranhas), podendo se libertar das explicações verificáveis por um lado e diferentemente da informação e podendo recorrer, por outro, aos relatos miraculosos, extraordinários e interpretáveis.

Dito isto e nessa perspectiva, narrar, parece então, contar histórias no sentido clássico do termo, ou seja, transmiti-las por meio da oralidade como Samira o fez na maior parte dos nossos contatos. Ademais, e segundo Benjamin (1994), narrar seria também, falar sobre aquilo que vem de longe no tempo e no espaço. No entanto, ao relembrar as narrações de Nora por meio do *Whatsapp* e da linguagem escrita, o que se percebe sobretudo, é que esta experiência mediada, que não deixa de ser uma narração na própria perspectiva de Benjamin (1994) (intercâmbio de experiências), está centrada no relato ao vivo de uma testemunha do conflito que o vivencia e o relata de maneira imediata.

De todo modo, ainda que a experiência também confira legitimidade ao que se diz, como é o caso de Nora – afinal “o que se viveu também é o que se viveu” –, a ausência de

explicações verificáveis, levanta uma tensão entre o que se vive e o que se conta, na medida em que narrar, para Benjamin (1994), pode estar ligado ao miraculoso, extraordinário e interpretável, mesmo que isto não seja um elemento obrigatoriamente presente nas narrativas como o próprio autor pontua. Até porque, dependendo do contexto, como é o caso Israel-palestino, recorrer ao miraculoso e extraordinário, pode soar como algo falso que se aproxima da forma épica do romance.

Dito isso, o que seria mais legítimo e quiçá, mais próximo de uma “verdade”? O que se viveu ou o que aconteceu? E mais, o que aconteceu, é de fato, o que se informou e o que se viveu é também o que se narrou?

Desprendido de tais dilemas e corresponsável pela decadência da narrativa junto com a informação, o romance para Benjamin (1994), costuma ser um texto que tem como fonte a criatividade do escritor, sendo este, um sujeito que o produz isoladamente e o segrega da realidade externa, levando o incomensurável ao seu limite e criando leis internas que o justificam. Em outras palavras, o romance possui uma realidade compreensível a sua própria lógica e é, por isso, o que se escreve e não necessariamente o que acontece ou o que se vive.

Deste modo, no contexto dos conflitos de narrativas que aqui se estuda, se afirmar ou ser vinculado pelo outro como próximo do romance, pode não ser, como se verá, a melhor forma de se legitimar enquanto a “melhor narrativa” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015) do conflito. Sendo esta, por exemplo, a forma como o historiador israelense Benny Morris (2008) tenta classificar a obra de seu contemporâneo Ilan Pappé:

Seus “heróis”, diz ele, são as “mulheres, crianças, camponeses, trabalhadores, moradores de aldeias humildes, pacifistas, ativistas dos direitos humanos” – e seus “vilões... os arrogantes generais, os políticos gananciosos, os estadistas cínicos e os homens misóginos”. [Deste modo, continua o autor,] (...) muito do que Pappé tenta vender aos seus leitores é uma completa fabricação. (complemento meu).

Baseado nessas reflexões e sem levantar um processo de categorização dos relatos⁹, faz-se necessário, para começar, reconhecer a possibilidade de existirem narrativas impuras – mesmo partindo da lógica de Benjamin (1994) –, que contenham um pouco de experiência, acontecimento e/ou ficção sem que isso as torne menos legítimas de produzirem sentido. Lembrando, que quando se diz impura, se diz, neste caso, a partir da noção benjaminiana das formas épicas que parecem pressupor uma certa pureza, uma vez, que ao determinar suas características, o autor as categoriza de uma certa maneira, mesmo que não as coloque como

⁹ Categorização, que no caso de Benjamin (1994), parece mais vinculada ao autor e, portanto, a uma reflexão que se baseia nos processos de produção (e não de recepção) dessas formas épicas.

algo fechado e homogêneo. Até porque, para Benjamin (1994), o narrador ou “cronista secularizado” (BENJAMIN, 1994) que ele vê em Leskov, é um ser híbrido que está entre o historiador e o cronista, assim como a narrativa pode ser uma epopeia secular, que está na intersecção da história natural e sagrada.

Deste modo, mais do que ser uma coisa *ou* outra, essa questão, parece passar também, por outros elementos que lhe conferem legitimidade, tais como: conexão com determinadas forças hegemônicas que se verá adiante. E é assim, vinculando-se primeiro, a ideia impura de narrativa de Benjamin (1994), que se começa a aproximar de uma atualização do próprio conceito.

Logo, mais do que se debruçar sobre as características das formas épicas do filósofo, o importante, para este trabalho, é pensar na disputa que elas levantam, começando pela tentativa de se constituírem enquanto a melhor ou mais legítima forma de comunicação (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015). Ademais, se o discurso para começar, “é o lugar onde o acontecimento se configura em sentido” (RICOUER apud RESENDE, 2009, p. 32), a narrativa pode ser o local onde o acontecimento, a experiência e a subjetividade – unindo a fonte das formas épicas de Benjamin (1994) – se configuram como tal. Até porque, é nas narrativas, como diria Resende (2009), que os modos, contextos e sujeitos se instalam.

Por outro lado, e continuando com Ricouer (apud RESENDE, 2009), a narrativa “é o lugar onde o acontecimento se configura em sentido *através de um processo que gera lacunas*” (p. 32, destaque meu), não sendo portanto, nem acontecimento ou experiência em si. Nesse sentido, por mais “eficaz” que seja a sua representação, a narrativa nunca conseguirá reproduzir o que se viveu ou o que aconteceu. Sendo insuficiente, mas não falsa ou ilegítima.

Dito isto, quando Primo Levi (apud AGAMBEN, 2008), sobrevivente do holocausto nazista, diz que Auschwitz é “indizível”, “incompreensível” e “inenarrável” – como os palestinos também se referem à própria experiência –, o que ele parece fazer, é demonstrar a lacuna existente entre vivenciar o campo de concentração e representá-lo por meio de um livro. Esse campo existiu, Primo Levi o viveu, mas sua narrativa, como ele demonstra e Ricouer (apud RESENDE, 2009) conceitua, parece sempre gerar a lacuna entre representação e experiência e/ou acontecimento.

Por fim, além de gerar lacunas, a narrativa, como diz Ricouer (apud RESENDE, 2009), “(...) se nutre dos vazios que instaura” (p. 32), sendo esta, por exemplo, a razão de Rancière (2010) dizer que o irrepresentável representa. Afinal, o silêncio que ele relata no caso abaixo, diz muito sobre o que se quer dizer.

Quando o barbeiro [e testemunha do holocausto nazista] suspende o seu relato, quando não consegue continuar a falar e a voz *off* o manda continuar, o que entra em jogo, o que serve de testemunho, é a emoção estampada na sua figura, são as lágrimas que ele tenta reter e as que tem de enxugar. (p. 137, complemento meu).

Outro exemplo: quando perdemos a comunicação com Nora, no dia 19 de agosto de 2014, o seu silêncio, há sete dias do fim do confronto Israel-palestino daquele ano, foi o irrepresentável que talvez mais representou. Pois, se tratando de uma relação virtual, ela era, para os interlocutores do grupo do *Whatsapp* que residiam fora de Gaza, uma existência simbólica enquanto matéria no tempo, ou seja, uma voz e, sobretudo, um corpo que se materializava na medida em que falava conosco no tempo presente.

Deste modo, por mais que não fosse possível tocá-la, assim como Samira fez ao me pedir que não transcrevesse sua fala¹⁰, Nora se fazia presente neste grupo do *Whatsapp*. Em outras palavras, ela não era e nunca foi apenas uma voz que narrava o conflito. Ela era Nora, uma jovem de 24 anos, que sempre morou em Gaza e que, de fato, se materializava por meio de sua narrativa. Sendo esta, portanto, a razão de não saber o que tinha acontecido com ela até voltar a se comunicar, como se vê no trecho da conversa abaixo¹¹ (TAB. 1) – o diálogo original está no Apêndice D, p. 147:

Tabela 1 – Trechos do diálogo e não diálogo com Nora

(continua)

Dia	Interlocutora	Horário	Fala
19/08/2014	Nora	20h30m	Os estilhaços das bombas acertaram minha janela / Não há o número exato de vítimas agora* [*] Última mensagem da Nora neste dia.
	Paula Lima	21h22m	Nora? Como você está???
	Pessoa 1	21h22m	Olá nora / Apenas diga tudo bem / Nós estamos preocupados com você
	Pessoa 1	21h23m	Diga apenas que está bem
		21h28m	Sem notícias de gaza....Eu acho que há um problema
	Paula Lima	21h41m	Oh deus.... Sério, Pessoa 1? Nenhuma notícia de Gaza???? Nenhuma notícia de Nora???
(...)			

¹⁰ “Para de copiar, Paulinha. Eu te passo todo o meu material depois” – lembrando as palavras de Samira antes de uma palestra na universidade, no dia 17 de fevereiro de 2009, relatado na Introdução da Dissertação.

¹¹ Baseado no horário de Brasília. Lembrando que a sua diferença, com o fuso de Gaza, são de +4 horas. Deste modo, para ver a que horas Nora leu e respondeu minhas mensagens, basta somar este valor aos respectivos horários da tabela.

(conclusão)

20/08/2014	Pessoa 1	05h20m	Nora está bem
	Paula Lima	06h01m	Oh... Isto é ótimo! Uma boa notícia entre as terríveis notícias...
	Pessoa 5	06h17m	nora está bem / ela é minha irmã
	(...)		
	Nora	06h20m	Bom dia / Eu estou bem e segura* [*] Primeira mensagem de Nora sobre o acontecido.

Fonte: Arquivo pessoal, tradução e destaque meus.

Lida esta conversa e lembrando do exemplo do barbeiro de Rancière (2010), pode-se perceber, que se tratando de produção de sentido, dizer não é só falar. Isto é, o que não se diz, diz tanto (e as vezes mais) como o que se diz.

Terceiro exemplo: durante a fala de Samira na palestra citada na Introdução, me emocionei durante a sua leitura de um poema (ANEXO A, p. 157), a fazendo me mandar esta mensagem no dia seguinte: “Obrigada por sua emoção. Tocou minha alma... tocou a alma de meu povo.”. Sendo esta, vale dizer, uma fala que representa tanto como o meu choro, pois ter esse nível de reconhecimento de uma militante e, sobretudo, de uma descendente palestina, é muito simbólico.

Ademais, além do não dito representar mais ou tanto quanto o dito, existe também, outra questão que merece ser ressaltada: o que se entende, as vezes não é o que se diz e o que não se diz, as vezes é o que se entende. Contendo aí, o interpretável que Benjamin (1994) parece vincular à narrativa, mas que está, como se soube a partir dos primeiros estudos de recepção, vinculado a qualquer forma de comunicação. E é aí, na intersecção do dito com o não dito, que o sentido se daria como dizem Resende e Rossignoli (2015):

De acordo com Orlandi (2007), nas construções narrativas, o que é dito tem relação com o não dizer (não dito, mas presente): “sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (p. 82). Portanto, o dito traz consigo um pressuposto que não está materializado na narrativa, mas impregna a mesma com sua presença [ou seja, se faz entender] (p. 8-9, complemento meu).

Logo, o discurso, segundo Ricouer (apud RESENDE, 2009) e a narrativa nessa visão, “é o lugar onde o acontecimento [e a experiência] se configura em sentido, através de um processo que gera lacunas e, ao mesmo tempo, se nutre dos vazios que instaura.” (p. 32, complemento meu), ou seja, se nutre do dito e do não dito. Em outras palavras, a narrativa “é um lugar em que representações e mediações são indissociáveis” (RESENDE, 2009, p. 31) na

medida em que narrar, como diria Resende (2009), é criar sentido e recontar as histórias sobre as experiências do homem no mundo.

2.3 Narrativas de conflito e vice-versa

Representar, mediar, gerar lacunas e se nutrir de vazios (RESENDE, 2009; RICOUER apud RESENDE, 2009), tudo isso parece remeter a duas questões acerca das narrativas: [1] o que se narra, não é literalmente, o que aconteceu ou o que se viveu. [2] O que se narra, não é necessariamente, o que será entendido como tal. E é neste ponto, que entra a questão da disputa por legitimidade. Dito isso, além de criar sentidos e recontar histórias, narrar também parece ser disputar sentidos e legitimar histórias.

Mas, antes de entrar nessa discussão, é importante apresentar o que se entenderá como narrativas de conflito, afinal, neste trabalho, são elas que estão em jogo, criando e disputando sentidos, recontando e legitimando histórias e representando e produzindo conflitos. Pois, é numa leitura similar a Resende e Robalinho (2014), que essa pesquisa também se configura: “Este artigo [no caso dos autores] parte de uma pesquisa sobre *narrativas de conflito*, na qual o conflito Israel/Palestina é pensado como deflagrador da problemática da fronteira como lugar de relação e de delação do próprio conflito.” (p. 3, complemento e destaque meus).

Logo, o termo remete, para começar, ao que parece subtendido à própria junção das palavras: narrativas / de / conflito. Entendendo o “conflito”, como elemento adjetivador da “narrativa”, que lhe confere como tal, qualidade, natureza, estado etc., caracterizando o objeto de Resende e Robalinho (2014) que também compõe este trabalho (as narrativas de conflito) (RESENDE, ROBALINHO, 2014), ou mais precisamente, as narrativas do conflito Israel-palestino, como o lugar de relação e delação do mesmo, ou ainda, em uma paráfrase dessa ideia, como o lugar de produção e representação de conflitos. Pois além de representar, as narrativas também produzem conflitos como se verá.

Pensado antes do conhecimento do termo anterior, conflitos de narrativas era, em uma ideia embrionária, uma “disputa discursiva conectada à problemática existencial como um todo [que] suscita reflexões importantes em relação aos conflitos do conflito” – trecho do anteprojeto desta Dissertação. Sendo esta, portanto, uma reflexão originalmente fundada em dois princípios: [1] o simbólico parece estar submetido a uma “coisa” e é, por isso, um elemento secundário em relação ao primeiro. [2] O simbólico parece existir, porque existe a “coisa” e nunca vice-versa. Estabelecendo assim, uma aparente relação hierárquica entre tais

elementos, além de um fluxo de mão única que iria da “coisa” ou problemática existencial ao símbolo ou disputa discursiva, mas nunca vice-versa.

Entretanto, após o amadurecimento do entendimento do conceito, “narrativas de conflito” (RESENDE, ROBALINHO, 2014), passa a ser entendido então, como parte de uma dupla e única dimensão simbólica-coisal do dilema Israel-palestino, sendo símbolo, mas não só símbolo. Pois aqui, a “coisa” e o símbolo, o vivido e o narrado, o representado e a representação, são partes e parte do próprio conflito e do mesmo fenômeno. Não dando, portanto, para separar um elemento do outro no sentido fenomenológico.

Exemplo: se o primeiro abalo à tradicional narrativa sionista, surgiu com a emergência da Nova História¹², gerando conflitos a partir de narrativas, pode-se dizer, que o retorno da Velha História e da narrativa sionista tradicional, se deu, neste caso e segundo Pappe (2008), a partir das mudanças do contexto, gerando agora, narrativas a partir de conflitos. Pois, na perspectiva desse autor, enquanto as narrativas da Nova História eram aceitas no período do Processo de Oslo (1993)¹³, com a deflagração da primeira intifada palestina e, com a explosão de novos confrontos, elas voltaram a ser rejeitadas. Gerando assim, histórias a partir de conflitos, conflitos a partir de histórias e assim sucessivamente.

Logo, apesar da narrativa não ser o conflito em si, uma vez que a representação nunca pode ser a “coisa” representada, ela, de certa maneira, também o é, pois produz conflitos além de torná-los visíveis, na medida em que a “coisa” só pode ser percebida quando vira objeto de representação. Dito isto, para existir enquanto “coisa”, ou mais precisamente, enquanto disputa territorial, o conflito precisa existir como símbolo, ou seja, como disputa narrativa e vice-versa.

Desse modo, estudar e entender as narrativas de conflito e o conflito de narrativas, é estudar e entender os objetos e processos que representam e produzem conflitos, sendo, ao mesmo tempo, símbolos e “coisas” passíveis de comunicação. Afinal, criar e produzir conflitos, é também, criar e disputar sentidos sobre as experiências do homem no mundo tanto nas terras como nos textos (ou vice-versa).

¹² Divisão da historiografia israelense, que se deu a partir do surgimento dos Novos Historiadores nos anos 1980. Sendo este, um “(...) movimento cultural e político de revisão do passado num certo presente, [que] representou no campo da História, a reescritura comum e não premeditada do relato historiográfico sobre a criação do Estado de Israel (1948), instaurando físsuras e conflitos de narrativas que permanecem presentes.” (GOMES, P., 2015, p. 1, complemento meu).

¹³ Representa uma série de acordos firmados entre Isaac Rabin (Primeiro-ministro de Israel) e Yasser Arafat (Presidente da Organização para a Libertação da Palestina), por intermédio do governo dos Estados Unidos, voltados, teoricamente, à formalização de um processo de paz entre israelenses e palestinos.

2.3.1 O que se disputa

O que se narra e, como já foi dito, o que representa e produz conflitos, não é, necessariamente, o que será entendido como tal. Afinal, o que se entende, como Benjamin (1994) demonstra, seria o que o narrador e o ouvinte constroem no momento da narração. E o que se constrói, acrescentaria Ricouer (apud RESENDE, 2009), é também o que não se diz. Pois, como se conceituou, a narrativa gera lacunas e se nutre dos vazios que instaura.

Deste modo, assim como “decifrar o enigma da comunicação é ter que se haver (...) com o paradoxo da incomunicabilidade” (RESENDE, 2009, p. 31), já que o não comunicável existe assim como o não dito também, decifrar o enigma das narrativas de conflito é ter que se haver com o paradoxo do inenarrável. Tanto no que se refere àquilo que a narrativa não dá conta de representar, como no que o ouvinte interpretará a partir dela. Pois a comunicação, como diria Resende (2009)

(...) acontece em algum lugar para fora do que entendemos como sentido. Ela se dá na dimensão de uma força ilocucionária, própria de um “jogo da linguagem”, que só se realiza por que quem fala “tem a intenção de que o outro saiba que ele tem a intenção de”. (p. 32).

E é isto que Odin (2012) chamaria de contrato estabelecido entre autor leitor, o que pode ser chamado aqui, de narrador-ouvinte. Para ele, mais importante do que a existência “da realidade ou não realidade do representado (...) [é] a imagem que o leitor faz do Enunciador.” (ODIN, 2012, p. 14, complemento meu). O que não quer dizer, vale ressaltar, que é isto que o autor acredita ser mais importante, pois o que ele parece fazer, é identificar o que se faz relevante nessa relação, e não o que, pessoalmente, pode julgar como mais importante.

Dito isto e feita a devida ressalva, pode-se dizer, que segundo Odin (2012), mais relevante que a existência do vivido ou do acontecido na narração, é a imagem que o leitor fará do narrador, ou seja, é a legitimidade que ele irá conferir a sua fala desde que haja uma sintonia entre ambos como se verá. E quando se fala em legitimidade, se fala neste caso, que independentemente da ligação entre narrador, acontecimento e/ou experiência, se o ouvinte acreditar que aquilo aconteceu ou foi vivido, aquilo passará a ter acontecido e/ou sido vivido.

Deste modo, além de construírem um determinado sentido sobre a coisa, os narradores do conflito, precisam ter legitimidade para falar e, sobretudo, serem ouvidos.

Meu círculo de amigos lia muito e debatia com paixão os acontecimentos do dia. Mas, honestamente, não me recordo de algum amigo (ou pai de amigo) ter feito uma

única pergunta sobre o que meus pais [, sobreviventes do holocausto nazista,] sofreram. Não era um silêncio respeitoso. Era apenas indiferença. (FINKELSTEIN, 2001, p. 16, complemento meu).

Ou era, com a licença de completar Finkelstein (2001), um puro desinteresse em ouvir essa história, o que no caso do conflito de narrativas em jogo, parece fazer toda a diferença. Pois, sem conquistar o interesse alheio, como tentava e tenta o autor, não se chega ao terceiro degrau de um tripé que parece sistematizar a essência dessa disputa: alcançar, da maneira mais plena possível, ganhos políticos, morais, culturais, territoriais e narrativos. Como se isto fosse, vale dizer, o pote de ouro (recompensa final) disputado pelas forças hegemônicas israelenses e palestinas.

2.3.2 Lugares de fala e legitimidade

Da testemunha ao estudioso. Do líder ao militante. Mais do que pensar nos atores, este trabalho partirá de dois lugares hegemônicos e não homogêneos de fala: o “israelense” e o “palestino”. Localizando vozes, sentidos e legitimidades, sob geografias (Israel e Palestina), identidades (israelense e palestino) e paradigmas (pró-israelense e pró-palestino) distintos e quase antitéticos. Afinal, se o conflito persiste, é também porque binômios aparentemente irreconciliáveis insistem em existir.

Por outro lado, vale lembrar, que a geografia desses lugares, entendidas como “Israel” e “Palestina”, varia com o que se demarca simbolicamente e fisicamente, ou seja, com o que se demarca em termos de narrativa (símbolo) e território (“coisa”). Deste modo, construir esses lugares e identificar-se como palestino e israelense, é mais do que sê-los. Pois sê-los, como se verá, é se afirmar como tal e não apenas ter nascido em determinados lugares. Um exemplo: Samira, que é uma “palestina inquestionável”, é, na realidade, uma descendente palestina.

Ao problematizar a questão do testemunho sobre o holocausto nazista, Agamben (2008) diz: apesar das testemunhas falarem em nome da verdade e da justiça, o fato de terem vivido e sobrevivido a uma experiência extrema, levanta uma lacuna entre o “próprio sentido do testemunho” e “a identidade e a credibilidade” (AGAMBEN, 2008, p. 42) de quem fala. Em outras palavras, é preciso lembrar, que quando se vive “casos-limites” (SARLO, 2007), como é o caso de viver em Israel, Gaza ou Cisjordânia, passa-se a ter “a intenção de que o outro saiba que ele tem a intenção de” (RESENDE, 2009, p. 32). Distanciando-se, portanto, daquele ideal moderno de uma verdade neutra.

Logo, mesmo que a testemunha seja deslegitimada por qualquer razão, que pode ir da diferença paradigmática a uma falsidade ideológica premeditada, de uma forma geral, ela parece não esconder a sua intenção de que o outro saiba que se trata de uma testemunha. E no caso do conflito Israel-palestino, de que se trata de uma testemunha israelense ou palestina, o que a vincula e desvincula de certos paradigmas, além de aproximá-la e distanciá-la da atenção de certos ouvintes.

E é por isso, que no contexto das narrativas do conflito, é comum se ouvir: isso é pró-palestino ou pró-israelense? Como se ao saber disto, já se estabelecesse o ponto de partida para a legitimação ou deslegitimação narrativa, uma vez, que no ideal moderno – mas que a meu ver não existe – a narrativa neste caso, deveria ser neutra e, portanto, desvinculada de qualquer paradigma.

Deste modo e seguindo o raciocínio em questão, assim como o sobrevivente do holocausto nazista, tem a intenção de relatar o martírio dos judeus e denunciar as atrocidades de Hitler, a narrativa pró-palestina e/ou pró-israelense, sempre teriam, nesse raciocínio, a intenção de seguir o mesmo fluxo, mudando apenas o que vai se relatar e denunciar como se isto em si, as deslegitimassem. Afinal, se elas estão vinculadas a um paradigma, elas não podem ser neutras e, por conseguinte, verdadeiras.

Ademais, as lógicas binárias, que estabelecem por exemplo, as noções simplificadoras e simplistas de neutralidade e parcialidade, contribuem, segundo Resende e Robalinho (2015), para uma “sedimentação de significantes”, ou mais precisamente, “para que o poder hegemônico estabelecido impeça, que o contraste e as complexidades existentes entre as forças envolvidas [no conflito] se manifestem.” (p. 15, complemento meu). Nesse sentido, independentemente do conteúdo da narrativa, é a ligação aos binômios de fala que parece (des)legitimar o que se diz.

Um exemplo: ao apresentar um artigo sobre um conflito *made in* Israel, centrado na “Nova” e na “Velha” História, uma professora da Cásper Líbero, questionou o uso de Arlene Clemesha sem apontar o problema conceitual do que se extraía. Justificativa: para ela, a pesquisadora e especialista no tema, reconhecida nacionalmente e internacionalmente por isso¹⁴, se resumia a uma pesquisadora filiada a um paradigma pró-palestino. Como se isto, portanto, fosse o suficiente para deslegitimar o uso da mesma, exemplificando o que Resende

¹⁴ Arlene Clemesha é graduada em História pela Universidade de São Paulo (1994) e possui o título de mestrado (1998) e doutorado (2003) em História Econômica pela mesma instituição. É Professor Doutor do Departamento de Letras Orientais (FFLCH) da USP e atual Diretora do Centro de Estudos Árabes da mesma instituição. Já produziu várias obras sobre o assunto e costuma ser convidada para discuti-lo em programas televisivos (Roda Viva com Benny Morris, 23/06/2014) à conferências internacionais (Palestine & Latin America in the 21st Century: Building Solidarity for National Rights).

e Rossignoli (2015) dizem, quando falam sobre o “instante [em] que o conflito deixa de ser somente o conteúdo da narrativa, passando a dar forma aos modos de que dele se fala.” (p. 1, complemento meu).

Dito de outra maneira, no conflito Israel-palestino, o conteúdo das narrativas hegemônicas que nada tem de aleatório ou ingênuo, parecem carregar sentidos e “intenções de”, uma vez que se escondem, como diriam Resende e Rossignoli (2015), “atrás dos poderes que engendram e narram o conflito” (p. 3). Sendo este, vale dizer, o segundo elemento do tripé que parece sistematizar a essência dessa disputa: a construção de uma legitimidade narrativa, hegemonicamente reconhecida pelo outro, que inclua, da maneira mais ampla possível, seus pares ao inimigo e à comunidade internacional. Pois a ideia, nessa disputa, parece ser alcançar a “melhor” e “maior” legitimidade.

Por outro lado, mesmo que haja certas inferências, ainda há que se perguntar: por que as filiações aos polos dos binômios (pró-palestino ou pró-israelense) configuram códigos de legitimidade (RESENDE, 2009) para as narrativas? Possivelmente, porque vivemos sob a influência do ideal moderno da “verdade-neutra” e porque, neste caso, as narrativas estão ligadas a uma disputa entre agentes ou forças hegemônicas (RESENDE, 2009) de um conflito, ou seja, entre as disputas do Estado de Israel e a resistência do povo palestino.

Ademais, se assumir como pertencente a um dos polos, pode ser significado, nessa visão, como uma representação institucional das forças hegemônicas, uma vez, que elas detêm um lugar e um poder de fala para impor interpretações (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015), ou como prefiro dizer, para construí-las como se fossem as únicas fontes legítimas para narrar o conflito. O que segundo Resende (2008), está ligada a uma lógica moderna de ver o mundo “como um mapa”, enxergando o conflito como um quadro onde existem israelenses contra palestinos e ponto final.

Entretanto, isto não inclui, vale dizer, um pré-conceito sobre as narrativas das forças hegemônicas em questão. Até porque, pessoalmente, enquanto pesquisadora e militante, também estou mais próxima de uma delas. Deste modo, o que aqui se quer e Resende (2008) e Resende e Rossignoli (2015) parecem fazer, é problematizar as formas simplistas de verem o mundo, que criam, por este ângulo, sentidos hegemônicos – mesmo que não homogêneos – sem atentarem-se para a diversidade e complexidade que existe dentro desses lugares.

Um exemplo: se você fosse nomear a pessoa ou grupo que criou essa nota, quem você inferiria que fosse: “Como _____, nós condenamos inequivocamente o massacre de palestinos em Gaza e a contínua ocupação e colonização da Palestina histórica.” (apud BBC Brasil, 24/08/2014). Mesmo sem ter acesso aos seus pensamentos, é possível, que

a sua associação imediata não tenha sido com “sobreviventes e descendentes de sobreviventes judeus e vítimas do genocídio nazista” (apud BBC Brasil, 24/08/2014).

No entanto, era isto que estava escrito, pois a nota em questão, foi publicada no *The New York Times* em nome da Rede Internacional Judaica Antissionista (Rija) no penúltimo dia do confronto Israel-palestino de 2014. Nota esta, vale dizer, em resposta a um anúncio de Elie Wiesel (sobrevivente do mesmo holocausto) que comparava o Hamas ao nazismo. Sendo, portanto, um exemplo de uma leitura contra hegemônica e menos corriqueira, afinal, como dizem Resende e Rossignoli (2015):

Nas narrativas acerca deste conflito, de forma muito marcante, a disputa pela fala verdadeira se traveste, ela mesma, na guerra pela narrativa: quem narra melhor (ou de forma mais legítima) a chamada “ocupação do território”, para uns, ou o “resgate da Terra Prometida”, para outros? (p. 2-3).

Dito isto, o que se depreende neste contexto são disputas de poder, uma vez, que narrar no caso do conflito Israel-palestino, é também materializar existências, conquistando ganhos políticos, morais, culturais, territoriais e narrativos. O que explica, neste caso, a razão de ter que se constituir como a “melhor” e “mais legítima” narrativa do conflito. Deste modo, mais do que julgar a existência do processo de “binarização” das narrativas, é preciso compreender sua função no conflito como se verá no próximo item deste Capítulo.

Deste modo, além de criar sentidos e recontar histórias (RESENDE, 2009), as narrativas de conflito neste caso, parecem ser gestos que mantêm povos, lutas e existências atualizados no presente, demonstrando, para começar, a capacidade de influenciarem (ou não) no próprio rumo do conflito, produzindo-o além de representá-lo como já se discutiu. Afinal, há quem diga, como diz Edward Said (2012), que a legitimidade narrativa, no caso dos palestinos, não foi suficiente para alcançar certos ganhos:

Milhares de vidas perdidas e outras tantas irreparavelmente prejudicadas parecem não ter enfraquecido o espírito de resistência característico do movimento nacional que, apesar de suas diversas conquistas na obtenção de legitimidade, visibilidade e imenso apoio a seu povo contra as forças que lhe oprimem, não descobriu como cessar ou refrear a tentativa implacável dos israelenses de tomar mais e mais território palestino (assim como outros territórios árabes). Mas a discrepância entre importantes ganhos políticos morais e culturais, de um lado, e o monótono bordão da alienação de terras, de outro, está no cerne do atual dilema palestino. (p. XVIII).

E é isto também, que Nasser (2012) parece querer dizer com a primeira frase do Prefácio à edição brasileira de *A Questão da Palestina* (SAID, 2012):

O povo palestino existe. É esta a verdade que a obra de Edward Said vem reafirmar e lembrar. Uma verdade histórica que deveria ser evidente, mas que vários esforços combinados, voluntária ou involuntariamente, diluem e enterram sob as camadas de despossessão, de desterro, de ocupação, de esquecimento e de negação. (p. VII).

O que por outro lado, alguns judeus também alegam como se verá no próximo Capítulo. Pois nesse contexto, narrar, que é produzir conflito, se torna “(...) algo entre o esforço de recuperação/sustentação da memória e a própria construção do sentido da terra.” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015, p. 2). Localizando-se, portanto, no passado e no presente de dois povos e movimentos nacionais, em busca de estabelecer uma maior conexão e/ou demarcação com a terra que se disputa. E é por isso, que nesse conflito, “o território palestino [e também israelense] é, cada vez mais, aquilo que se narra.” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015, p. 2, complemento meu). Afinal, o que está demarcado, nem sempre coincidirá com o que se diz pertencer a um e ao outro, como se verá no próximo Capítulo.

2.3.3 Em busca da hegemonia

Se o “como narrar” (binário), neste conflito de narrativas, diz muito sobre os interesses hegemônicos que estão em jogo (Estado de Israel versus resistência do povo palestino), os processos de legitimação, também dizem respeito àquilo que se busca: a hegemonia de fala, que levaria talvez, a uma legitimidade narrativa próxima da verdade, além e por conseguinte, dos ganhos ligados ao tripé como um todo que parece sistematizar a disputa: [1] conquista do interesse alheio; [2] construção de uma legitimidade narrativa hegemonicamente reconhecida pelo outro e [3] alcance de ganhos políticos, morais, culturais, territoriais e narrativos.

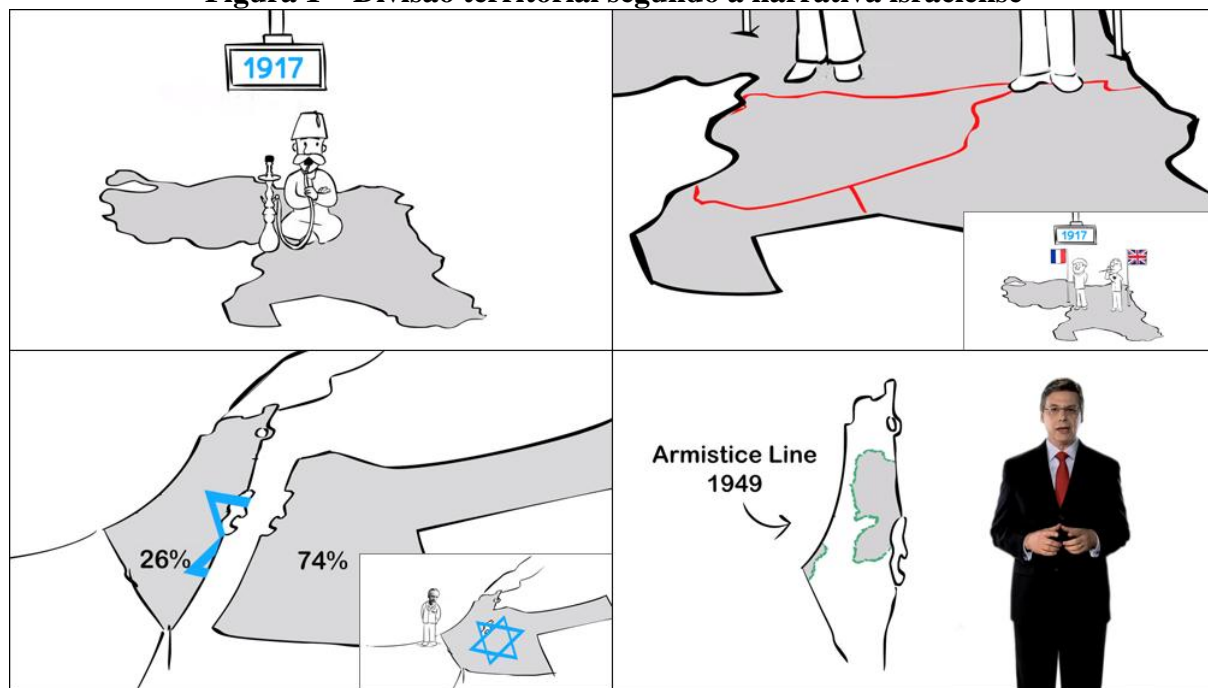
Deste modo, se as oposições hegemônicas e binárias, podem servir “para legitimar os privilégios e a dominação dos poderosos” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015), imagine o que o monopólio das ideias, de preferência e idealmente homogêneo, poderia gerar num conflito como este, se é que já não gera.

Ligado às disputas de sentido, entrecosques paradigmáticos e mediações de forças, a hegemonia que se busca e, que existe em certa medida, diz respeito para Gramsci “a liderança ideológica e cultural de uma classe sobre outras” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015, p. 14). O que no contexto do conflito, estaria ligado, por conseguinte, à liderança dos agentes ou forças hegemônicas do mesmo, ou seja, ao Estado de Israel e a resistência do povo palestino, hoje representada hegemonicamente pelo Hamas.

Esta liderança, que independentemente do “lado”, está ligada a disputa por hegemonia, implicaria então, na busca pela “sedimentação de significantes” e pela “produção de homogeneizações” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015) no que se refere a disputa narrativa – o que pode e será visualizado a partir dos exemplos a seguir.

Na narrativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel, “a verdade sobre a Cisjordânia¹⁵” (2011) – ver Figura 1 (p. 48) –, é bem diferente do que os palestinos explicam em outro vídeo. Começando, vale dizer, por uma “designação homogeneizante” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015), que fazem dos povos que viviam nos territórios do Império Otomano, depois classificada como “árabe” – e isso, sem problematizar a própria figura que utilizam para representa-los: um sujeito “bigodudo”, fumando narguilé (1º frame da Figura 1).

Figura 1 – Divisão territorial segundo a narrativa israelense



Fonte: Adaptado de ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2011.

A identidade árabe, que de fato existe, como pude perceber por exemplo, a partir da solidariedade de um libanês a causa palestina (assumindo-a como se fosse sua), também representa por outro lado, uma simplificação identitária de povos particulares. Deste modo, mesmo que os libaneses, palestinos e demais povos do Oriente Médio, se reconheçam como árabes, eles também parecem querer ser reconhecidos sob as identidades que se formalizaram no pós-Guerra, afinal, isso, também diz respeito a território.

¹⁵ Território chamado de Palestina pelos palestinos, não tendo, portanto, o sentido do que hoje se compreende como Cisjordânia.

Com a dissolução do Império Otomano na I Guerra Mundial e a redistribuição de suas terras entre as Forças Aliadas (2º frame da Figura 1), a Cisjordânia e o território a leste do rio Jordão (3º frame da Figura 1), se tornaram protetorados inglês (1917), destinando-se no mesmo ano, à criação do Estado judeu com aval da Liga das Nações e do ministro britânico lorde Balfour. Mas, apesar desse reconhecimento, o Estado de Israel segundo a sua narrativa oficial, se constituiu em 26% do território destinado (3º frame da Figura 1) a ele, devido aos ataques de jordanianos, sírios e egípcios.

Em 1947 (Resolução 181), a ONU reafirma o direito de constituírem seu país, mas recomenda a criação de dois Estados: um judeu e um árabe. Nessa leitura, a recomendação acatada pelos primeiros, reduziu o território de Israel a 70% da Cisjordânia, com base numa linha de cessar fogo, conhecida depois, como “fronteira de 1967” (4º frame da Figura 1).

Já na narrativa dos palestinos, que nesse caso, respondem diretamente a versão anterior, “a real verdade sobre a Palestina em resposta a Danny Ayalon” (STANDUB, 2013), passa pela afirmação da própria existência dessa nação e de seu povo – que deveria ser uma verdade histórica evidente (NASSER apud SAID, 2012), como já foi dito. Sendo assim, a história que deveria ser contada para eles é: a Palestina, território que fica entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão, passou a existir sob esse nome em 450 A.C. e, desde então, tornou-se conhecida assim, como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Palestina segundo a narrativa palestina



Fonte: Adaptado de STANDUB, 2013.

Deste modo, o fato é que a Palestina, nessa perspectiva, existe dos escritos de Heródoto e Aristóteles da Grécia antiga¹⁶, aos ingleses do século XIX que se referiam ao seu protetorado como Mandato Britânico da Palestina¹⁷. Ademais e ainda nesta leitura, o vídeo sustenta, por conseguinte, que Israel teria sido criado com base na expulsão violenta de seus legítimos nativos, ou seja, com base na expulsão violenta dos palestinos, sendo isto, algo que será detalhado no próximo Capítulo.

Dessa maneira, Dajana, Sawalha (STANDUB, 2013) e Ayalon (ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2011), estabelecem uma disputa narrativa em torno de narrativas sobre o mesmo fato – lembrando que ambas, possivelmente devem ser legítimas em seu “território” e ilegítimas no “território” do outro. Dito isto, o que parece estar em disputa, sendo o que importa neste caso, é a hegemonia sobre a narrativa que possui legitimidade para significar o fato em questão: que terra é essa? A quem ela pertence?

Sem antecipar conclusões, mais visíveis diante da empiria, o que se quer dizer é: as disputas narrativas, criam processos de legitimação, assim como esses processos, estabelecem lutas por hegemonia, uma vez, que “narrar o conflito Israel/Palestina, é narrar as lutas que se inscrevem e se instalam no próprio conflito” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015, p. 17), afinal, se a legitimação é meio, a hegemonia parece ser fim.

¹⁶ Fonte (STANDUB, 2013): Robinson, Edward, *Physical geography of the Holy Land*, Crocker & Brewster, Boston, 1865, p.15.

¹⁷ Fonte (STANDUB, 2013): Scientific Report of British Exploration Fund: <http://www.pef.org.uk/>

3 CAPÍTULO II: “HISTÓRICO” E(M) CONFLITO

3.1 Considerações iniciais

3.1.1 *Camadas de referência, o que são?*

Narrativas de conflito a lutas por hegemonia, o que se discutiu na teoria, agora se verá na empiria sem ainda ser o objeto deste trabalho. Pois, por mais que a pesquisa se debruce sobre algo que também levanta as questões discutidas anteriormente, existe uma razão para trazer certas histórias, três delas especificamente, como parte do processo de mapeamento e entendimento do objeto deste trabalho: os conflitos de narrativas em torno do confronto Israel-palestino de junho a agosto de 2014.

Ao se debruçar sobre a historiografia do conflito (CLEMESH, 2009, 2012, 2014; GOMES, A., 2001; MORRIS, 2008, 2014a, 2014b; PAPPE, 2008, 2011, 2014 et. al) e, mais precisamente, sobre o que se entende como as suas “origens”, foi possível identificar três pontos históricos de tensão narrativa ou três camadas de narrativas, como diriam Resende e Rossignoli (2015), com uma importância específica que se entenderá.

Deste modo, além da relevância dos próprios fatos, enquanto marcos da história do conflito Israel-palestino, levantar e discutir a conexão territorial judaica, o holocausto nazista e a Guerra de 1948 (camadas discutidas neste Capítulo), parece ser também, levantar e discutir fatos e histórias relevantes ou camadas de referência para os processos de (des)legitimação das narrativas. Afinal, nesta disputa por hegemonia, é preciso *legitimar* a sua narrativa e *deslegitimar* a narrativa alheia num processo recíproco e simultâneo.

Sem entrar no jogo de (des)legitimação existente, a ideia, neste caso, é olhar para essas histórias de duas maneiras: [1] enquanto recortes do fenômeno estudado, uma vez que fazem parte dos conflitos de narrativas como um todo, assim como o objeto empírico desta pesquisa também faz. [2] Enquanto fontes de legitimidade, uma vez, que essas camadas assim como outras que possivelmente existem, parecem ligadas a fatos recorrentemente acionados para (des)legitimar narrativas.

Exemplo: para sustentar a tese hegemônica palestina de “ocupação do território” ou a tese hegemônica sionista de “resgate da terra prometida” (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015), é importante dissertar sobre a conexão ou não conexão judaica com a Palestina como se verá. Entendendo assim, o fato a partir da sua história, como uma camada de referência para (des)legitimar as narrativas e demandas em jogo.

Dito isto e explicitando a particularidade dessas histórias, parte-se agora, para o relato de como emergiram, tendo em vista que foi no estudo sobre as “origens” do conflito Israel-palestino que elas se revelaram. Sendo este, portanto, o ponto de partida para entender dois fenômenos que envolvem a pesquisa: o conflito Israel-palestino e seus conflitos de narrativas, tendo em mente, que ao se debruçar sobre o segundo era preciso entender o primeiro.

3.1.2 De onde vieram?

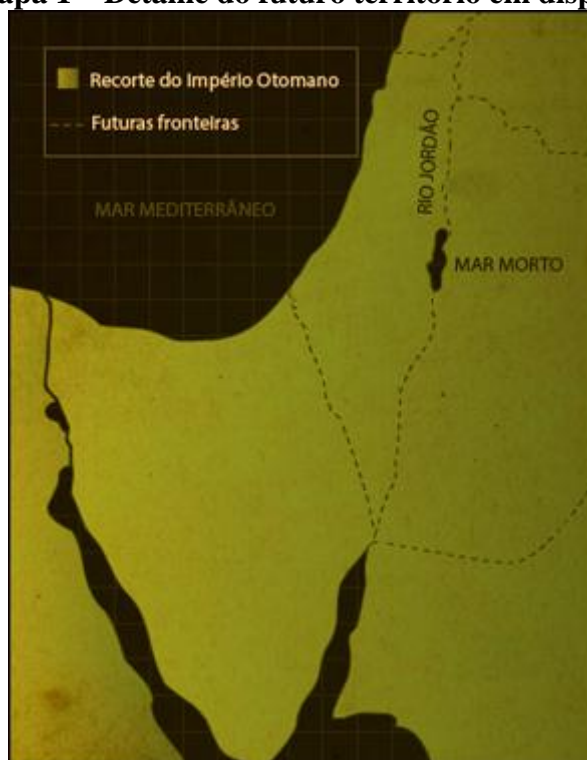
Consenso, se pela própria natureza interpretável da narrativa, não há como pressupor sua existência, imagine no contexto de um conflito a longo prazo – centenário e quiçá milenar –, tomado e sustentado por camadas de narrativas, histórias e sentidos diversos como dizem Resende e Rossignoli (2015). Há de existir dissenso e o há: sobre as “origens” deste conflito a fatos específicos e caros ao tema.

Diáspora judaica no século VII A.C., surgimento do movimento nacional judaico em 1882, criação do Estado de Israel em 1948, onde “começa” o conflito Israel-palestino? Por um lado, em um desses lugares, por outro, em todos eles um pouco. Afinal, há que se partir de um ponto, mas há que se compreender, que neste ponto, outros tantos são e serão acionados. E é isso que este Capítulo também tentará mostrar, encarando, enquanto ponto de partida, o período de 1882 a 1948, como o período das “origens” do conflito que pode ser visto de maneira completa no Apêndice A (p. 127).

Além da razão metodológica que envolve a escolha desse recorte temporal (1882-1948), já que é diferente estudar uma historiografia de pouco mais de um século e outra de milhares de anos, existem questões conceituais que a sustentam, tendo como base, referências teóricas (CLEMESH, 2009, 2012, 2014; GOMES, A., 2001; MORRIS, 2008, 2014a, 2014b; PAPPE, 2008, 2011, 2014 et. al) que partem desse mesmo período por duas razões.

Ano de 1882, surgimento do movimento nacional judaico, conhecido como sionismo. Por um lado, representa a expressão de um desejo de libertação e autodeterminação territorial dos judeus (MORRIS, 2014a), por outro, representa a disputa da mesma terra (MAP. 1, p. 53) por certos judeus e palestinos como se verá, sendo, portanto, o início do “início” do conflito e, por conseguinte, a razão conceitual de enxergá-lo como tal, tendo também, um território em disputa como mostra o Mapa a seguir.

Mapa 1 – Detalhe do futuro território em disputa



Fonte: Adaptado de ESTADAO, 27/08/2010.

Ademais, foi em 1882, com a primeira onda migratória judaica, que as pretensões de ambos começaram a representar um conflito entre duas forças, sionista e palestina, que lutariam contra o mesmo amo, Império Bizantino (1500-1917) e Grã-Bretanha (1917-1948), reclamando o domínio de uma terra, entre o mar Mediterrâneo e o Rio Jordão, unicamente para si. Caracterizando então, uma luta separada com o mesmo fim, liderada pelos judeus oriundos majoritariamente do leste europeu e pelos palestinos originários dessa terra (VATOLINA, 1948).

Em outras palavras, apesar da separação temporal entre os movimentos judaico (1882) e palestino (década de 1920) de libertação nacional (MORRIS, 2014a), pode-se dizer, que o conflito se “inicia” nesse momento, já que é aí, que esse encontro se dá ainda que de maneira mais prática e menos formal, a partir da primeira onda de migração judaica na Palestina (1882) com fins coloniais parciais. Até porque, segundo Pappe (2011), os imigrantes dessa época carregavam um espírito revolucionário pró-judeu, que foi sendo substituído, a partir de 1905, pelo nacionalismo anti-árabe originando o esquema mental do sionismo: negação dos palestinos e da própria Palestina, o que para ele, perdura até os dias de hoje. Fechando assim, as reflexões sobre a primeira data (1882) em questão.

Ano de 1948, criação do Estado de Israel e marco da formalização desse conflito que passa a se dar de maneira mais prática e formal. É neste momento, segundo os teóricos

estudados (CLEMESH, 2009, 2012, 2014; GOMES, A., 2001; MORRIS, 2008, 2014a, 2014b; PAPPE, 2008, 2011, 2014; et. al), que a disputa deixa de ser um conflito de pretensões nacionais e se torna um conflito nacional entre dois povos que residem e disputam o mesmo território. Sem inimigos e amos comuns, agora o que se disputa, se disputa entre palestinos e israelenses. Caracterizando, portanto, um conflito específico entre ambos: o conflito Israel-palestino, sendo esta, uma data e um episódio que serão tratados ao longo deste Capítulo.

Deste modo, mesmo que o “início” e o “fim” das “origens”, seja algo de difícil delimitação, pelas leituras que apontam novos finais ou pelos fatos que parecem reiniciá-los, é preciso fechar essa história circunscrevendo-a num ponto de saída devidamente justificado. E é isso que tentou-se fazer, evitando que a historiografia do conflito se transformasse num estudo sem fim, e enxergando-a como ponto de partida, na medida em que tudo parece meio, ou como diria Groys (2010), na medida em que se vive a permanente repetição do presente ou, neste caso, a permanente repetição do conflito mesmo que ele nunca tenha se findado.

Pois, se no século VII A.C. os hebreus, antepassados dos judeus, a perderam para os romanos, no século VII, os filisteus ou palestinos, a perderam para os otomanos (1500), que a perderam para os britânicos (1917) e que agora, israelenses e palestinos dizem estar na iminência de perdê-la para o outro (MORRIS, 2014b).

Logo, por mais que o território sempre tenha estado em disputa, o conflito entre sionistas e palestinos, que caracterizará o conflito Israel-palestino, parece surgir no período entre 1882-1948, a partir do desenvolvimento das consciências, pretensões e movimentos nacionais em questão. Ademais, ao estudar esse período foi possível identificar a emergência das três camadas de referência supracitadas (conexão territorial judaica, holocausto nazista e Guerra de 1948), justificando assim, o esforço de mostrar de onde elas vieram, antes de apresentá-las como agora se fará.

3.2 Três camadas e inúmeras histórias

3.2.1 Conexão territorial judaica

Século XIX e, mais especificamente, ano de 1882. Esse é o momento do surgimento do sionismo, da primeira onda de migração judaica (GOMES, A., 2001) e, por conseguinte, do dilema narrativo sobre a conexão de um certo povo com uma certa terra. Pois, se por um lado, há quem afirme (GOMES, A., 2001; Samira) que a profecia judaica foi inventada, por outro, há quem diga (FIEDLER, 2003; MORRIS, 2014a) que o “movimento sionista, (...)”

desde o início, visualizou a Palestina, toda ela, como o local de um futuro Estado judeu” (MORRIS, 2014a, p. 62). Sendo este, a primeira camada do binômio a ser discutido.

Observação: Esta pesquisa não coloca em discussão o direito (legítimo) do povo judeu de possuir uma pátria onde esteja completamente a salvo de perseguições ou qualquer tipo de discriminação. A autora se solidariza com todas as pessoas do mundo que foram ou são vítimas de injustiças e violências de qualquer espécie, e esta é uma pequena contribuição para a compreensão das injustiças e sofrimentos impostos ao povo árabe da Palestina, que dispõe de tão poucas vozes para defendê-lo. (GOMES, A., 2001, p. 5).

Aura Gomes (2001), que não é contrária ao direito judaico como se vê no trecho anterior, diz, como outros teóricos (FINKELSTEIN, 2001; PAPPE, 2008), que a associação do Estado judeu com a realização de uma profecia é posterior ao surgimento do sionismo, e foi, num determinado momento, utilizada como apelo emocional do próprio movimento judaico (STEVENS apud GOMES, A., 2001). Defendendo, nessa perspectiva, que a concepção de “terra santa” seria uma invenção sionista a fim de estimular a migração judaica na Palestina, no momento em que ocorria de maneira dispersa.

A migração em questão, originalmente causada pelos *pogroms*¹⁸ (MORRIS, 2014a), acontecia na Palestina sem se restringir e concentrar nela (TAB. 2), pois envolvia judeus que queriam construir seu lar nacional, sionistas, e judeus que queriam apenas se refugiar em outros países, não sionistas. Rebatendo, portanto, duas questões ligadas aos defensores da conexão territorial judaica: [1] neste momento, nem todo imigrante judeu imigrava a fim de construir sua pátria, afinal, nem todo judeu era sionista. [2] Nem todo judeu-sionista, que imigrava para construir sua pátria, via apenas a Palestina como o lugar para este fim.

Tabela 2 – Migrantes judeus por países de imigração (em milhares)

Ano	EUA	Argentina	Canadá	Palestina	Afr. Sul	Outros	Brasil
1840-1880	200	2	1,6	10	4	3	0,5
1881-1900	675	25	10,5	25	23	5	1
1900-1914	346,4	87,6	95,3	30	21,3	13	8,75
Total	1221,4	114,6	107,4	65	48,3	21	10,25

Fonte: Adaptado de PINKSY apud GOMES, A., 2001, p. 13.

Associado aos números, que mostram a maior recorrência dos Estados Unidos, Argentina e Canadá como destino, estudiosos (GOMES, A., 2001; SAID, 2012; Samira, 10/2010) desse paradigma, ainda afirmam que os líderes do movimento nacional judaico,

¹⁸ Diz respeito, aos ataques violentos e maciços contra os judeus russos, após o assassinato do Czar Alexandre II.

incluindo Theodor Herzl, um dos seus principais ideólogos, cogitaram a própria Argentina, além do Congo, Ilha do Chipre e, depois, a Palestina, como possíveis lugares para a construção de sua pátria. Sustentando assim, a ideia da invenção da profecia judaica (FINKELSTEIN, 2001; PAPPE, 2008; GOMES, A., 2001), que segundo os teóricos abordados nesse binômio, nada tem a ver com a negação da sua própria demanda: encontrar um lugar seguro para os judeus, como Aura Gomes (2001) fala na Observação já lida.

De todo modo, independentemente do grau das pretensões nacionais sionistas, o que se vê, é que esse movimento migratório parece ligado às revoltas palestinas que começaram em 1886 (GOMES, A., 2001). Marcando assim, o encontro do despertar da consciência nacional palestina, formalizada na década de 1930 (MORRIS, 2014a), com o movimento nacional judaico já em construção.

Afinal, se por um lado, os palestinos atacavam assentamentos judaicos (Petach, 1886), criavam campanhas contrárias a migração e colonização sionista (Tahir al-Husayn, 1893) e solicitavam a intervenção de Constantinopla para o mesmo fim (1893)¹⁹, por outro, as pretensões do movimento nacional judaico se fortaleciam com a criação do sionismo político (Herzl, 1896) e de suas primeiras entidades: a Organização Sionista Mundial (1897) e o Fundo Nacional Judaico (1901). Sendo estes, na época, as fontes de criação de legitimidade para ligar os judeus à Palestina.

Benny Morris (2014b), que também se diz preocupado com a questão, por ser cara aos judeus, palestinos e ao conflito como um todo, sustenta ao contrário de Aura Gomes (2001), que a conexão judaica com o território existe, tanto que os judeus mantiveram um “vínculo ideológico e psicológico com o lugar” (MORRIS, 2014b). E é isso, segundo ele, que fez os judeus voltarem para onde viveram a maior parte do tempo, seja como exilados ou donos do mesmo como explica Teja Fiedler (2003):

Mais de dois milhões deles escolheram como sua terra prometida os Estados Unidos. Mas uma pequena minoria que imigrou para a Palestina (que estava sob o domínio dos otomanos), estava convencida de que “para o povo de Israel não havia salvação além de instalar um governo próprio no país Israel”.

Desse modo, independentemente da quantidade de migrantes judeus, o fato para eles é: quem foi para a Palestina neste momento, foi no intuito genuíno e justificável historicamente de reconstruir sua pátria destruída pelos romanos em 70 A.C. (FIEDLER, 2003). Pois nessa perspectiva, muitos judeus continuaram enxergando aquela terra como sua, assim como a

¹⁹ Capital do Império Otomano, pois nesse momento, a Palestina pertencia ao mesmo.

maioria do mundo cristão (MORRIS, 2014b). O que contradiz, vale dizer, a ideia de uma profecia ou conexão inventada, acreditando, portanto, que “há uma conexão histórica obviamente muito forte, senão os judeus não teriam voltado.” (MORRIS, 2014b).

O propósito final... é, em seu devido tempo, assumir a Terra de Israel e restaurar para os judeus a independência política de que foram privados nestes 2 mil anos... Os judeus ainda surgirão e, com armas na mão (se necessário), declararão que eles são os donos da sua antiga pátria. (DUBNOW apud MORRIS, 2014a, p. 63).²⁰

Na contramão desta reflexão, os “opositores” desse binômio, dizem que a Organização Sionista Mundial, apontou a Palestina como o “lar dos judeus” em 1897 e passou a defender a sua colonização em massa em 1901, ou seja, 15 e 19 anos depois do surgimento do próprio sionismo respectivamente. Sendo esta, vale dizer, uma organização liderada pelo Fundo Nacional Judaico, voltado na época, à arrecadação de recursos para a compra de terras palestinas.

Ademais, depois do apontamento da Palestina como o único lugar de interesse dos sionistas (GOMES, A., 2001), eles ainda rejeitaram as doações de territórios britânicos, Al-Arish em 1902 e Quênia em 1903, formalizando em seguida, o interesse na “terra santa” (7º Congresso Sionista, 1905) que intensificou o conflito entre sionistas e palestinos. Pois, parece, que foi a partir disso, que a disputa de dois povos pela mesma terra se oficializava, na medida em que ambos passaram a disputa-la entre si como já se mostrou.

Por outro lado, Morris (2014a, 2014b), diz que esse território foi escolhido para resolver a questão judaica, baseado no reconhecimento de que esse é o lugar e a terra natal histórica dos judeus que deveria ser destinada para tal.

Por exemplo, o secretário britânico de Relações Exteriores em 1917, lorde Balfour, explicando por que emitira a Declaração de Balfour [ANEXO B, p. 159] que apoiava o estabelecimento de um “lar nacional” judeu na Palestina, disse: “Ali é a terra deles”. Incidentalmente, o prefeito de Jerusalém em 1899, um árabe da família Khalidi, em carta ao rabino-chefe da França, em 1899, disse: “Nós sabemos que aqui é a terra dos judeus, mas infelizmente nós vivemos aqui e agora e eles não, e não queremos que eles voltem”. (MORRIS, 2014b, complemento meu).

Desse modo, o que Morris (2014b) refuta, parece ser a contestação do direito judaico de reivindicar a terra, já que para ele, tanto os árabes como os judeus, possuem o mesmo e legítimo direito de viverem lá. Os árabes da Palestina, por terem, desde o século VII, residido naquele território que se tornou uma área de maioria árabe com a conquista da província

²⁰ Sendo esta, uma declaração do judeu russo Simon Dubnow, quadro sionista e responsável pela seguinte obra: “História do Povo Judeu” que possui 10 volumes e foi publicada em alemão na década de 1920.

romana. E os judeus, por terem constituído seu “país” – termo adotado pelo autor – neste território em 70 A.C. e por continuarem vivendo lá, durante séculos de exílio, mantendo o vínculo ideológico e psicológico com sua “terra natal histórica” (MORRIS, 2014b).

Ilan Pappé (2011), diferentemente de Morris, parte na sua perspectiva, da historiografia sionista, e não da judia, para discutir o conflito e a legitimidade da reivindicação em questão. Pois para ele, a história do projeto sionista, é a história de um processo colonizatório iniciado no fim do século XIX, que se utiliza da história judaica como base ideológica, a ponto de estabelecer uma conexão ancestral com esse lugar, para substituir o que não encontraram em nenhuma de suas ondas colonialistas (1882, 1905, 1917, 1948): “uma terra sem povo para um povo sem terra” (ZANGWILL apud GOMES, A., 2001, p. 18), um dos mais famosos slogans sionistas cunhado por Israel Zangwill em 1901.

Seguindo essa linha, Arlene Clemesha (2014) diz: há argumentos no século XX que explicam a história desse século, não havendo necessidade de se sustentar por algo tão longe na história, uma vez que isso, poderia ser comparado, por exemplo, a devolução do Brasil aos índios, o que não é uma questão em debate ao contrário da alegação sionista. Para a autora, a questão passa mais por uma consciência de culpa com o holocausto nazista, do que a crença das nações europeias de que aquela terra, que pertencera aos judeus há 2.000 A.C. – e fora chamada de Israel há 2.500 A.C. –, devia ser partilhada entre judeus e palestinos como se esse fosse um argumento plausível para tal.

E é assim, na intersecção da conexão judaica com o holocausto nazista, que se passa então, para a apresentação da segunda camada de referência em questão.

3.2.2 Holocausto nazista

Holocausto nazista, não o reconhecer ou reconhecê-lo sob um pressuposto distinto, parece ser, como acontece na conexão territorial judaica, uma atitude antisemita e até um crime segundo a legislação de muitos países europeus e a própria ONU – demonstrando a legitimidade desse fato como se verá: “Em 26 de janeiro [de 2007], as Nações Unidas adotam uma resolução condenando a negação do Holocausto. A Assembleia Geral da ONU declara que a negação é ‘equivalente à aprovação do genocídio em todas as suas formas’.” (USHMM, 201-b, complemento meu). Deste modo, negar o holocausto nazista, enquanto fato admitido internacionalmente que é, é um crime passível de punição segundo a ONU.

Entretanto, a linha que separa a negação do questionamento sobre o uso do fato parece tênue. Na definição do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), negá-lo ou

distorcê-lo, por exemplo, seria fazer a “falsa acusação de que o Holocausto foi *inventado ou exagerado* pelos judeus, como *parte de um complô* para promover seus interesses.” (USHMM, 201-b, destaque meu). O que nessa perspectiva, está ligado ao “ódio contra os judeus” que perpetua “estereótipos antissemitas antigos” (USHMM, 201-b), acreditando, que a perseguição contra eles, continua existindo nos dias de hoje. Sendo esta, vale dizer, uma das formas de caracterizar as narrativas do binômio oposto, afinal, na luta por hegemonia, é preciso deslegitimar a versão do outro como o entrevistador Stephen Sackur (apud PAPPE, 2014) parece fazer com Ilan Pappé:

Isto é o que encontro de mais paradoxal de sua parte. Você é muito claro em seu antissionismo [isto é, na sua oposição a criação do Estado de Israel], e sem dificuldade, me parece que a sua história pessoal e de sua família [com pais que sobreviveram ao holocausto nazista e se exilaram em Israel], é a melhor publicidade da importância do sionismo que poderia existir. (complemento meu).

Insinuando assim, que um israelense e descendente de vítimas do holocausto nazista, não pudesse se opor ao “Estado judeu”, uma vez, que para ele, Israel teria sido a salvação de quem fugia da perseguição nazista como era o caso dos pais deste historiador. Pappé (2014), por sua vez, contrapõe esse raciocínio e diz que não há, necessariamente, uma relação direta entre tais questões. Pois para ele, nem todo judeu que se refugiou em Israel, o fez por razões ideológicas, como parece ser o caso de seu pai, definido por Sackur, como um “apaixonado sionista” (apud PAPPE, 2014).

Eu não sei se ele era um apaixonado sionista. Ele teria preferido, provavelmente, vir para os Estados Unidos ou para a Inglaterra, mas as portas estavam fechadas. Assim como muitos judeus alemães que não eram sionistas, encontraram o caminho para a Palestina. Mas eu não acho que ele teria perdoado a limpeza étnica de 1948. Eu não acho que ele aceitaria, que a fim de sobreviver, você tem o direito a qualquer limpeza étnica ou extermínio de alguém. Ter um refúgio seguro para as pessoas que são vítimas não dá a licença de vitimizar alguém. (PAPPE, 2014).

Para Norman Finkelstein (2001), outro teórico passível de ser acusado de negacionista, O Holocausto, com letra maiúscula e sem complementos, é uma “representação ideológica” do “fato histórico real” (FINKELSTEIN, 2001), que ele reconhece e diz lutar pela integridade de seu registro, enquanto teórico e filho de sobreviventes do mesmo. Em outras palavras, na sua perspectiva, O Holocausto é uma narrativa marcada por duas características: [1] falta de compromisso com a denúncia do holocausto nazista, isto é, com a denúncia do próprio fato. [2] Capitalização do holocausto nazista que perduraria até hoje, para projetar Israel como

“Estado vítima”, justificando a sua existência e tornando aceitável seus atos violentos como Pappe (2014) introduziu.

Por outro lado, e na leitura factual de aceitação aparentemente mais ampla, o holocausto nazista, O Holocausto, ou a *Shoah* em hebraico, diz respeito sobretudo e independentemente do nome, a perseguição e extermínio sistemático de 6 milhões de judeus, 3 milhões de soldados soviéticos, 200 mil ciganos, 200 mil deficientes (USHMM, 201-a), além de comunistas, homossexuais, Testemunhas de Jeová, poloneses e outras pessoas do leste europeu em sua maioria. Tudo isso, vale dizer, perpetrado e apoiado pelo governo nazista e seus colaboradores no período de 1933 a 1945.

Dito isto e indo além do próprio genocídio, que já é importante por si só, este holocausto é marcado também, pelos campos de concentração na Alemanha e na Polônia como Auschwitz, pelos conhecidos assassinatos em câmeras de gás e pela culpa da comunidade internacional, que segundo vários teóricos, como Vatolina (1948) e Novinsky (1995), pouco fizeram para evitar o que durou doze anos. Começando com a chegada dos nazistas na Alemanha e acabando no dia 7 de maio de 1945 (USHMM, 201-a) com a rendição dos nazistas aos Aliados, um dia antes do fim da Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, na perspectiva de Finkelstein (2001) e Pappe (2008), por exemplo, O Holocausto, com letra maiúscula e sem complementos, é utilizado para justificar as antigas e atuais políticas criminosas do Estado de Israel – apoiadas pelo governo dos Estados Unidos –, a ponto de sustentar o mito da iminência de um novo holocausto. Sendo este, para eles, um mito importante para justificar a própria existência desse Estado.

Segundo Pappe (2008), esse mito, que ele desconstruiu durante a sua pesquisa, consiste em: Israel está permanentemente na iminência de um novo holocausto, pois os judeus, que já foram alvo de perseguição, continuam sendo malquistos até hoje, justificando assim, a permanência de seu Estado e suas atitudes violentas contra quem se opõe a ele. Ideia esta, vale ressaltar, compartilhada na prática pela comunidade internacional, que o próprio Pappe (2008) contesta, já que para ele, Israel sempre contou com um exército forte, bem preparado e apoiado pelas grandes potências como será tratado no terceiro ponto deste Capítulo. Dito isto, para ele, Israel nunca esteve na iminência de um novo holocausto, apesar de seus “descendentes” terem, de fato, vivido um anteriormente.

Ademais, Finkelstein (2001), que compartilha desse paradigma, diz que a construção ideológica em torno do fato, que verdadeiramente ocorreu, tem como base três dogmas: [1] justificar as políticas criminosas de Israel através da capitalização do holocausto nazista, esvaziando as críticas feitas a esse Estado como se todas fossem antisemitas. [2] Extorquir

dinheiro europeu em nome das “necessitadas vítimas do Holocausto” (FINKELSTEIN, 2001), rebaixando a estatura moral do martírio sofrido. [3] Fortalecer Israel, que vivia na época, um momento de enfraquecimento político, marcado especialmente, pela saída israelense do monte Sinai (1956) – território egípcio invadido pelas forças militares de Israel.

Em outras palavras, criar e desenvolver a “indústria do Holocausto”, como Finkelstein (2001) conceitua, possibilitou, de maneira eficiente, moralizar e blindar as atitudes violentas de Israel – perpetradas em nome do povo e do “Estado judeu” –, transformando todas as críticas em reações anti-judaicas que comprovariam a permanência da perseguição judaica, a iminência de um novo holocausto e a possibilidade de gerar dinheiro com tudo isso. Pois, segundo o historiador, o critério (quem é vítima) e, sobretudo, a forma (mediada por organizações) de indenização das vítimas do holocausto nazista sempre foi questionável.

O surgimento das reparações deu um caráter único a indústria do Holocausto. Como já vimos, aliada aos Estados Unidos na Guerra Fria, a Alemanha se recuperou rapidamente e o holocausto nazista foi esquecido. Apesar disso, no início dos anos 50, a Alemanha entrou em negociações com as instituições judaicas e assinou um acordo de indenização. Com pequena ou nenhuma pressão externa, ela pagou na época cerca de 60 bilhões [pelo Holocausto]. (FINKELSTEIN, 2001, p. 93-94, complemento meu).

Assim como aconteceu, segundo o autor, com outros países, mas não com outros fatos. Pois a Suíça também pagou indenizações às instituições judaicas por ter negado refúgio aos judeus durante o holocausto nazista, mas o Estado de Israel, para dar apenas um exemplo, não indeniza nenhuma família palestina que precisou se refugiar em outros países e, tampouco, lhes dá o direito de retorno a sua terra como será discutido posteriormente.

Dito isto e voltando as indenizações ligadas ao holocausto nazista, vale se perguntar: para onde foi esse dinheiro? Segundo Finkelstein (2001), para as organizações judaicas e advogados das “vítimas”, configurando assim, uma máquina institucional de gerar indenizações que pouco se preocupa com o fato e com seus próprios sobreviventes. Pois, para o autor, a categoria de “vítima do Holocausto”²¹, que foi sendo ampliada com o tempo, aumentou para ampliar a extorsão de dinheiro e não para reconhecer, de forma justa, o martírio dos judeus.

Em uma ideia complementar a essa (CLEMESH, 2014), cogita-se também, a ligação entre a criação de Israel na Palestina e a sensibilização da comunidade internacional pós-

²¹ Primeiro, as vítimas eram representadas por quem tinha vivido nos guetos judaicos e campos de concentração (10.000 pessoas), depois, por quem tinha fugido da perseguição dos nazistas (100.000 pessoas) e, por fim, por quem sentia a “dor autêntica” da vítima (+ 1.000.000 familiares).

holocausto nazista, uma vez, que a criação de Israel, se deu três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial e o reconhecimento do próprio fato. Tendo como base, vale lembrar, a partilha da ONU que destinava, segundo Clemesha (2014), 55% da Palestina aos judeus e 45% aos palestinos. Sendo que na época, os judeus possuíam 10% das terras e representavam 1/3 da população e os palestinos possuíam 90% das terras e representavam 2/3 da população.

Mas, para outros teóricos, (FIEDLER, 2003; MORRIS, 2014a, 2014b; NOVINSKI, 1995), fazer a associação baseada no sentimento de culpa pós-holocausto nazista, seria uma simplificação dos fatos, já que para eles, a demanda judaica de criar um lar seguro para os judeus existe, assim como a conexão territorial com a Palestina também.

Acho que o holocausto foi um importante estopim e catalisador para a concordância do mundo com o estabelecimento, em 1947, de um Estado judeu. E acho que isso faz sentido. [Porém] Penso que o mundo entendeu não somente que tem culpa, mas que uma solução tem de ser encontrada para a questão judaica. E o lugar natural para a solução seria a Palestina, pois era ali a terra natal histórica deles. (MORRIS, 2014b, complemento meu).

Deste modo, Morris (2014b) diz que a criação do Estado de Israel não se restringe a culpa do mundo, mas a necessidade de resolução da questão judaica, entendendo-a como uma demanda histórica. Para Fiedler (2003), além de expulsos da Judéia em 70 A.C., os judeus que migraram para a Europa nesta época, ficaram depois, à margem da sociedade por serem considerados “culpados pela morte de Jesus na cruz” (FIEDLER, 2003). O que perdurou, segundo ele, durante toda a Idade Média, a ponto, por exemplo, dos judeus não poderem ser proprietários de terras, casas e tampouco, exercerem seu ofício. Além disso, Fiedler (2003) diz, que os judeus também eram utilizados como bodes-expiatórios, comerciantes e financistas segregados em bairros próprios.

Ademais, no final do século XIX, os judeus ainda sofreram com o avanço do antissemitismo na Rússia (com os *pogroms*), na França e na Itália, até chegar ao ápice dessa perseguição: o holocausto nazista que aqui se trata. Sendo esta, vale lembrar, uma perseguição reconhecida *a posteriori* como trata Novinski (1995), pelo fato da comunidade internacional não ter se importado com a questão judaica (WYMAN apud NOVINSKI, 1995) ou não a ter compreendido no momento da sua ocorrência (GILBERT apud NOVINSKI, 1995).

Mas, independentemente das razões da não interferência da comunidade internacional, o fato, para começar, é que este fato parece ter ganhado relevância após o ocorrido. Em outras palavras, pode-se dizer, que nessa perspectiva, a perseguição aos judeus teria uma

fundamentação histórica, assim como a conexão territorial judaica, sendo legítimo, portanto, resolvê-la da forma como se resolveu: partilhando a “terra santa”.

Por outro lado, o que seus opositores (FINKELSTEIN, 2001; PAPPE, 2008; 2011) dizem e questionam, é o fato dos ditos descendentes do holocausto nazista, fazerem o mesmo que outrora sofreram. Perpetrando assim, um holocausto sionista contra os palestinos, como a própria mãe de Finkelstein (2001) os compara, sendo esta, uma sobrevivente judia do gueto de Varsóvia, do campo de concentração de Majdanek e a dois campos de trabalhos forçados:

Muito tempo já se passou para que possamos abrir nossos corações a outros sofrimentos da humanidade. Esta foi a grande lição partilhada por minha mãe. Nunca a ouvi dizer: não compare. Minha mãe *sempre* comparou. Não há dúvida de que distinções históricas precisam ser feitas. Mas aceitar distinções morais entre o “nosso” sofrimento e o “deles” é uma caricatura moral. “Você não pode comparar dois povos miseráveis”, observou humanamente Platão, “e dizer que um é mais feliz que o outro”. Diante dos sofrimentos de afro-americanos, vietnamitas e palestinos, o credo de minha mãe sempre foi: Somos todos vítimas do holocausto. (p. 18-19).

No entanto, como emaranhado de conflitos que é, levantar tal comparação, para alguns teóricos como Novinski (1995), parece ser uma afronta moral sobre algo absolutamente único e incomparável. Pois, segundo ela, é preciso lembrar como faz Hannah Arendt: “pela primeira vez, um regime político fixava o limite do direito à vida e decidia quem devia e quem não devia habitar esse planeta” (NOVINSKI, 1995, p. 21). E continua sem fazer associações com outros fatos: “O perigo é encarar o Holocausto como um fenômeno do passado” (p. 21), desvinculando-o, portanto, do que a Alemanha fez (1933-1945) e, segundo os teóricos do outro binômio (CLEMESH, 2009, 2014; FINKELSTEIN, 2001; PAPPE, 2008, 2011), do que Israel faz desde 1948. Estabelecendo assim, a conexão com a próxima camada a ser discutida: a Guerra de 1948 e os diversos conflitos que existem dentro dela.

3.2.3 Guerra de 1948

Marcante na história do conflito, esse fato que “fecha” suas “origens”, parece acionar, para começar, camadas ligadas ao problema histórico judaico, a questão palestina pós-sionismo, passando ainda, pelo dilema dos refugiados e pela formação do Estado palestino. Em suma, esse fato parece ligado a imbróglis antigos e recentes, aparentemente insolúveis, que permeiam as lutas por hegemonia em questão.

Ademais, falar sobre a Guerra de 1948, é também acionar duas camadas tradicionais da historiografia israelense: a “Velha História” e a “Nova História”. Sendo esta, vale ressaltar,

uma definição de seus precursores ligada ao momento da sua emergência na década de 1980. Afinal, esse novo, que inexistia enquanto agrupamento, já não seria tão novo se tratando de tempo. E é por isso, por conseguinte, que a abordagem do tema neste caso, se voltará para o conteúdo dessas camadas e não para a trajetória do movimento em si, tendo como base, as sistematizações de Schvarzman (2013).

Centrados na história da década de 1940, os “Novos Historiadores”, que faziam parte de um movimento de revisão israelense como um todo (SCHVARZMAN, 2013), acabaram promovendo, sem tal premeditação, um abalo na tradicional narrativa sionista (MORRIS, 2008) em torno de dois pontos principais (SCHVARZMAN, 2013): as consequências da Guerra para os palestinos e a significância da mesma para os sionistas.

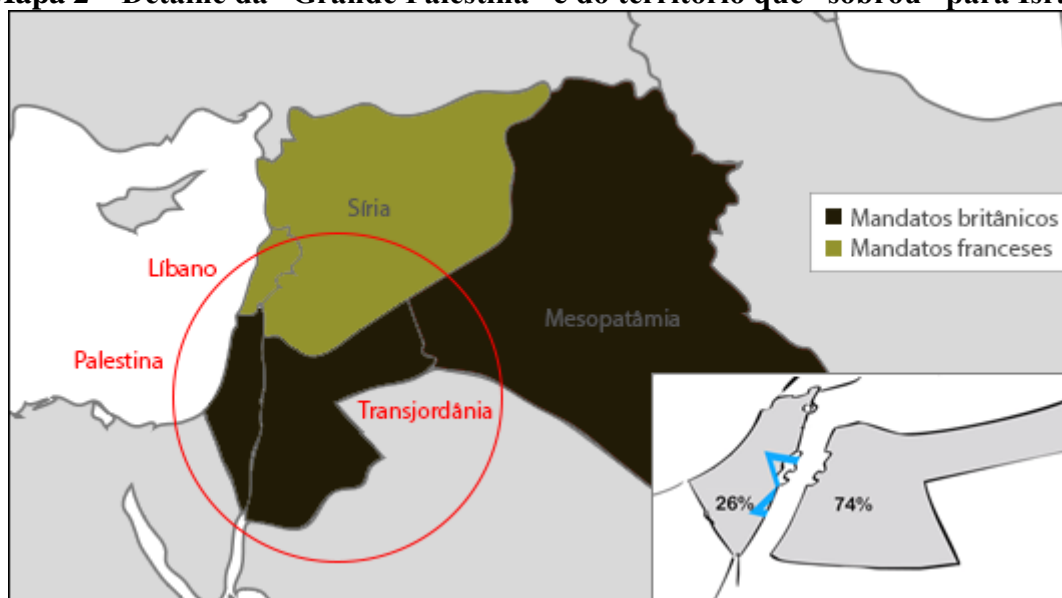
Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), associada a divulgação e denúncia do que fora o holocausto nazista (1933-1945), a pressão do movimento sionista bem organizado e a demanda judaica por um lugar seguro num contexto que ainda lhe era hostil, eis que se define, numa Assembleia da ONU, no dia 29 de novembro de 1947, a partilha da Palestina entre judeus e árabes, por 33 votos a favor, 13 contra e 10 abstenções²².

Resultado: no dia 14 de maio de 1948, o Estado de Israel é criado por meio de uma decisão diplomática com base na Resolução 181, destinando (CLEMESH, 2014) 55% da Palestina aos judeus e 45% aos palestinos, como já foi descrito anteriormente. Suscitando, por conseguinte, uma decisão que levanta o recíproco dilema sobre a partilha, pois, se para os palestinos de maneira geral, esse território não deveria ser partilhado – afinal, a Palestina é dos palestinos –, na pretensão sionista original, a partilha era uma dupla concessão judaica.

Primeiro, porque não puderem construir Israel na “Grande Palestina” (MAP. 2) que compreendia os territórios a oeste (Palestina) e ao leste do rio Jordão (Transjordânia, território destinado ao rei Abdullah pela Grã-Bretanha em 1922), além de terras ao sul e ao redor do rio Litani (norte do Líbano, que pertencia à França). E segundo, porque na proposta da Grã-Bretanha e da ONU (1947), Israel teria que partilhar 24% do território que “sobrou” para ele, como se viu na narrativa do Estado de Israel e como se revê no Mapa 2. Representando assim, a dupla concessão judaica, que os sionistas alegam ter feito ao longo da História.

²² “**Votos à favor da partilha:** Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Costa Rica, Tchecoslováquia, Dinamarca, Equador, Estados Unidos da América, Filipinas, França, Guatemala, Haiti, Islândia, Libéria, Luxemburgo, Nicarágua, Noruega, Nova Zelândia, Países Baixos, Panamá, Paraguai, Peru, Polônia, República Dominicana, República Socialista Soviética da Bielorrússia, República Socialista Soviética da Ucrânia, Suécia, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, União Sul-Africana, Uruguai e Venezuela. **Votos contra a partilha:** Afeganistão, Arábia Saudita, Cuba, Egito, Grécia, Índia, Iran, Iraque, Líbano, Paquistão, Síria, Turquia e Iêmen. **Abstenções:** Argentina, Colômbia, Chile, China, EL Salvador, Etiópia, Honduras, México, Reino Unido, e Iugoslávia.” (PISKY apud GOMES, A., 2001, p. 91).

Mapa 2 – Detalhe da “Grande Palestina” e do território que “sobrou” para Israel



Fontes: Adaptado de WIKIPEDIA, 2015; ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2011.

Ademais, a proposta que compreendia Israel dentro de toda a “Grande Palestina”, foi traçada por Ben-Gurion (futuro Primeiro-ministro de Israel) em 1918 e exposta por Weizmann, também quadro sionista, na Conferência da Paz em 1919. Estando ela, na perspectiva de Benny Morris (2014a) – e não dos “opositores de Israel” –, baseada em questões hídricas e imagens bíblicas, históricas, imaginárias ou reais do reino da Judéia. Não tendo, portanto, muita legitimidade para se sustentar como não se sustentou, inclusive entre os próprios sionistas (MORRIS, 2014a).

Deste modo, além de excluir 76% das terras (Transjordânia) que vislumbravam para o Estado judeu, nessa perspectiva, a Cisjordânia ainda seria partilhada com os árabes. Povo, que na narrativa hegemônica em questão, não possuía a mesma identidade nacional e afetividade com a terra que os judeus possuíam, levantando a discussão sobre a expulsão ou saída voluntária dos palestinos ou árabes na Guerra de 1948. Sendo este, portanto, outro dilema que o fato levanta: houve ou não houve uma expulsão deliberada dos palestinos da Palestina?

Na “Velha História”, ou como se refere Schwarzman (2013), no “relato historiográfico tradicional”, foram os Estados árabes, contrários à partilha da Palestina (1947) e à Declaração de Independência de Israel (1948), que invadiram a nação judaica e incitaram a migração dos palestinos durante a Guerra de 1948. Dito isto, “desse ponto de vista, não haveria problema palestino, já que se partia do entendimento de que [os refugiados] são árabes e como tal deviam ser acolhidos por seus ‘irmãos’.” (SCHVARZMAN, 2013, p. 4, complemento meu). O que para Pappe (2008), representa o segundo mito israelense como se verá.

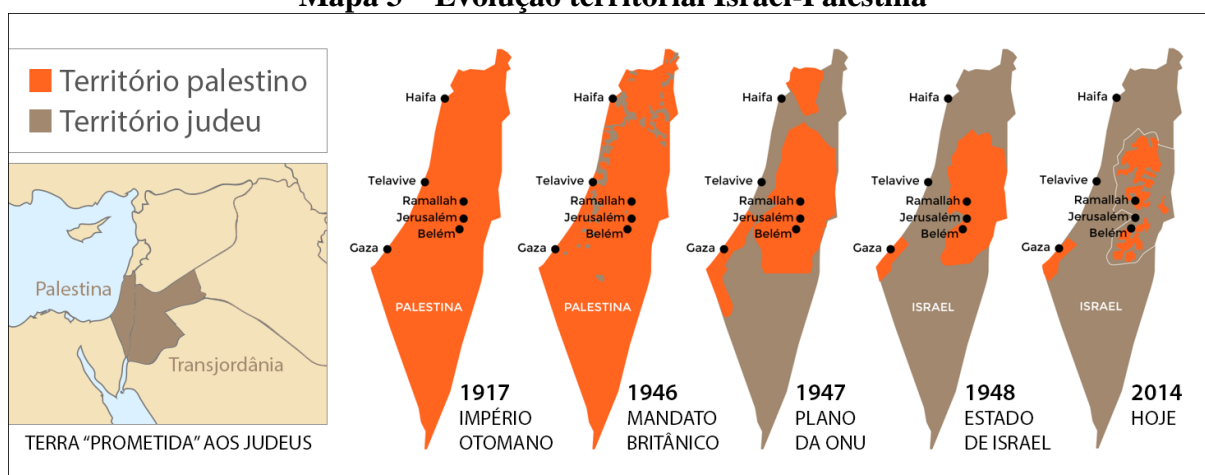
Ainda nesse sentido, o povo árabe, para Morris (2014a), só desenvolveu uma identidade nacional em 1930, a partir do “movimento nacional árabe-palestino”. Pois, antes da partilha do Oriente Médio, entre a Grã-Bretanha e a França (1917), os árabes da Palestina se definiam, segundo o autor, como cidadãos otomanos, muçulmanos e pertencentes a um “coletivo amorfo [e] enorme falante de árabe” (MORRIS, 2014a, p. 56, complemento meu). Entretanto, vale destacar, que a noção de identidade nacional, só pode vir a partir da criação real ou simbólica desses Estados (Líbano, Iraque, Palestina, Israel etc.). Deste modo, a noção de libanês, iraquiano ou palestino, realmente só vêm a partir da fragmentação desses territórios. O que explica também, a forte conexão entre os “árabes” como já foi dito, além do fato de falarem o mesmo idioma, com pouquíssimas variações como Nora me explicou.

Continuando na questão dos refugiados, vale dizer, que na “Nova História”, a questão era tratada de forma distinta levantando outra visão do conflito relacionada ao fato. Para Clemesha (2009), em 1948, 800 mil palestinos foram expulsos de sua terra, sendo este, um número semelhante à quantidade de judeus europeus (700 mil no total) que migraram para a Palestina entre 1948-1951 (USHMM, 201-b), depois, inclusive, de terem vivido em campos para deslocados da Guerra (1947-1951).

Ademais, esse valor, que representava quase a metade da população palestina (1.850.000 no total) na época (GOMES, A., 2001), foi gerada, segundo a autora, a partir de três momentos de expulsão: a primeira (350 mil) em 1947, após a Resolução da ONU que aprovava a partilha da Palestina; a segunda (350 mil) em 1948, durante a Guerra para a criação do Estado de Israel e a terceira (100 mil), durante o desenvolvimento do próprio conflito Israel-palestino (CLEMESH, 2009).

Além disso, houve também, segundo Clemesha (2009), uma alta migração judaica para a Palestina diante do próprio contexto desfavorável aos judeus. No entanto, se eles, assim como o pai de Ilan Pappé (2014), tivessem tido a chance de escolher outro destino, talvez não teriam escolhido a Palestina. Afinal, se existe um lugar pouco seguro para os judeus, como diz o autor (PAPPE, 2008), esse lugar sempre foi Israel – partindo do princípio que este foi e é um território em constante conflito.

Já no ponto de vista territorial, se antes de 1948, o território “prometido” aos judeus diminuiu, após essa data, pode-se dizer que ele aumentou. Enquanto a terra dos palestinos, circunscrita no fim do Império Otomano (1918) e da Primeira Guerra Mundial (1918), seguiu em diminuição, tanto pela deliberação da Grã-Bretanha e da ONU (1947), como pelo próprio desenvolvimento do conflito como mostra o Mapa 3.

Mapa 3 – Evolução territorial Israel-Palestina

Fontes: Adaptado de RA INFOGRAFIA, 2014; WIKIPEDIA, 2015.

Deste modo, com a abertura dos arquivos militares israelenses (1998), Benny Morris, que hoje nega essa tese, demonstra segundo Schwarzman (2013), que houve “uma deliberada política de expulsão [dos palestinos]” (p. 4, complemento meu) alterando a percepção sobre o direito palestino na época. Mas agora, o autor trata o assunto de outra maneira, como se vê na declaração abaixo:

Não acho que desalojar populações seja positivo nem moral. Às vezes, em certas circunstâncias históricas, despejos ou expulsões, são necessários se você quiser viver. Em outras palavras, se a escolha for entre você ser morto e o outro ser desalojado, prefiro que o outro seja desalojado a eu ser morto. (MORRIS, 2014b).

Discordando assim, da concepção de Pappe (2008, 2011, 2014) e Clemesha (2009, 2014), que falam nesse caso, de políticas de “limpeza étnica” e “transferência” de palestinos para fora de Israel. Sendo esta, para eles, uma prática histórica, deliberada e planejada dos sionistas, que se consolidou enquanto política de Estado permanecendo viva nos dias de hoje.

Dito isto, Pappe (2008) conclui: a saída voluntária e/ou estimulada pelos líderes palestinos, é um mito da “Velha História” israelense. Para o autor, a criação do Estado judeu, contou, para começar, com a expulsão de 750.000 palestinos com base no que ele chama de limpeza étnica (PAPPE, 2014):

(...) operação cujo objetivo final é o movimento de um grupo gerado por outro. Ninguém pode negar o fato de que metade da população palestina foi expulsa, que metade das cidades e aldeias palestinas foram destruídas, que os palestinos perderam a Palestina porque o sionismo criou o Estado judeu. E isto é, mesmo na definição mais conservadora, um ato de limpeza étnica.

Em outras palavras, essa prática, conceituada em uma das suas principais obras (*The Ethnic Cleansing of Palestine*, 2007), era algo que se via nos documentos militares israelenses (1948), havendo, segundo o autor, evidências claras que isso se deu de maneira premeditada, planejada e estruturada no intuito de converter a Palestina, demograficamente árabe nesse momento, em um país majoritariamente judeu.

Pois Pappé (2014), diz ter visto na lista dos comandos aos soldados da época, incluindo nos diários do Primeiro-ministro de Israel (Ben Gurion, 1947-1949), ordens de “ocupar as aldeias, expulsar seus habitantes e detonar suas casas.” (PAPPE, 2014). O que leva, fazendo uma breve costura dessas camadas, ao problema demográfico de Israel que toca diretamente na questão dos refugiados palestinos.

Ainda hoje, o Estado de Israel não permite o retorno desses refugiados, sob a alegação de que isso traria um desequilíbrio demográfico e novas complicações (MORRIS, 2014a). Pois, se os 5 milhões de refugiados palestinos (UNRWA, 2015) voltassem, a sua população, que atualmente é de 4.169.506 (THE WORLD BANK, 2014b), passaria para 9 milhões, ultrapassando a população israelense atualmente composta por 8.059.500 (THE WORLD BANK, 2014a) de residentes, incluindo árabes.

Outro exemplo: na década de 1920, o movimento sionista tentou equilibrar a balança demograficamente díspar – 10% da população era judia (GOMES, A., 2001) –, estimulando a migração judaica através de novas campanhas e iniciativas que incluíam: determinação de mão de obra judaica em terras judaicas na Palestina (1920) e alteração da composição do conselho da Agência Judaica (1925), contando com sionistas e não sionistas – destes, 40% eram estadunidenses. Até porque, já nessa época, se sabia que o apoio a criação do Estado de Israel, também dependia dos semelhantes, os judeus, sem intenção de criá-lo, os não sionistas. Legitimando assim, a demanda em questão: construir Israel na Palestina.

Já em relação a significância da Guerra de 1948, Schvarzman (2013) fala, com base na “Velha História”, que o que se conta é: nesse momento, houve uma batalha heroica de um pequeno, corajoso e pouco armado povo, os judeus, contra um potente, numeroso e bem armado grupo de nações árabes que os atacaram de surpresa, enquanto comemoravam sua independência. Comparando esse episódio, ao duelo bíblico entre Davi e Golias (1000 A.C) que representam, respectivamente, os hebreus, descendentes dos judeus e os filisteus ou palestinos. Pois, apesar de Golias ser um guerreiro grande, forte e robusto, foi Davi, um apascentador de ovelhas e tocador de harpa, que venceu a batalha, casou-se com a filha do rei e assumiu o trono do reino de Israel.

Por outro lado, e se contradizendo a partir da própria narrativa, Morris demonstrava, quando fazia parte dos “Novos Historiadores”, que

Ao contrário dessa mítica de fragilidade israelense, a documentação levantada por Benny Morris (1988) constatava que parte dos armamentos israelenses usados na Guerra de Independência havia sido tomada dos ingleses pela *Haganá* [organização paramilitar sionista], quando seus membros participaram de operações conjuntas durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, contaram também com reforços dos russos. Quanto à falta de preparo das forças israelenses, com a prática militar da *Haganá* e sua participação no exército inglês, se eram menos numerosos, estavam mais bem treinados, tinham apoio político americano e apoio diplomático e militar dos russos. Os árabes, ao contrário, que vinham de várias nações não tinham treinamento, não sabiam operar o equipamento, que não era novo e, sobretudo, não se entendiam. (SCHVARZMAN, 2013, p. 6, complemento meu).

Sustentando assim, o que Pappe (2008) diz ser um subtexto da “Velha História”. Pois, de acordo com o autor, dentro da iminência de um novo holocausto, existem dois mitos: [1] a invencibilidade do exército de Israel, que venceu a Guerra de 1948 como Davi venceu Golias. [2] O povo árabe, ao contrário dos israelenses, é primitivo, misterioso, covarde e perdedor de batalhas. Ideias, vale dizer, que Benjamin Netanyahu (2014) e Benny Morris (2014b) demonstram com outras palavras.

Segundo Netanyahu (2014), Primeiro-ministro de Israel, sua nação é um país minúsculo que precisa se defender, já que está rodeado por outras nações que os odeiam e querem “varrê-lo do mapa”. Em suas palavras: “(...) a vulnerabilidade de Israel [e] sua necessidade de se defender, não é normalmente vista. Israel é um país minúsculo.” (NETANYAHU, 2014, complemento meu). Além disso, as nações que o rodeiam, para ele, são dominadas por terroristas islâmicos que vêem Israel como o “pequeno satã” e os Estados Unidos como o “grande satã” (NETANYAHU, 2014). Fazendo assim, uma associação do Ocidente contra o Oriente e a própria junção dos subtextos de Pappe (2008): seu povo é invencível e o outro é primitivo, misterioso, covarde e perdedor.

Benny Morris (2014b), em uma lógica similar, diz que há uma tendência histórica das sociedades árabes serem violentas, ditatoriais e antijudaicas, pois na sua perspectiva, “o fato é que, antes do início dos tumultos em 2011, todos os países do mundo árabe eram ditaduras e os povos ali, não têm tradição democrática e nem respeito pela democracia.” E continua: “a sociedade árabe era má com os judeus. Viviam como minoria, eram frequentemente perseguidos e às vezes assassinados nas sociedades árabes.” (MORRIS, 2014b). Explicando, para ele, a rejeição árabe-palestina aos judeus desde 1882 e a rejeição à Israel pós 1948. Sendo esta, para Morris (2014b), a razão do conflito existir.

Dito isto, pode-se perceber, que na visão desse autor, de fato “há algum mecanismo na sociedade árabe muçulmana que produz mais violência que na maioria das sociedades. Isso é uma verdade histórica dos últimos cem anos.” (MORRIS, 2014b). Por outro lado, e ainda na sua perspectiva, o Estado de Israel e o movimento sionista por sua vez, sempre estiveram abertos a proposta de paz e a criação de dois Estados, ao contrário, segundo ele, da ala islamita e secular do movimento nacional palestino (MORRIS, 2014a, 2014b). Levantando assim, a deixa para o terceiro e último mito elencado por Pappé (2008): Israel sempre foi a favor da paz e trabalhou para atingi-la, enquanto os palestinos se impuseram a todas as suas tentativas, exemplificando, por fim, o binômio da “ditadura *versus* democracia” que Morris (2014b) discute no Roda Viva:

Israel (...) tem uma população que consiste em 6 milhões de cidadãos judeus, aproximadamente, e 1,5 milhão de cidadãos árabes. Estes últimos são as pessoas que continuaram no Estado de Israel após a guerra de 1948, e seus descendentes. Eles têm direitos plenos, votam nas eleições, têm partidos políticos islâmicos, outros partidos políticos e representantes no Parlamento israelense. Há um juiz árabe na Suprema Corte. Eles detêm vários cargos, talvez não em equivalência à sua proporção na população, mas são representados e todos têm direitos civis, liberdades civis, serviços médicos como os que os israelenses desfrutam e todo tipo de outros serviços.

Por outro lado, Pappé (2008, 2011, 2014), que trata dessas questões sobre outro paradigma, questiona a “democracia” israelense na medida em que sustenta, sobretudo, a ideia da limpeza étnica e diz: além das iniciativas de paz virem dos palestinos, Israel nunca abriria mão de tudo que conquistou por mera diplomacia internacional. Dito isto, para ele, a explicação do conflito está no caráter da ocupação Palestina que se resumiria a um processo colonialista como qualquer outro, com a diferença de legitimar, pela primeira vez, a partilha da terra entre colonizados e colonizadores.

Na mesma perspectiva, Clemesha (2014) ainda complementa: a história contradiz tanto o retrato do árabe “à espreita de lançar os judeus ao mar”, que seria violento, não receptivo à paz e à convivência, como a construção ideológica de seus Estados que rejeitam a democracia. Pois, segundo a autora, no Islã, houve uma coexistência pacífica entre árabes e judeus, ao contrário do que ocorreu na Guerra de 1948 para a formação do Estado de Israel, a fazendo indagar Benny Morris, por exemplo, na própria entrevista do Roda Viva: “será que esse mundo [árabe, palestino etc.] não está muito preparado para paz desde que veja ações concretas sendo tomadas?” (CLEMESHHA, 2014, complemento meu). E Morris (2014b) responde: “eu distinguiria os líderes árabes – alguns dos quais são pragmáticos e têm de pensar nas relações com os Estados Unidos e com a comunidade mundial – das sociedades

árabes muçulmanas. Acho que estas sociedades não aceitam a existência ou a legitimidade de Israel.”.

Desta forma e sem entrar na essência da “justificativa árabe” de oposição ao Estado de Israel, Morris (2014b), que também assume não ter nenhum amigo árabe²³, sustenta, como já se discutiu, que podem existir líderes democráticos dentro dessas sociedades, mas não sociedades árabes democráticas e, portanto, abertas a processos de paz e/ou a Estados binacionais no caso israelense-palestino, por exemplo.

Por fim e na contramão de Benny Morris, Pappé (2008, 2011, 2014) tenta mostrar, que o princípio do Estado único, limpo de palestinos, não é uma perspectiva do sionismo datada num determinado tempo e contexto, mas sua base ideológica, comprovada inclusive, nos arquivos militares israelenses de 1948. Além disso, por parte dos palestinos segundo ele, a defesa do Estado único, quando existente, se sustentaria pelo princípio da não aceitação do colonialismo de Israel. Dito isto, a insolubilidade do conflito, estaria aqui, na negação de uma luta colonial que só acabará, como se acabaram com as outras: emancipação da colônia e saída do colonizador.

E é assim, em uma luta aparente de legitimar e deslegitimar histórias, a *priori* irreconciliáveis, que se fecha a descrição dessas camadas, tendo em mente que o conflito histórico também é o que se verá no contemporâneo. Pois, para se tornarem “amigos” e, por conseguinte, dignos da confiança do outro, será necessário, pelo visto, um pouco menos de antagonismo nessas histórias hegemônicas. Afinal, se os árabes “são educados (...) a odiar Israel” pelo “sistema escolar” (MORRIS, 2014b) – sem entrar nas razões históricas disso –, pode-se dizer, que os israelenses, também são educados pelo seu Estado a odiar os palestinos sob a mesma lógica e intensidade. Sendo isto, um pouco do que será apresentado e discutido no próximo Capítulo.

²³ “O senhor pessoalmente, tem algum amigo íntimo árabe? É possível o senhor confiar num árabe?”, pergunta Patrícia Campos Mello (2014). E Morris (2014b) responde: “Devo admitir que não tenho nenhum amigo árabe. Não sei quanto a confiar em árabes ou não, mas não tenho amigo árabe.”

4 CAPÍTULO III: CONTEMPORÂNEO E(M) CONFLITO

4.1 Considerações iniciais

Se a roupa faz o homem, as palavras fazem o monstro.
(Caryl Chessman, 1957, p. 136)

Essa citação, oriunda de um famoso condenado a morte, diz respeito a uma construção narrativa da mídia em torno de “Bill”, outro condenado à câmara de gás, que foi, de maneira simplista, transformado em monstro pela narrativa jornalística que ressoava o discurso da força hegemônica em questão: o discurso da sociedade estadunidense. E é assim, com foco em um processo de “sedimentação de significantes” (RESENDE; ROBALINHO, 2015) como este, que o trabalho se volta para a análise das narrativas em conflito, construídas neste caso, pelas seguintes forças hegemônicas: o Estado de Israel e a resistência do povo palestino, que tentam, em uma sintonia de confronto, legitimar e hegemônizar a sua própria narrativa.

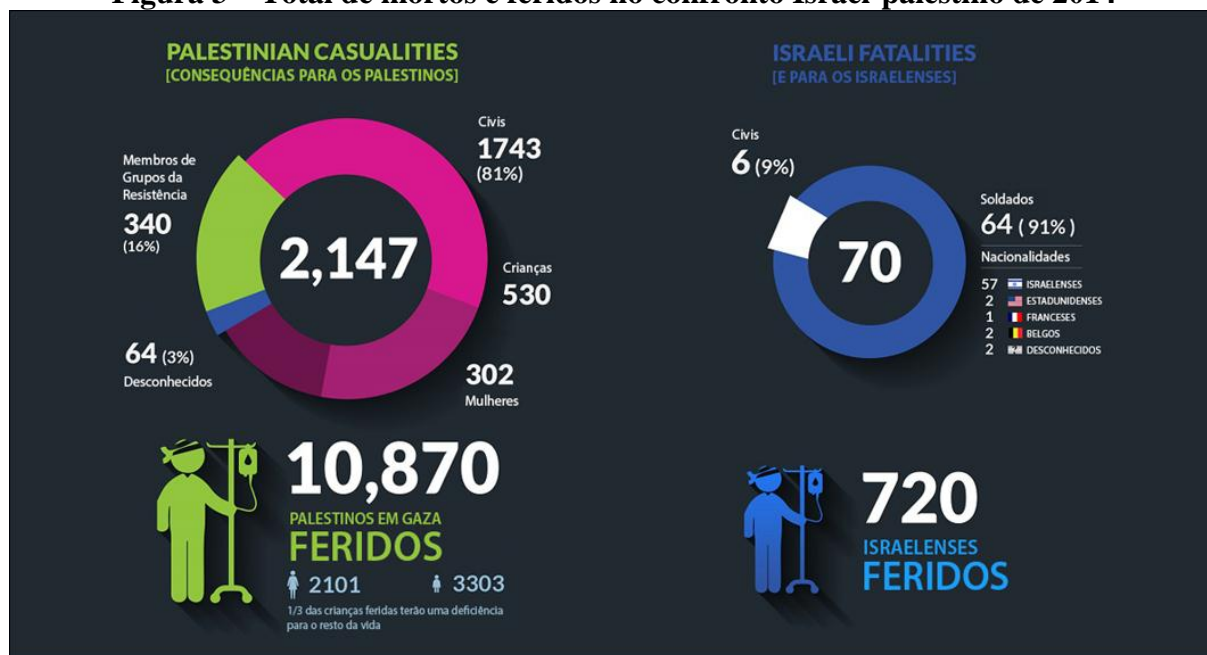
Deste modo e na contramão dos estereótipos que devem ser observados, como serão, a pesquisa busca desvelar como o conflito Israel-palestino se conforma enquanto um processo complexo, em que é possível identificar conflitos dentro do conflito, ou seja, em que é possível identificar como essa disputa se configura em camadas interconectadas, dinâmicas e em contradição a partir das suas disputas narrativas. Pois, mais do que entrar em um processo de análise e julgamento de histórias, o que se quer, vale lembrar, é elucidar os processos que “inscrevem as lutas (e possivelmente as verdades) que se escondem atrás dos poderes que engendram e narram o conflito.” (RESENDE; ROSSIGNOLI, 2015, p. 3). Sendo esta, em poucas palavras, a forma como a análise se desenvolve, tendo como foco os conflitos de narrativas em torno de um confronto Israel-palestino de 2014.

Em busca da reconstrução factual do acontecimento (APÊNDICE C, p. 137), o trabalho se baseia, para começar, em 75 matérias da BBC Brasil relacionadas ao fato e, datadas, portanto, entre 12 de junho à 26 de agosto de 2014. A primeira data (12/06/2014), diz respeito ao dia em que 3 jovens israelenses são declarados desaparecidos, dando “início” ao confronto que se irá se deflagrar oficialmente em 8 de julho. E a segunda (26/08/2014), está ligada, por sua vez, ao dia em que o Estado de Israel e o Hamas aceitam o cessar-fogo de longa duração, “fechando” o confronto Israel-palestino em questão.

Fora isto, e dentro do próprio acontecimento, faz-se então, uma divisão epistemológica entre dois momentos (APÊNDICE B, p. 131): o do “pré-confronto”, que vai do dia 12 de

junho a 7 de julho de 2014 e o período do “confronto”, que vai do dia 8 de julho à 26 de agosto de 2014. Sendo estes, respectivamente, os períodos onde acontecem conflitos que alimentam, configuram e significam o que está por vir (o pré-) e onde há investidas militares mútuas, com fins pré-determinados, demarcando o confronto Israel-palestino (o durante) que a pesquisa se volta e a Figura 3 detalha em termos de baixas.

Figura 3 – Total de mortos e feridos no confronto Israel-palestino de 2014



Fonte: Adaptado de EUROMID.ORG, 28/08/2014.

Em relação ao objeto, vale dizer, que se tratando de embates entre as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o Hamas, o que aqui se estuda, é, até o momento, o maior em termos de duração e proporção como se vê em poucos números. No primeiro confronto, que aconteceu em 2008/2009, ele durou 8 dias; em 2012, 22 dias e em 2014, 50 dias, causando no terceiro confronto, 2,2 mil mortes incluindo 67 pessoas do lado israelense e 2.140 do lado palestino (BBC Brasil, 26/08/2014) – e é isso, o que a Figura 3 detalha justificando parte da escolha.

Além da sua proximidade temporal, o que não influenciou na escolha do objeto, o confronto de 2014, também representa um acontecimento de grande proporção em termos de ataques, baixas (FIG. 3) e duração, revelando, novamente, uma desproporcionalidade das forças envolvidas. O que influencia, como se verá, nos processos de legitimação em questão, lembrando que esta, é outra razão para a delimitação desse recorte.

Em relação ao veículo, vale ressaltar, que a escolha pela BBC Brasil, se deu pelas seguintes razões: [1] opção por um canal de notícias internacional com versão em português e

ligado, por conseguinte, a uma emissora pública do Reino Unido²⁴; [2] opção por um único canal de notícias que facilitasse a reconstrução factual do confronto, uma vez, que o foco da pesquisa não são os conflitos de narrativas oriundos de diferentes versões jornalísticas sobre os fatos; [3] opção por um canal de notícias que demonstrasse interesse sobre o conflito, fornecendo um acervo razoável sobre o confronto como a BBC Brasil fornece (75 matérias).

Deste modo, mais do que se voltar para a construção narrativa da emissora, o que se faz é: reconstruir o acontecimento a partir dessa narrativa, sem entrar no mérito de sua tipologia (BENJAMIN, 1994)²⁵ ou legitimidade – afinal, isso é algo realizado no conflito –, acionando as falas que corriqueiramente aparecem nas matérias, uma vez, que ao detalhar os fatos do confronto Israel-palestino de 2014 (APÊNDICE C, p. 137), é possível verificar, que dos 47 dias reconstruídos na tabela, há, em 26 deles, alguma voz acionada nas notícias.

E essas vozes, advém, em sua maioria, de algum representante das forças hegemônicas envolvidas, sendo este, o foco da pesquisa, uma vez que a sua pergunta é: “de que modo a construção de binômios hegemônicos (o israelense e o palestino), que circulam e são colocados em interação no espaço virtual, produzem e disputam sentidos acerca do conflito Israel-palestino enquanto parte de um conflito de narrativas?”.

Ademais e no intuito de auxiliar nessa análise, o trabalho se volta, como também se verá, na costura das histórias e acontecimentos do passado e do presente, mostrando que o “contemporâneo” e o “histórico” coexistem nessa disputa. Afinal, se tratando de uma luta por hegemonia territorial – tanto nas terras, como nos textos –, construir e difundir sua narrativa, baseada em argumentos históricos e atuais, num veículo europeu e portanto Ocidental, parece algo importante para subir os três degraus do tripé que aqui se levanta: conquista do interesse alheio, construção de uma legitimidade narrativa e alcance, ao “final”, de ganhos políticos morais, culturais, territoriais e narrativos.

Por fim, essa a pesquisa também se utiliza, a título de informação, de outras fontes como entrevistas de especialistas (Ilan Pappé e Benny Morris) e líderes (Khaled Meshaal e Benjamin Netanyahu) do conflito, além de relatos de testemunhas-militantes (ex: Mohamed, Nora, Samira) obtidas por meio de conversas mediadas ou não. Tudo isso, vale ressaltar, centrado no confronto de 2014, tendo em vista que a construção dessa análise, se dá

²⁴ Lembrando que a emissora em questão, está vinculada à narrativa hegemônica do Estado insular do Reino Unido, sendo este, por conseguinte, composto pela Grã-Bretanha, ex-mandatária da Palestina (1917-1948) que está ligada ao conflito Israel-palestino desde as suas origens.

²⁵ Pois, vale dizer, que essa pesquisa parte de uma ideia “impura” de narrativa, que contém um pouco de experiência (mais ligada a narrativa), acontecimento (mais ligada a informação) e/ou ficção (mais ligada ao romance), sem que isso a torne menos legítima de produzir sentido.

sobretudo, por meio do acionamento de suas vozes como costuras da narração do confronto acionadas ao longo de uma processualidade sem prévias delimitações.

4.2 Percurso metodológico

Em 2009, ano do primeiro confronto entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas (2008-2009), participei de atos públicos em solidariedade à causa palestina a partir da atuação no movimento estudantil e depois, acompanhei Samira em várias de suas palestras, despertando-me para o tema de maneira definitiva. Resultado, criei um blog²⁶ composto por reflexões primárias na época e comecei a pensar sobre o conflito Israel-palestino, ainda sem nenhuma pretensão acadêmica.

Vivida essas experiências, alguns anos se passaram, outro confronto emergiu (2012) e um interesse acadêmico me tomou a ponto de querer estudar o tema dentro de uma Dissertação – e isso, vale dizer, aconteceu após o retorno à Academia por meio de um grupo de pesquisa da PUC Minas²⁷. Associado a esse despertar acadêmico, encontrei novos (Alan Mansur, teólogo libanês) e antigos (Samira) contatos e tive acesso a reflexões teóricas elucidadoras (FINKELSTEIN, 2001, 2005; MORRIS 2008, 2014b; PAPPE 2008, 2010; SAID, 2012), em sua maioria, indicadas por Samira consolidando o interesse de pensá-los dentro de uma pesquisa.

Imersa nesse contexto, passei a desenvolver o anteprojeto²⁸ da Dissertação no ano de 2013, com uma abordagem distinta da atual como se viu na Introdução, passando por outra proposta de pesquisa no ano seguinte (2014), até chegar no que hoje se configura como tal: “O conflito Israel-palestino: a construção de narrativas, suas disputas e a busca de legitimidades e hegemonias”. De todo modo, vale ressaltar, que as mudanças que ocorreram, descritas aqui de maneira sintética, ocorreram, sobretudo, a partir de dois fatos.

Em 2014 e, mais precisamente, em pleno confronto Israel-palestino, passei a participar de um grupo no *Whatsapp* originalmente intitulado de “Gaza for palestinians”. Composto majoritariamente por árabes muçulmanos, nele, pude discutir o assunto e assistir, durante o próprio confronto, uma palestina (Nora) que mora em Gaza narrando o conflito ao vivo desde o dia 11 de agosto de 2014 – data da minha inserção no grupo. Resultado: coleí nos atores diante das experiências e referências adquiridas e foquei, já sob a supervisão de meu

²⁶ Link: <https://pelacontramao.wordpress.com/>

²⁷ “Campo comunicacional e suas interfaces”, no período entre 2010 e 2014.

²⁸ “Sentidos em disputa: desvendando olhares estrangeiros e nativos sobre o conflito Israel-palestino” (GOMES, P., 2013) submetido ao processo seletivo do PPGCOM da PUC Minas.

orientador, no acontecimento em questão voltando-se, sobretudo, para os conflitos de narrativas que daí emergiam.

Associado a esse processo e após a banca de qualificação (24/09/2015), a pesquisa passou a tomar, quase que literalmente, a forma como agora se apresenta, sendo este (banca de qualificação), outro episódio importante para o percurso metodológico deste trabalho. O olhar sobre os conflitos de narrativas se mantém, mas o foco nos atores, foi substituído pelo foco no próprio conflito e suas camadas. Pois, ao olhar para ele, na medida em que acontecia, as vozes surgiam e apareciam naturalmente como camadas de narrativas a serem puxadas revelando sentidos e disputas – tendo como ênfase, as construções e disputas narrativas entre as forças hegemônicas do conflito.

Ademais e segundo Resende (24/09/2014), “todo mundo que fala do conflito, parece preocupado com suas narrativas”, pois, diante da complexidade de um fenômeno de longa duração que acontece no Oriente Médio como este, é preciso haver, como dizem Resende e Rossignoli (2015), “uma reflexão que reconheça, antes de tudo, o esgotamento dos aparatos epistemológicos e dos recursos analíticos que têm até então amparado os gestos explicativos em torno dos conflitos.” (p. 17).

Deste modo, era preciso pensar em como estudá-lo, buscando caminhos para entendê-lo como fizemos ao longo desse processo, uma vez, que refletir sobre os conflitos de narrativas como foi dito, é estudar os conflitos do conflito na medida em que acontecem transcendendo sua geografia, ou seja, configurando-se no território dos sentidos para além do “território das terras”. Reforçando, que essa divisão é mais pedagógica do que epistemológica e justificando, por conseguinte, a relevância do tema nos estudos da Comunicação.

Em outras palavras, apesar da preocupação geral (RESENDE, ROSSIGNOLI, 2015) com as narrativas do conflito, percebeu-se, que nos estudos brasileiros em Comunicação especificamente, havia uma pulverização e esporadicidade reflexiva sobre o tema. Com exceção de Fernando Resende, que estuda a questão há 8 anos, a maioria das teses e dissertações identificadas²⁹, pareciam focadas em um olhar semiótico sobre determinados textos (jornalísticos ou artísticos), que tinham, ao contrário deste trabalho, o conflito como aparente pano de fundo.

Dito isto e focado na compreensão do problema Israel-palestino, a Dissertação, para começar, tenta adotar a reflexão sobre os conflitos de narrativas como o recurso analítico que

²⁹ Teses e dissertações identificadas: “Um certo oriente: a caracterização de palestinos e israelenses na cobertura fotográfica da Folha de S. Paulo” (KRAUSS, 2011) e “Política internacional na televisão: a devolução da Faixa de Gaza aos palestinos nos telejornais brasileiros” (VILELA, 2007). Além de quatro trabalhos ainda não lidos.

Resende e Rossignoli (2015) tratam. Buscando ao fim, ser uma tentativa a longo prazo de contribuir e ampliar com os estudos da Comunicação sobre o tema. Pois, mais do que um objeto ilustrativo, o conflito Israel-palestino, é, sobretudo, o que move este trabalho e as pretensões da pesquisadora.

Logo, mais do que objeto, o conflito e seus confrontos são matérias e vidas que me tocam, de tal maneira, que parece impossível racionalizar sem sentir. Afinal, estudar o conflito em questão, é olhar para um fenômeno complexo e de grande proporção que necessita de solução como diz Edward Said (2012) – sendo esta, para o autor, a grande causa do século XX. E é assim, com clareza de que seus fatos, dados e números não são apenas números, dados e fatos, que se inicia, então, a narração e análise do confronto de 2014.

4.3 O confronto e seus conflitos

4.3.1 Pré-confronto, 26 dias

“Pré-confronto”, período, como se apresentou anteriormente, composto por fatos que parecem alimentar, configurar e significar um certo confronto, dando o tom do que estaria por vir: o terceiro e mais recente embate entre as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o Hamas, as atuais forças hegemônicas do conflito Israel-palestino. Um acontecimento de poucas páginas no Apêndice C (p. 137) – apenas 1,5 em 10 –, mas um período, como se verá, de muitos e importantes fatos e histórias, que emergem de maneira simultânea, construindo, já neste momento, o confronto de 2014. Início aparente: um fato, dois fatos, inúmeros fatos.

No dia 15 de junho de 2014, o Estado de Israel declara o desaparecimento e sequestro de três jovens israelenses: Naftali Frenkel, Gilad Shaar e Eyal Yifrach, os dois primeiros com 16 anos e o terceiro com 19 (FIG. 4). De acordo com as matérias da BBC Brasil (15/06/2014, 30/06/2014), os adolescentes foram vistos pela última vez, no dia 12 de junho, na área de Gush Etzion, quando pegavam carona para voltar para a casa depois de uma aula no seminário. Essa área, que fica na cidade de Halhul, Cisjordânia, entre Jerusalém e Hebron – majoritariamente árabes –, é um quarteirão de assentamentos judaicos como costumeiramente se vê na região.

Figura 4 – Matéria da BBC Brasil sobre a morte dos jovens israelenses

The image shows a screenshot of the BBC Brasil website. At the top, there is a navigation bar with the BBC logo, 'Entrar', 'Menu', and a search bar. Below this is a red banner with the word 'BRASIL' and a menu of categories: 'Notícias', 'Brasil', 'Internacional', 'Economia', 'Saúde', 'Ciência e Tecnologia', 'Aprenda Inglês', '#SalaSocial', 'Galeria de Fotos', and 'Mais'. The main article is titled 'Jovens israelenses desaparecidos são encontrados mortos na Cisjordânia' and is dated '30 junho 2014'. The text of the article describes the discovery of three Israeli teenagers. A photo shows three young men, with a caption stating they were last seen near a settlement. To the right, a sidebar titled 'Principais notícias' lists other articles, including one about mosquitoes and another about the German economy. At the bottom of the sidebar, it says 'Destaques e Análises'.

Fonte: BBC Brasil (30/06/2014).

Além de comover Israel, sensibilizando da população à mídia e mobilizando as forças militares nas buscas, o fato reacendeu as suas contradições com a resistência palestina e a prejudicou internamente³⁰. E isso, vale dizer, começando pela forma como se deram as buscas israelenses na Cisjordânia: de bloqueio a áreas inteiras de Halhul à 5 mortes e prisões em massa de palestinos, sob a alegação de encontrar os jovens e “capturar todos os envolvidos no ataque” (BBC Brasil, 30/06/2014).

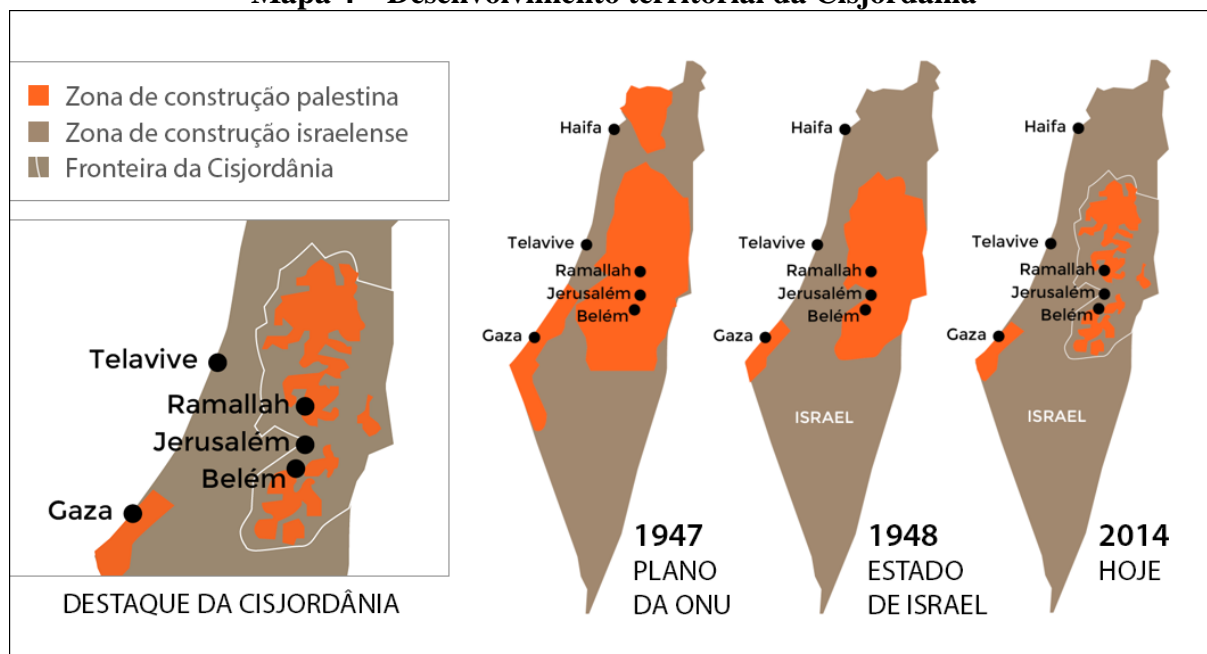
Em relação a sensibilização da mídia, é importante destacar, a maior quantidade de matérias da BBC Brasil sobre o ocorrido e o fato de mostrarem o rosto destes jovens, como não se verá no caso da vítima fatal palestina. E no que se refere à comunidade israelense por sua vez, vale lembrar dois fatos: [1] comparecimento de milhares de pessoas aos funerais dos jovens, que aconteceu no dia 1º de julho contando com a participação de Shimon Peres, então Presidente de Israel e Benjamin Netanyahu, Primeiro-ministro de Israel. [2] Manifestações israelenses, que aconteceram em Jerusalém neste mesmo dia, onde várias vezes se ouvia “morte aos árabes”, “morte aos árabes” (BBC Brasil, 01/07/2014).

Parte do “território” palestino, a Cisjordânia, que possui 5.970km² (BBC Brasil, 29/09/2014), é uma região ocupada por Israel e dividida entre residentes palestinos e colonos judeus. Entretanto, por se tratar de um compartilhamento ilegal para a maior parte da comunidade internacional (ESTADAO, 18/02/2011), a Cisjordânia, que o mapa (Map. 4)

³⁰ Pois, após esse fato, houve um estremeamento do pacto recém selado entre Fatah e Hamas, em abril de 2014, como se verá.

abaixo representa, pode ser caracterizada em poucas palavras, como um lugar de ocupação do território alheio.

Mapa 4 – Desenvolvimento territorial da Cisjordânia



Fonte: Adaptado de RA INFOGRAFIA, 2014.

Para Samira, descendente palestina e estudiosa do tema, além de ocupar a Cisjordânia, Israel controla suas fronteiras e vias de acesso principais, tendo, portanto, autonomia sobre o próprio “território” palestino – por isso a utilização das aspas. E é com base nessa constatação, que Samira costuma se referir ao local por exemplo, como um “conjunto de ilhas circundadas por Israel” ou um território que mais parece um “queijo suíço”. Sendo esta, uma posição crítica e de certa maneira compartilhada por Benny Morris (2014b), historiador pertencente a outro lugar de fala que também problematiza a questão:

A constante expansão dos assentamentos é um sinal terrível para a comunidade internacional, que aliena Israel do mundo, e é um sinal terrível para os palestinos, que comunica a eles – e entendo que enxerguem assim – que Israel não é sincero em suas ofertas de uma solução de dois Estados e que na realidade Israel quer reter a Margem Ocidental como um pedaço de território de soberania israelense. É isso que expansão dos assentamentos significa e é por isso que tem de ser congelada. Espero que o governo israelense congele os assentamentos, embora isso não pareça provável no momento.

Logo e diferentemente do que se vê entre os binômios “pró-palestino” e “pró-israelense”, quase que sempre opostos, falar desse território (Cisjordânia), com sentidos e povos que se encontram e não se encontram, pode ser, em alguma medida, falar de sentidos

que se encontram e legitimam. Afinal, é um pouco isso que parece acontecer entre Morris e Samira quando se trata deste lugar: ambos questionam a forma como a Cisjordânia existe.

E é assim, como um dos imbróglis do conflito, que a cidade partida da Cisjordânia, que parece uma metonímia geográfica do dilema Israel-palestino – onde dois povos disputam a mesma terra –, se transporta para as disputas narrativas em questão: o confronto de 2014, que tem início, para retornar ao “fato”, com o desaparecimento dos três jovens israelenses.

Deste modo, se Israel culpabilizava o Hamas por um lado, já que o crime ocorreu no território palestino (Cisjordânia) e perto de uma cidade composta majoritariamente por árabes (Hebron), as autoridades palestinas, reforçavam que o crime teria acontecido em uma área de total controle israelense. Transferindo, para começar, a culpa para quem os culpou, demonstrando que a questão pode ser um elemento de disputa e legitimação importante. Até porque, definir quem é o réu e quem é a vítima, faz diferença e é fundante nessa disputa.

Para Benjamin Netanyahu, Primeiro-ministro israelense, “aqueles que realizaram o sequestro de nossos jovens são pessoas do Hamas.” (NETANYAHU apud BBC Brasil, 15/06/2014) e devem, por isso, serem procurados e punidos. E para Sami Abu Zuhri, porta-voz deste partido, as buscas pelos jovens israelenses eram subterfúgios para prender membros do Hamas e instaurar um novo confronto com os palestinos, tendo em vista, que na época deste confronto, esse fato foi considerado “(...) o maior episódio gerador de tensão, entre palestinos e israelenses, desde a formação de um governo de coalizão palestino” (BBC Brasil, 15/06/2014) entre o Fatah e o Hamas, em abril de 2014.

Nas palavras exatas de Sami: “nós acreditamos que as últimas prisões de líderes do Hamas, legisladores e ministros têm como alvo quebrar a vontade do movimento (...) na Cisjordânia.” (ZUHRI apud BBC Brasil, 15/06/2014), uma vez, que esta, é a atual força hegemônica da resistência palestina em Gaza, que pode, potencialmente, se expandir para o outro território palestino, atualmente comandado pelo Fatah (a Cisjordânia), que costuma possuir um posicionamento mais conciliador e menos radical, sendo, portanto, mais “aceito” por Israel.

Dito isto, se historicamente, palestinos, judeus e israelenses, costumam reforçar a sua conexão com a terra e a desconexão do outro com a mesma, neste caso, o que parece acontecer é justamente o inverso: ligar o outro a terra, é poder responsabilizá-lo pelo crime ocorrido. O que nessa visão, é um “fato” que ambos tentam comprovar empiricamente, vinculando-o a realidade como Benjamin (1994) reforça. Afinal e pelo visto, é importante demonstrar que o que aconteceu, aconteceu.

Depois de 19 dias de busca e um saldo total de 400 palestinos presos e 9 mortos, os corpos de Naftali, Gilad e Eyal são encontrados em Halhul (Cisjordânia), dentro de um buraco e sobre uma pilha de pedras pelo exército de Israel (BBC Brasil, 30/06/2014). Resultado: Marwan Qawasmeh e Amer Abu Aisheh e, depois Ayoub al-Kawasma e Amer Abu Aisheh, passam a ser considerados suspeitos, sendo que os últimos (Ayoub e Amer), tiveram suas casas totalmente destruídas por soldados israelenses. Ato, que um dos parentes dos suspeitos, qualificou como “barbárie” (BBC Brasil, 02/07/2014).

Essa questão, que parece perpetuar uma lógica de ação e reação, demonstra como se viu nos capítulos anteriores, que a atitude de um, sempre parece ser significada como uma reação diante da atrocidade do outro. Em outras palavras, se Israel puniu toda a população palestina a partir da morte desses jovens, a morte desses jovens, também pode parecer, dependendo da visão do leitor, algo que lhe pareça justificável ou não. Demonstrando o que Odin (2012) discute, com outros exemplos, sobre o contrato autor-leitor que está diretamente ligado a relação de atenção e legitimidade, que o sujeito irá conferir a sua história.

Ademais, em relação a autoria dos crimes, o Hamas nunca assumiu tê-los cometido, assim como as matérias, também não afirmam se foram eles ou não – a não ser, por meio das vozes que delas emergem:

Não tenho nenhuma informação sobre quem fez isso. Até agora. Israel acha mais fácil acusar o Hamas, mas a questão é: eles estavam vivendo em sua terra? A terra na Cisjordânia é ocupada, de acordo com a lei internacional. Então o palestino que está se defendendo dos colonos armados é acusado de assassinato. Vamos falar sobre as circunstâncias [ou seja, vamos falar sobre o que aconteceu voltando ao Benjamin (1994)]. (MESHAAAL apud BBC Brasil, 25/07/2014b, complemento meu).

Para Shimon Peres, Presidente de Israel, “toda a nação [ficou] (...) em luto profundo. [Mas] em meio a nossa dor, continuamos determinados a punir esses criminosos terroristas” (apud BBC Brasil, 30/06/2014, complemento meu), dando, portanto, retorno ao clamor popular por justiça que existia em Israel, configurando-se como o guardião de uma nova demanda israelense e quiçá judia. Em uma linha parecida, Naftali Bennet, ministro da Economia israelense, diz: “Assassinos de crianças não podem ser perdoados. Agora é o momento da ação, não de palavras.” (apud BBC Brasil, 30/06/2014), dando a entender neste caso, que um possível e novo confronto estaria por vir, além de reforçar o quão “covardes” e “primitivos” os árabes continuariam sendo, lembrando a significação sobre eles, que Pappe (2008) diz estar ligado a um mito da propaganda israelense, citada no Capítulo anterior.

Para os palestinos, essas mortes, que configurarão o estopim israelense do confronto a se deflagrar, representou para eles, uma punição coletiva e indiscriminada sobre todo o seu povo (BBC Brasil, 15/06/2014). Pois nessa visão, o direito de Israel encontrar os jovens, que aparentemente foram mortos logo após o sequestro, não justificaria suas ações militares na Cisjordânia, além dos bombardeios na Faixa de Gaza que aconteceram a partir do dia 15 de junho. O que se assemelha, por exemplo, com a expulsão justificada dos palestinos que Morris (2014b) afirma, como já se viu, na entrevista do Roda Viva: “Não acho que desalojar populações seja positivo nem moral. Às vezes, em certas circunstâncias históricas, **despejos ou expulsões, são necessários se você quiser viver.**” (MORRIS, 2014b, destaque meu).

Entretanto, existe por outro lado, uma releitura do confronto bíblico entre Davi e Golias – conectado originalmente à Guerra de 1948 –, que coloca, diferentemente de Morris (2014b), os palestinos como vítima e o Estado de Israel como réu. Deste modo, se na outra associação, o primeiro caracterizava os judeus e o segundo os palestinos, agora o que parece acontecer, é justamente o contrário: o fraco é o palestino e o forte é o israelense. O que na leitura de Benny Morris (2014b), não seria bem assim, afinal, o palestino, para ele, é o que está na iminência de ser desalojado e o israelense é o que está na iminência de ser morto.

Abdallah Abdallah, porta voz de Mahmoud Abbas (Presidente da Autoridade Nacional Palestina que governa a Cisjordânia), que teria se distanciado do Hamas com esse confronto, diz: “Queríamos que a paz fosse criada nesta parte do mundo, para que nenhuma mãe ou pai passe pelo luto da perda de seus entes queridos, sejam palestinos, sejam israelenses.” (apud BBC Brasil, 02/07/2014). Demonstrando assim, uma mútua consternação diante do fato – sem se posicionar sobre algo que se repetiria do outro lado – e a diversidade da narrativa palestina, uma vez, que aqui fica claro, a diferença discursiva entre o Hamas e o Fatah.

Zuhri, porta-voz do Hamas, que chamou de “tolas” (BBC Brasil, 15/06/2014) as declarações de Netanyahu, avisou: “[qualquer ação contra o Hamas] abriria as portas do inferno” (apud BBC Brasil, 30/06/2014, complemento meu). Ou seja, dependendo do que viesse, o momento para eles, também parecia ser o da ação como disse Bennet, ministro da Economia de Israel. E foi assim, nesse contexto de hostilidade entre o Estado de Israel e o Hamas, que o confronto começou a se delinear até chegar ao novo e, agora, palestino estopim: o sequestro e a morte de Mohammed Abu Khudair de 15 anos.

Na madrugada de 2 de julho de 2014, um dia após o funeral dos jovens israelenses, um adolescente palestino, um ano mais novo que Naftali e Gilad, desaparece por algumas horas depois de ser visto, pela última vez, sendo forçado a entrar em um carro em Shufat, distrito de Jerusalém Oriental. A cidade, que também é outro imbróglio do conflito, se divide entre a

parte palestina (Jerusalém Oriental) e israelense (Jerusalém Ocidental), mas é, como acontece na Cisjordânia, controlada por Israel ao contrário do que prevê os acordos internacionais.

No plano de partilha da ONU, Jerusalém, que é sagrada para os judeus, muçulmanos e cristãos, deveria ter um regime especial, não sendo, portanto, propriedade de ninguém. Para ser mais exata, na Resolução 181, aprovada pela Assembleia Geral da ONU no dia 29 de novembro de 1947, o território em questão, seria dividido assim: “três [partes] para o Estado judeu e três para o Estado árabe. A sétima, Jaffa, constituiria um enclave árabe em território judeu. *A oitava seria Jerusalém, sob um regime internacional especial.*” (GOMES, A., 2001, p. 93, complemento e destaque meus).

Mas, como o plano não foi colocado em prática, Israel passou a reivindicar e buscar a soberania sobre toda Jerusalém, afirmando que esta é a sua capital “eterna e indivisível” (BBC Brasil, 29/09/2014) não sendo, nesse sentido, partilhável como ainda continua sendo proposto. Por outro lado, há grupos palestinos e israelenses que aceitam a partilha da Palestina – como é o caso do Fatah – e lutam, deste modo, pela divisão de Jerusalém destinando a parte Oriental aos árabes e a Ocidental aos israelenses, como, na teoria, ela deveria se compor.

Dito isto, por mais que o Hamas não seja a favor de dois Estados, assim como na prática, o governo de Israel também não é – afinal, não dá autonomia aos territórios palestinos –, o fato é que a defesa do Estado único e do Estado binacional, são recíprocas e variáveis as posições dos movimentos atualmente hegemônicos. Não sendo, portanto, exclusivas a um ou outro, como insinua Morris (2014a) no Capítulo anterior. Reforçando, que para ele, “O Estado de Israel e o movimento sionista (...) sempre estiveram abertos a proposta de paz e (...) a criação de dois Estados, ao contrário da ala islamita e secular do movimento nacional palestino.” (MORRIS, 2014b).

Logo, enquanto o imbróglio persiste, Israel constrói assentamentos em Jerusalém e na Cisjordânia sem sofrer punições por isso, mesmo que sejam, vale lembrar, considerados ilegais de acordo com a legislação internacional (APÊNDICE G, p. 153). Ademais e para voltar ao “fato” em discussão, Jerusalém, no caso deste confronto, é o local onde o corpo do jovem palestino foi encontrado com marcas de violência e parcialmente queimado. Entretanto, em nenhum momento, a matéria (“filha única” inclusive) sobre o assassinato de Mohammed, mostra o seu rosto (FIG. 5) como se viu no caso dos jovens israelenses, se eximindo, por algum motivo, de personificar e dar a cara da vítima palestina.

Figura 5 – Comparação entre as matérias da BBC Brasil sobre as mortes em questão

The image shows a screenshot of the BBC Brasil website. The main article, dated July 2, 2014, is titled "Corpo de jovem árabe é achado na Cisjordânia; palestinos veem retaliação". The text describes the discovery of a young Arab's body in the Shufat district of Jerusalem, which is seen as a possible retaliation for the death of three Jewish teenagers. A photo shows a man in a dark shirt standing in a street. A caption below the photo reads: "Autoridades estão analisando possíveis motivos criminais ou nacionalistas para a morte de jovem palestino". To the right, there is a section for "Principais notícias" with a sub-headline "OMS declara zika emergência internacional" dated February 1, 2016. Below that, another article is visible, dated June 30, 2014, titled "Jovens israelenses desaparecidos são encontrados mortos na Cisjordânia". This article mentions that three Israeli teenagers who had disappeared 12 days earlier were found dead in Cisjordânia, according to the Israeli army. A photo shows three young men, with a caption: "Os jovens foram vistos pela última vez perto de um assentamento, após voltarem de um aniversário".

Fonte: BBC Brasil (02/07/2014); BBC Brasil (30/06/2014).

Para Dimitry Diliani, representante do Fatah (grupo político que têm contradições com o Hamas), “o governo israelense tem responsabilidade pelo terrorismo judeu e pelo sequestro e assassinato na Jerusalém ocupada” (apud BBC Brasil, 02/07/2014), ou seja, pelo sequestro e assassinato de Mohammed. Nir Barkat, prefeito de Jerusalém por sua vez, qualificou o ato como algo “horrrível e bárbaro, o qual condeno fortemente” e diz: “estou totalmente confiante que nossas forças de segurança trarão os responsáveis à Justiça” (apud BBC Brasil, 02/07/2014) – como se vê na legenda da foto da Figura 5. Mas, segundo as matérias da BBC Brasil, este crime, também ficou sem solução não tendo, diferentemente do outro, nenhum apontamento de suspeitos.

Seguindo uma linha parecida de argumentação, pode-se ver, que os “representantes” das vítimas nos dois casos (sequestro e morte dos israelenses e do palestino), costumam acusar o outro pelo crime, sendo este, um processo comum de legitimação de narrativas – o que no primeiro, se favoreceu pelo local da sua ocorrência. Afinal, o sequestro e a morte de Naftali Frenkel (16), Gilad Shaar (16) e Eyal Yifrach (19), aconteceu, vale lembrar, em uma cidade de população majoritariamente árabe (Halhul) dentro de uma área (Cisjordânia) majoritariamente controlada por Israel. O que seria, neste caso, o elemento factual que parece possibilitar a culpabilização do outro.

Já em relação a Mohammed Abu Khudair (15), a transferência da culpa para o “representante” da vítima, pareceu prejudicada por se tratar de um crime com aparência de retaliação. Dificultando assim, a possibilidade de defesa de Israel, por meio da acusação do

Hamas ou qualquer outro grupo palestino. Pista disso, por exemplo, é a forma como a matéria da BBC Brasil trata o assunto, reforçando que a polícia israelense está “analisando os possíveis motivos criminais ou nacionalistas para a morte” (01/07/2014). Aceitando, mesmo sem confirmar, que a retaliação neste caso, pode ter sido a motivação do crime.

Submerso a todo esse contexto, Israel e grupos palestinos (Hamis e Jihad Islâmica, sobretudo) também iniciam, respectivamente, os primeiros ataques à Faixa de Gaza e Israel. Além dos 4 assassinatos citados e dos 5 palestinos mortos em confronto, nesse período de pré-confronto (30/06/2014 à 01/07/2014), Israel realiza ataques aéreos de um lado e a resistência palestina lança foguetes do outro (APÊNDICE B, p. 131) – 30 do primeiro e 18 do segundo, na contabilidade da BBC Brasil (01/07/2014) relativa ao dia 1º de julho. Já em relação a qualificação dos atos em si, ambos a caracterizam como reação, pois nestes casos, a alegação sempre parece passar pela caracterização de que o seu ataque é uma reação a ação do outro. Sendo, nesse sentido, legítima para si.

Ademais, esses ataques, como bem explica Kevin Connolly, correspondente da BBC em Jerusalém, ainda não eram a resposta definitiva de nenhum dos lados. Um exemplo: “Netanyahu, que tem acusado o Hamas pelas mortes, terá que provar para o público israelense que a sua resposta será calibrada em resposta ao enorme sentimento de raiva e indignação que se sente aqui” (apud BBC Brasil, 01/07/2014). Sentimento, que depois do assassinato de Mohammed, associado ao espancamento de seu primo Tariq, também deve ter tomado os palestinos, apesar disto não ser amplamente citado nas matérias da BBC Brasil.

No dia 7 de julho de 2014, imagens de celular flagram Tariq Khudair, primo de Mohammed Khudair, sendo espancado por soldados israelenses depois de o retirarem de uma manifestação palestina. Além de agredido, o jovem foi preso por participar do ato, solto depois de pagar fiança e condenado há 9 dias de prisão domiciliar (BBC Brasil, 01/07/2014). Mas esses atos (espancamento, detenção, liberação por fiança e condenação), vale dizer, não levantaram grandes questionamentos no caso da matéria, uma vez, que ela o narra de forma “informativa”³¹ e “factual”, como se vê na Figura 6.

³¹ Lembrando as características desta forma épica (Capítulo I, p. 24): **costuma ter** o “puro em si” (BENJAMIN, 1994) dos acontecimentos próximos como fonte, a realidade como justificativa e a novidade como valor. Precisa ser compreensível em si e para si a fim de informar e recorre, por isso, a explicações plausíveis e verificáveis.

Figura 6 – Frames e narração do vídeo sobre o episódio com Tariq

	<p>Advertência antes da narração: [!] Este vídeo contém imagens que podem ser chocantes</p> <p><i>A morte do jovem palestino, Mohammed Abu Khudair, na semana passada, desencadeou uma série de protestos por justiça na Palestina...</i></p>
	<p><i>Nestas imagens, feitas com um celular, vemos o que parece ser o adolescente de 15 anos, Tariq Khudair, primo de Mohammed, sendo espancado por policiais israelenses, durante uma demonstração provocada pela morte de seu primo...</i></p>
	<p><i>No domingo à tarde, Tariq, ainda com o rosto inchado, foi liberado pela polícia para cumprir pena de 9 dias de prisão domiciliar. Ele conta que estava observando um grupo de pessoas, quando os policiais se aproximaram e começaram a bater nele e que ele só acordou no hospital.</i></p>

Fonte: BBC Brasil (07/07/2014).

Logo, esse fato, que marca o fim do período compreendido e discutido aqui como “ré-confronto, demonstra a construção não aleatória e ingênua das matérias, desvelando, talvez, o que Resende e Rossignoli (2015) dizem sobre aquilo “que se esconde atrás dos poderes que engendram e narram o conflito.” (p. 3). Afinal, este veículo (BBC Brasil), como qualquer outro, está ligado a toda uma disputa e correlação de forças, que envolve neste caso, o conflito Israel-palestino.

Por outro lado, e antes de prosseguir com a narração do que veio depois (o confronto), é preciso dissertar sobre dois elementos e é isso que agora se fará: as dissonâncias nos lugares de fala hegemônicos e a realidade sobre os ataques e baixas neste confronto. Pois, assim como o hegemônico nunca é homogêneo, como já se viu, os ataques e baixas não se restringem a períodos de confronto, como se verá.

4.3.2 Conflito e(m) conflito

No dia 1º de julho de 2014, data em que também ocorreram os funerais de Naftali, Gilad e Eyal, aconteceu, de acordo com as matérias da BBC Brasil, a segunda reunião da cúpula israelense para definir a resposta a ser dada ao triplo homicídio em questão. Apesar das declarações inflamadas demonstrarem um aparente desejo majoritário de “resposta exemplar”, segundo a correspondente da BBC, Yolande Knell, este não era o sentimento de

todos os membros do governo. Em seu relato, Knell diz (BBC Brasil, 01/07/2014), que nesta reunião, havia quem defendesse ações militares severas contra o Hamas e quem propusesse ações moderadas para evitar um novo e grande confronto. Como se esta fosse, vale dizer, uma releitura dos sionistas e palestinos mais ou menos moderados, que defendem, historicamente, a solução de dois Estados ou um Estado único respectivamente (MORRIS, 2014a; PAPPE, 2008).

Desta forma, mesmo que se saiba qual foi a oficial e derradeira decisão de Israel – afinal, o confronto acabou se dando também por causa dela –, promover uma ofensiva contra Gaza, nos moldes como seu deu, não era e talvez nunca seja a posição de todos os membros do governo. Pois, como se disse anteriormente, o hegemônico nunca é e também nunca será totalmente homogêneo, sendo esta, uma categoria absoluta ideal que se busca e se disputa, mas que talvez nunca seja atingível.

Por outro lado, como o hegemônico está, e talvez, sempre esteja ligado ao poder, sua existência parece pressupor, por definição, o que deveria ser acatado por “todos” entendendo “todos” como qualquer coletividade. Até porque, etimologicamente, hegemônico diz respeito a “supremacia [e], influência preponderante exercida por cidade, povo, país etc.” (HOUAISS, 3.0, complemento meu). Em outras palavras, você pode e não pode se opor ao pensamento legitimado pelo poder como hegemônico, assim como ele, enquanto detentor de poder que é, pode e vai estabelecer, simplesmente, os limites para as oposições contra ele. Exemplos: exoneração de Danny Danon e punição aos *refukniks*, se tratando do confronto Israel-palestino de 2014.

Depois de qualificar como “fracasso” (BBC Brasil, 16/07/2014), o aceite exclusivo de Israel à primeira proposta egípcia de cessar-fogo, Danny Danon, então vice-ministro de Defesa, foi exonerado de seu cargo por Benjamin Netanyahu. Alegação: para o Primeiro-ministro de Israel “é inaceitável que o vice-ministro da Defesa, ataque a liderança do país que comanda a campanha” (apud BBC Brasil, 16/07/2014). Conclusão: neste caso, Danon parece ter sido punido por ter se “esquecido” ou ignorado que membros do governo nem sempre podem expressar publicamente sua opinião sobre as decisões do Executivo.

De todo modo, vale dizer, que essa crítica especificamente, parece estar ligada a uma oposição exclusiva a decisão do governo de cessar-fogo neste confronto. Sendo, portanto, um posicionamento mais severo e menos moderado, assim como era e continua sendo, nos últimos tempos, o posicionamento do governo de Israel, uma vez, que Benjamin Netanyahu e seu partido Likud – ambos, da extrema direita –, estão no poder Executivo desde 2009.

Dito isto e voltando ao fato em questão, apesar da exoneração de Dan significar algo, ela não significa, um distanciamento de posicionamento entre ele e Netanyahu, já que ambos estão ligados a extrema direita de Israel e ao mesmo partido (Likud), costumando, além disso, dar declarações parecidas. Um exemplo: declaração de Danon, em tom semelhante ao que já se viu com o Primeiro-ministro de Israel: “Temos de dizer isso claramente: se você mata crianças inocentes que voltam da escola, você não pode continuar a trabalhar conosco normalmente.” (DANON apud BBC Brasil, 01/07/2014).

Netanyahu por sua vez, depois da recusa do Hamas a esta própria trégua em questão, declarou: “Se não há cessar-fogo, nossa resposta é fogo.” (apud BBC Brasil, 01/07/2014). Demonstrando assim, que a ação contra Danny Danon, talvez esteja ligada à sua crítica pública e não ao tom e/ou teor de suas declarações que muito se aproximam.

Tomei a decisão de forma apressada. Abandonei o país cinco dias depois de ter sido convocado para o exército. Cinco dias durante os quais tratei de explicar aos meus superiores as razões da minha recusa em implicar-me numa campanha militar sanguinária, que se podia ter evitado facilmente e cujas principais vítimas são civis. De maneira pouco surpreendente, estas explicações não os impressionaram. Nenhum exército permitiria a insubordinação. Estou disposto a ir para a prisão, mas espero estar ausente durante o conflito, aguardando ser julgado, quando o espírito militarista dos tempos de guerra se acalmar, o que poderá ser favorável. Mesmo assim, não tenho a certeza se no final poderá acontecer-me o contrário e ser prejudicado. (GILAD apud CARTA MAIOR, 28/07/2014).

Essas são as palavras de Gilad (32), reservista do exército israelense que se tornou um *refuknik*, “objeto de consciência” em português, fazendo parte de todo um movimento de cidadãos israelenses que se recusam a servir as Forças de Defesa do país. Associado a isto, esse movimento, já em crescimento nos últimos anos (CARTA MAIOR, 28/07/2014), esteve ligado no último confronto, especificamente, a denúncia sobre a polêmica incorporação de 6 mil soldados estrangeiros no exército israelense (BRASIL DE FATO, 29/07/2014).

Pois, se por um lado, há quem diga (BBC Brasil, 24/07/2014c) que os soldados estrangeiros são compostos por jovens não israelenses, que querem majoritariamente honrar suas raízes judias, demonstrando que se trata de “estrangeiros dispostos a morrer por Israel” – título da matéria da BBC Brasil (24/07/2014c). Por outro, há quem acredite (BRASIL DE FATO, 29/07/2014), que eles são os substitutos dos objetores de consciência, ou seja, os substitutos dos cidadãos israelenses, que estão se recusando a cumprir o serviço militar obrigatório, não concordando com o confronto e o conflito como um todo. Estabelecendo assim, uma disputa por sentidos no que se refere a este fato: “Entidade denuncia 6 mil

soldados estadunidenses, canadenses e europeus na Faixa de Gaza” – título da notícia no Brasil de Fato (29/04/2014).

Figura 7 – Imagem das matérias da BBC Brasil e do Brasil de Fato

The image shows two news articles side-by-side. The left article is from BBC Brasil, dated July 24, 2014, with the headline "Os estrangeiros dispostos a morrer por Israel". The right article is from Brasil de Fato, dated July 29, 2014, with the headline "Entidade denuncia 6 mil soldados estadunidenses, canadenses e europeus na Faixa de Gaza".

Fonte: BBC Brasil (24/07/2014c); BRASIL DE FATO (29/07/2014).

Ademais, esse fato, vale lembrar, pode ser associado a uma releitura dos migrantes judeus do início da ocupação Palestina: de um lado, os refugiados que queriam apenas um lugar seguro para viver, como era o caso, já citado, do pai de Pappe (2014). E do outro, os colonialistas que queriam construir seu país naquele lugar, o que, na atualidade, estaria ligada a luta pela permanência de Israel, como se vê no relato de Mike Fishbein, jovem estadunidense que decidiu se alistar no Exército israelense em 2009:

Antes de me alistar na IDF, passei um ano em Israel fazendo trabalho voluntário. Todos os meus amigos estavam se preparando para entrar no Exército e me convenci de que eu deveria fazer o mesmo. **Sou judeu e acredito no direito de Israel de existir. Decidi que queria defender o país como faziam os meus amigos.** (apud BBC, 24/07/2014c, destaque meu).

Dito isto e ainda com base nas matérias da BBC Brasil, é importante destacar, no que se refere ao aumento do contingente militar israelense durante o confronto, que no 10º dia (17/07/2014) desse embate, Israel convocou 18 mil reservistas elevando seu contingente militar para 65 mil. No 13º (20/07/2014) dia, convocou novas forças militares sem citar números. E no 24º, convocou 16 mil reservistas, ampliando seu contingente para 86 mil no total. O que mostra, também neste caso, que o Estado de Israel, ao menos na força, parece mais próximo a representação de Golias, se tratando do duelo bíblico entre Davi e Golias.

Entretanto, mesmo que a recusa dessa obrigação, seja passível de estigmatização e prisão, para Gilad, do relato anterior, o exército de Israel parece querer dar menos publicidade aos *refukniks*, e pode, a partir de agora, deixar de punir quem faça isso ou deixar de punir todos que assim o fizerem. Não tendo, portanto, uma reação tão óbvia e simplista como as forças hegemônicas podem parecer ter.

Deste modo, assim como a exoneração de Danny Danon surpreende e não surpreende, a não punição dos objetores de consciência, “faz” sentido e “não faz” sentido. O primeiro (faz sentido), porque não dá visibilidade a um movimento de recusa crescente e o segundo (não faz sentido), porque vai contra a legislação israelense que prevê detenção nesses casos.

Já no contexto palestino, vale lembrar, que as contradições nos lugares de fala hegemônicos existem, e já não são de agora. Afinal, no Capítulo II, Schvarzman (2013) mostra, com base nos estudos de Benny Morris da década de 1980, que na Guerra de 1948 os árabes que compunham o movimento nacional palestino, muitas vezes não se entendiam por falta de unidade, sendo, portanto, um movimento mais heterogêneo e dissonante do que o já estruturado e coeso movimento sionista, uma vez, que vinham de nações diversas.

Logo, se nesse período (1948), o movimento nacional judaico possuía mais de 60 anos, o palestino, por outro lado, existia a menos de 20 e esse é um dado importante de se ter em mente. Afinal, se o primeiro surgiu em 1882, o segundo (palestino), apareceu em 1920, se consolidando como movimento nacional em 1930 (MORRIS, 2014a).

Ademais, vale resgatar, também com base no tempo estendido da História, que os árabes que faziam parte do Império Otomano anteriormente (1500-1917), tinham sido recentemente divididos e fragmentados em nações diversas. Em outras palavras, com o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e a vitória dos Aliados, o Oriente Médio foi partilhado entre a França e a Grã-Bretanha, se constituindo, então, enquanto Síria, Líbano, Jordânia, Palestina etc. O que talvez explique, por exemplo, a falta de unidade dessas nações, que foram divididas por deliberações externas e não por um movimento nacional e comum de libertação.

Por fim e no que se refere a esse ponto, vale ressaltar a diferença político-ideológico entre o Hamas e o Fatah, que governam, respectivamente, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia – ambos, territórios palestinos. Enquanto o primeiro não reconhece o Estado de Israel, defende e se organiza, sobretudo, por meio da luta armada e busca a constituição de um Estado único, o Fatah, que diz ter sofrido um golpe do Hamas em 2007, aceita a solução de dois Estados e reconhece por isso, a existência de Israel (BBC Brasil, 29/09/2014).

Dito isto, o que se viu em 1948, parece se repetir nos dias de hoje como se a falta de uma consonância mínima e bem longe da utópica homogeneidade, fosse a lógica dos dois

lugares de fala, atualmente hegemônicos, da resistência palestina. No mais, vale dizer, agora com base em Edward Said (2012), que na década de 1980 era a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), sob a liderança de Yasser Arafat, que comandava tal resistência. Sendo esta, para o autor, a organização responsável pela melhoria da “conscientização ocidental sobre os direitos palestinos” (SAID, 2012, p. XXIX), o que, para ele, representou ganhos morais, gerando legitimidade à demanda palestina, mas sem se converter em ganhos políticos como se discutirá na Conclusão desta Dissertação.

E para complementar os exemplos de dissonâncias em questão, vale reacionar outro caso ligado a Israel, mas sem ligação com seu discurso de fala naturalmente hegemônico. No dia 24 de agosto de 2014, a dois dias do fim do último confronto, 40 sobreviventes do holocausto nazista e 287 descendentes diretos dos mesmos, publicaram a seguinte nota no *The New York Times*: “Como sobreviventes e descendentes de sobreviventes judeus e vítimas do genocídio nazista, nós condenamos inequivocamente o massacre de palestinos em Gaza e a contínua ocupação e colonização da Palestina histórica.” (apud BBC Brasil, 24/08/2014), se opondo, deste modo, ao confronto que existia e à própria colonização como um todo.

Afinal, essas pessoas, que faziam parte da Rede Internacional Judaica Antissionista (Rija), se colocaram, como se viu, contrárias a própria existência de um Estado judeu como foi discutido no Capítulo II. Ademais e como bem dizia Samira, todo sionista é judeu, mas nem todo judeu é sionista.

De todo modo, apesar das contradições e dissonâncias existentes serem perceptíveis nesta empiria, ainda há, como se conceituou no Capítulo I e como se vêm mostrando até então, lugares de fala e sentimentos hegemônicos presentes nos dois lados, que explicam, neste caso, o que começou no dia 8 de julho de 2014: o último e mais longo confronto entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas.

Mas, antes de voltar ao relato deste acontecimento, é importante refletir sobre uma segunda e derradeira questão: quando se fala em confronto, se fala, para começar, em um período delimitado como tal, onde há investidas militares mútuas com fins pré-determinados. Até porque, nesse conflito e talvez em conflitos a longo prazo como um todo, ataques e baixas fazem parte do cotidiano das pessoas, não sendo, portanto, restritos a momentos de confronto como relata Nora (TAB. 3, p. 93) – o original está no Apêndice E, p. 149:

Tabela 3 – Diálogo com Nora sobre bombardeios

Dia	Interlocutora	Horário	Fala
29/09/2015	Paula Lima	23h02m	Nora, Israel está bombardeando o sul de Gaza? Você está bem?
30/09/2015	Nora	02h01m	Oi Paula, Estou bem, o bombardeio é nas fronteiras e eu vivo na parte Ocidental de Gaza / Isto acontece todo dia / Obrigada por perguntar
30/09/2015	Paula Lima	14h18m	Ótimo! Esta “guerra” é uma loucura... Israel bombardeia as fronteiras todos os dias?
		14h19m	Sobre isso, a mídia não fala...
	Nora	19h26m	Sim, a mídia não fala toda vez que acontece uma violação quando não há vítimas ou danos

Fonte: Arquivo pessoal, tradução e destaque meus.

Lido isto, percebe-se então, que bombardeio é algo que os palestinos (em especial, os da Faixa de Gaza) vivenciam diariamente, assim como o som das sirenes, que avisam sobre a identificação de um míssil lançado contra Israel, é algo recorrentemente escutado nas cidades israelenses. Com a diferença, vale ressaltar, sobre o quanto isso representa em termos de baixas como explica a matéria da BBC Brasil (16/07/2014) – sem entrar no mérito do que a diferença entre os próprios fatos (bombas e sirenes) também representam.

Os três motivos do pequeno número de mortos do lado israelense são: [1] preparação da população associada a infraestrutura de segurança disponibilizada pelo Estado com abrigos, alarmes, simulação etc.; [2] ineficácia das armas palestinas que continuam ultrapassadas, como eram em 1948, sendo incapazes de alcançarem longas distâncias; [3] particular eficiência do *Iron Dome* (“Cúpula de Ferro” em português), escudo antimísseis israelense, que intercepta a maior parte dos foguetes lançados contra o país como se verá.

Diante disso e no contexto atual, o Golias dessa batalha, parece ser Israel e Davi a resistência do povo palestino. Mas, segundo a voz de um certo binômio, é só o que parece, pois, para Netanyahu (2014), Israel é um país minúsculo que precisa se defender, uma vez, que está rodeado por nações que os odeiam e querem “varrê-lo do mapa”, incluindo agora, as nações comandadas pelo Estado Islâmico. O que corrobora, vale dizer, com a tese de Pappe (2008) que diz: o Estado de Israel constrói, permanentemente, uma atmosfera de terror e medo, como se estivessem na iminência de um novo holocausto. Como também se vê no relato de Ilan Benjamin, um jovem judeu da Califórnia, que se alistou no exército de Israel:

Israel é a única coisa que os judeus têm. Deus me livre, mas se voltássemos a ser perseguidos, pelo menos teríamos um lugar para ir. Se acontecer um novo

holocausto, Deus me livre, teríamos um lugar que é nossa casa e que é seguro. Por isso é importante proteger Israel. (apud BBC Brasil, 24/07/2014c).

Entretanto, além de Pappe (2008) não concordar com a hipótese de um novo holocausto contra os judeus, ele diz, que essa questão, ainda levanta outros dois dilemas: [1] isso não aconteceu e, para ele, não faz sentido acontecer agora e [2] isso não aconteceu, mas acontece com o povo palestino.

Ademais, a baixa incidência de mortes em Israel, para alguns analistas como Jeremy Bowen, editor da BBC para o Oriente Médio, “não acontece por causa de qualquer falta de intenção do lado do Hamas e outros grupos militantes em Gaza.” (13/07/2014). Sendo esta, uma ideia compartilhada por exemplo, pelo pesquisador Benny Morris (2014b), que afirma haver uma tendência histórica das sociedades árabes serem violentas, ditatoriais e antijudaicas. Explicando, como já se disse, a tese da rejeição árabe-palestina aos judeus desde 1882, que permaneceria viva nos dias de hoje.

Tese, com a qual Arlene Clemesha questiona Morris no debate do Roda Viva, como também questionara três anos antes, numa videoaula para o Jornal Hoje (Rede Globo): “Bom, se na Europa, os judeus eram oprimidos, sujeitos a políticas antijudaicas, perseguições e massacres, a verdade é que no Islã a coexistência sempre fora pacífica. Até esse momento. [Deste modo,] o conflito que rompe a partir dos anos 1920 não é religioso, mas político” (CLEMESHHA, 2012, complemento meu) e centrado em uma disputa por território e em uma intolerância, nessa perspectiva, advinda sobretudo dos sionistas.

Além disso e continuando no resgate de outra discussão do Capítulo II, Pappe (2014), que não é favor de qualquer tipo de violência e acredita na luta pacífica, diz que reconhece e distingue a existência e aplicação da violência dos movimentos anticoloniais palestinos – que para ele, já fizeram (no passado) o uso do terror –, pois na sua visão, existe “uma diferença entre a violência do invasor, a violência do opressor, a violência do colono e a violência daqueles que se opõem a eles” (PAPPE, 2014).

Deste modo, além do aspecto quantitativo, o autor defende nesse caso, uma distinção qualitativa da violência e quiçá, dos ataques e baixas com base no que a “realidade concreta” revelaria. Estando, portanto, associado a uma ideia de narrativa vinculada a noção moderna de verdade, que tem como justificativa, a própria realidade como pressupõe Benjamin (1994) no caso da informação e da epopeia.

Dito isto e se voltarmos aos números do último confronto, se perceberá, ao contrário do que diz Jeremy Bowen (BBC Brasil, 16/07/2014), uma tendência de baixas de civis por parte das Forças de Defesa de Israel e não do Hamas. O que nas palavras de Ismail Haniyeh,

chefe do Hamas em Gaza, demonstram: “Gaza decidiu acabar com o bloqueio com seu sangue e sua coragem” (apud BBC Brasil, 21/07/2014b), como se agora, os palestinos fossem vítimas de um holocausto nazista como a narrativa pró-palestina subentende, fazendo, pode-se dizer, uma atualização do que fora o fim político das narrativas sionistas durante o período do holocausto nazista.

Pois se tratando de números, o fato é, que de 8 de julho à 26 de agosto de 2014, 2.147 palestinos foram mortos de um lado e 70 israelenses do outro. Destes, 1.743 eram civis, ou seja, 83% dos palestinos e do lado israelense, 6 mortos eram civis, ou seja, 9% do seu total.

Por outro lado, essa discussão remete, para finalizar, a um corriqueiro debate ligado ao último confronto trabalhado ao longo deste Capítulo: de quem é a responsabilidade pelos civis mortos em Gaza? Para Netanyahu, “o Hamas deve ser culpado (...) e responsabilizado por isso”, pois, segundo o chefe israelense, “o fato é que o Hamas é responsável por essa perda de vidas humanas e usa as pessoas como escudos humanos” (10/08/2014), parecendo ser, da sua natureza, feroz e violento com todos, incluindo seu próprio povo. O que também se viu em imagens e charges que circularam na internet durante o confronto (FIG. 8).

Figura 8 – Acusando o Hamas de utilização de “escudo humano”



Fontes: Adaptado de várias fontes.

Para Mark Regev, porta-voz oficial do governo de Israel, “as pessoas de Gaza não são nossos inimigos. Nossos inimigos são os que estão lançando foguetes contra cidades

israelenses” (apud BBC Brasil, 26/08/2014), justificando, portanto, toda a investida de seu país em questão. Sendo esta, em poucas palavras, a base da defesa do Estado de Israel contra as baixas civis palestinas.

Khaled Meshaal (líder político do Hamas) por sua vez, define tais acusações – sobre os escudos humanos – como “mentiras”, e afirma, como fez em uma entrevista à BBC Brasil (25/07/2014b), que “o único responsável pela morte de palestinos é Israel”, tendo como cúmplice e, por isso, corresponsável, a comunidade internacional que poderia, mas não colocou, “fim à última ocupação na história” (MESHAAL apud BBC Brasil, 25/07/2014b). Não atendendo, nesse sentido, a demanda palestina ao contrário do que fizeram com a demanda judaica.

Logo, além do jogo diplomático, que ora atende um, ora atende outro, como acontecia no início do século XIX, a questão palestina parece que só se resolverá, como se resolveu a questão judaica: a partir do fim do próprio acontecimento. Pois, assim como a comunidade internacional, parecia não interferir no holocausto nazista no momento em que acontecia (NOVINSKY, 1995), no caso palestino, ela também parece não se envolver para além de ajudas humanitárias.

Diante disso e da impossibilidade de acusar o “representante” da vítima – no caso do sequestro e assassinato do palestino Mohammed Khudair (15) – baseando seu argumento na questão das baixas, Israel então, passa a se defender a partir de outro elemento que diz ser factual: os escudos humanos do Hamas. Afinal, conferir culpa ao outro e se eximir da mesma, é, como se verá, retirar e conceder legitimidades, sendo estas, questões caras para os conflitos de narrativas como um todo.

4.3.3 Confronto, 50 dias

8 de julho de 2014: início do confronto mais longo entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas. Nome da operação dada pelo exército de Israel: “Borda de Proteção”. Finalidade: destruir as forças do Hamas e acabar com os ataques contra seu país. Saldo do primeiro dia: 25 pessoas mortas em Gaza e 1 foguete interceptado por Israel que cairia em Tel Aviv, segunda maior cidade israelense e um dos principais alvos do Hamas. Dia 2 e primeiros dados sobre as investidas: Israel realiza 129 ataques aéreos contra Gaza e, Hamas, lança 72 foguetes contra Israel apesar de não assumir autoria na época.

Depois de tudo isso, se tornou dos assuntos mais compartilhados (#PrayforPalestine) no *twitter* do Brasil³² (BBC, 10/07/2014b) à preocupação de Ban Ki-moon, Secretário-geral da ONU, que declarou consternado: “a região vive o pior momento de anos recentes [e exige soluções] corajosas e criativas das partes envolvidas no conflito” (apud BBC Brasil, 10/07/2014a, complemento meu). Ademais, contou, por um lado, com diversos mediadores, propostas de trégua e cessar-fogo e, por outro, com mais ataques e baixas que renderam, por exemplo, 6 páginas da Dissertação exclusivamente voltadas ao detalhamento desses números (APÊNDICE B, p. 131).

Em relação as tentativas diplomáticas desta época, que se parecem com as diplomacias que precederam a criação do Estado de Israel, vale destacar por ora: até o fim do confronto e com base nas matérias da BBC Brasil, foram 8 propostas de trégua e 13 tentativas de mediação por países (Estados Unidos e Egito com mais presença) e chefes políticos diversos – lembrando, que esses números, possivelmente devem ser maiores.

De todo modo, apesar da diplomacia existir e atuar, o que parecia prevalecer, era um sentimento, também histórico, que misturava esperança e desesperança, tendo em vista, que a trajetória do conflito, parece uma permanente repetição do presente como levanta-se a partir de Boris Groys (2010). E é isto, por exemplo, que também se nota no relato de Nora transcrito abaixo (TAB. 4) – o original está no APÊNDICE F, p. 151:

Tabela 4 – Diálogo com Nora sobre cessar-fogo

(continua)

Dia	Interlocutora	Horário	Fala
18/08/2014	Paula Lima	05h55m	O cessar-fogo continua?
	Nora	05h56m	Sim
		05h57m	Ele acaba à meia noite de hoje / Então, nós não sabemos o que vai acontecer
	Paula Lima	05h57m	Hummm. / Oh meu deus..
		05h58m	O horror de Israel vai recomeçar...
	Nora	05h59m	Nós não queremos a guerra novamente... nós não aguentamos mais
	Paula Lima	05h59m	Quantos dias este cessar-fogo está durando?
	Nora	05h59m	Eu não sei como nós o fizemos antes
Paula Lima	05h59m	Claro!!!	

³² Além de ter sido compartilhado 949 mil vezes, por meio da *hashtag* #PrayforPalestine (reze pela Palestina em português), segundo a matéria da BBC Brasil (10/07/2014b), o assunto liderou o *trading top* do *twitter* do Brasil entre 8h e 9h da manhã.

(conclusão)

18/08/2014	Nora	06h00m	Foram cinco dias
	Paula Lima	06h00m	Hummm
	Nora	06h00m	E não é normal que Israel não o viole
	Paula Lima	06h01m	Sim... / É isto um mau sinal? / *Isto é
	Nora	06h02m	Mmmmm .. Não tanto / Eles o violaram muitas vezes e o mundo os culpou demais
	Paula Lima	06h02m	Você acha que um novo cessar-fogo será possível?
	Nora	06h03m	Sim sim sim Eu acho que sim
	Paula Lima	06h03m	Ótimo!
	Nora	06h04m 06h05m	Este é um adiamento As questões não podem ser resolvidas desta forma

Fonte: Arquivo pessoal, tradução e destaque meus.

Esta jovem, que experiencia e narra o conflito, vivendo, como diria Benjamin (1994) e Sarlo (2007), uma experiência radicalmente desmoralizadora e um caso-limite, acaba por oscilar, durante o confronto, entre o otimismo e o pessimismo como pude perceber em nossas conversas. Logo, mesmo que ela não esgote suas esperanças – afinal, é isso que a mantém viva em Gaza –, a desesperança também a toca, uma vez, que ela vive algo aparentemente “fadado ao fracasso”, já que este conflito, vale lembrar, existe há mais de um século.

Dito isto, além de causar uma permanente sensação de *déjà vu*, o conflito em questão, também parece ser composto pelo seguinte paradoxo: ele sempre é uma coisa (esperança) e outra (desesperança). Como se isto fosse, é importante destacar, a lógica natural e histórica das coisas ligadas ao conflito e, atualmente, especialmente ligadas a Gaza, onde acontecem os principais confrontos incluindo o de 2014.

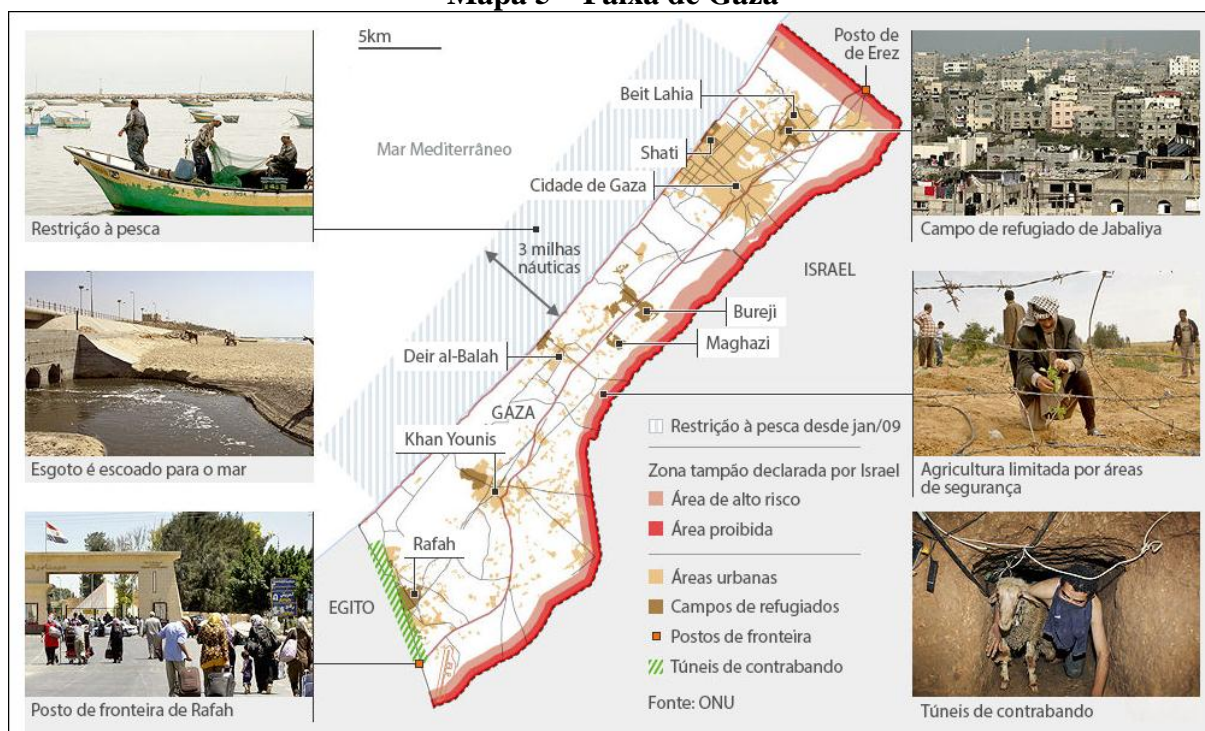
Entretanto, se para Israel, este era o local onde se concentrava o Hamas, sendo o foco de seus ataques, para o Hamas, este também foi, no lado “positivo” do confronto, o palco de suas baixas mais efetivas. Afinal, a maioria dos soldados israelenses mortos, foram mortos, durante os confrontos terrestres em Gaza. Sendo este, um tipo de confronto mais “favorável” à resistência palestina, uma vez, que no ataque e na defesa à distância, a desproporcionalidade entre Hamas e exército de Israel, se torna ainda mais evidente pela diferença de suas armas.

Quase do tamanho de Belo Horizonte (331km²) – capital do estado de Minas Gerais –, a Faixa de Gaza possui 365km² (BBC Brasil, 29/09/2014) e 1,869,055 de habitantes (CIA, 2015), configurando-se, portanto, como uma das áreas de maior densidade populacional do mundo, que se divide, praticamente, em norte, centro e sul por se tratar de um “pedaço longo

e estreito de terra” (HOUAISS, 3.0). De um lado, está cercada pelo mar Mediterrâneo, do outro, por Israel e num certo ponto, faz fronteira com o Egito por meio do estreito de Rafah.

De todo modo, como suas fronteiras e principais vias de acesso (incluindo a marítima) são controladas pelas forças israelenses, pode-se dizer, que Gaza, assim como a Cisjordânia, está quase totalmente cercada por Israel como Samira costuma pontuar e como se vê no Mapa 5.

Mapa 5 – Faixa de Gaza



Fonte: BBC Brasil, 15/07/2014.

Ademais, vale dizer, com base na matéria da BBC Brasil (15/07/2014), que o fluxo de entrada e saída de Gaza está relacionado à conjuntura do conflito e às contradições entre as forças hegemônicas envolvidas, incluindo aquelas que controlam suas fronteiras: Israel e Egito. Deste modo, mesmo que a situação palestina nunca tenha sido totalmente resolvida, o cotidiano da região ainda pode melhorar ou piorar, dependendo do contexto, como aconteceu na década de 2000 (BBC Brasil, 15/07/2014). O que também ressoa, como mostra Pappé (2010), nos conflitos de narrativas em questão, uma vez, que os confrontos “bélicos” e “narrativos”, fazem parte do mesmo fenômeno, se alimentando a todo momento.

Nesta década, para continuar no levantamento de alguns fatos relevantes, Netanyahu (2009) e Hamas (2006) ganham as eleições, assumindo a dianteira do conflito e mantendo as contradições Israel-palestinas mais vivas do que nunca. O primeiro, como já foi dito,

representa um partido (Likud) de extrema direita israelense e o segundo, a resistência palestina armada, composta por três elementos: uma entidade filantrópica, um partido político e uma organização militar.

Além das desvantagens geográficas e políticas dos palestinos, uma vez, que seus territórios não fazem fronteira entre si e tampouco se constituem como Estado, existem outras questões relacionadas ao controle de terceiros que influenciam diretamente no cotidiano da região: as restrições egípcias para entradas e saídas pelo estreito de Rafah a partir de 2013 e o bloqueio israelense à Faixa de Gaza a partir de 2007. Sendo este, como se verá, um elemento recorrentemente acionado no discurso do Hamas durante o último confronto.

Nas palavras de Meshaal, líder político do Hamas, “nós queremos um cessar-fogo assim que possível. Mas isso tem de ser concomitante à suspensão do bloqueio contra Gaza.” (apud BBC Brasil, 25/07/2014b). E para Moussa Abu Marzouk, oficial do Hamas, “o bloqueio a Gaza deve ser suspenso e a população deve viver com liberdade como todas as outras pessoas do mundo.” (apud BBC Brasil, 16/07/2014).

Mas, com base na existência do bloqueio, há que se perguntar: o que ele, efetivamente, representa na vida das pessoas? Dois exemplos: [1] os moradores de Gaza só podem cultivar alimentos em uma área de 1,5 km de largura na fronteira com Israel, chamada de zona tampão (MAP. 5, p. 99). [2] Os moradores de Gaza só podem pescar por 3 à 6 milhas (equivalente a cerca de 5 à 10 km) do mar, correndo o risco de serem alvejados se ultrapassarem esse limite. Resultado: a população não possui amplo acesso a uma fonte de proteína barata e tampouco à produção agrícola como um todo, possuindo um nível de insegurança alimentar³³ de 57%, a ponto de 80% da sua população depender de alguma forma de ajuda alimentar (BBC Brasil, 15/07/2014).

Realidade, vale dizer, que também vivenciei no contato com Nora, já que tentamos arrecadar recursos para enviar à Gaza após o último confronto (APÊNDICE H, p. 155). No entanto, não tivemos retorno com essa campanha, assim como não houve, efetivamente, uma diminuição do controle israelense em Gaza. Exemplo disto, é a manutenção do fechamento de Rafah, que beneficia o Estado de Israel, e traz as seguintes consequências para a resistência e o povo palestino: restrição ao contrabando de armamentos que de fato existe, além do controle sobre a entrada e saída de dinheiro e suprimentos de necessidade básica (alimentos, água, combustível, cimento etc.) à própria circulação de pessoas, seja para tratar de saúde no Egito ou para sair e entrar na Faixa de Gaza.

³³ “Insegurança alimentar: é a condição em que as pessoas estão incapacitadas de adquirir alimentos suficientes em qualquer momento.” (AGRISUSTENTAVEL, 03/03/2015).

Afinal, assim como vários palestinos costumam sair pelo estreito de Rafah, Miguel, primo de Samira que representei em um jogral apresentado quando a conheci, retornou para Gaza, para ajudar seu povo (ANEXO C, p. 161). Segundo Samira, este era o objetivo de seu primo que se formou propositalmente em Medicina no Brasil, por esta ser, disse ela, uma profissão muito útil em Gaza para onde retornou assim que se formou.

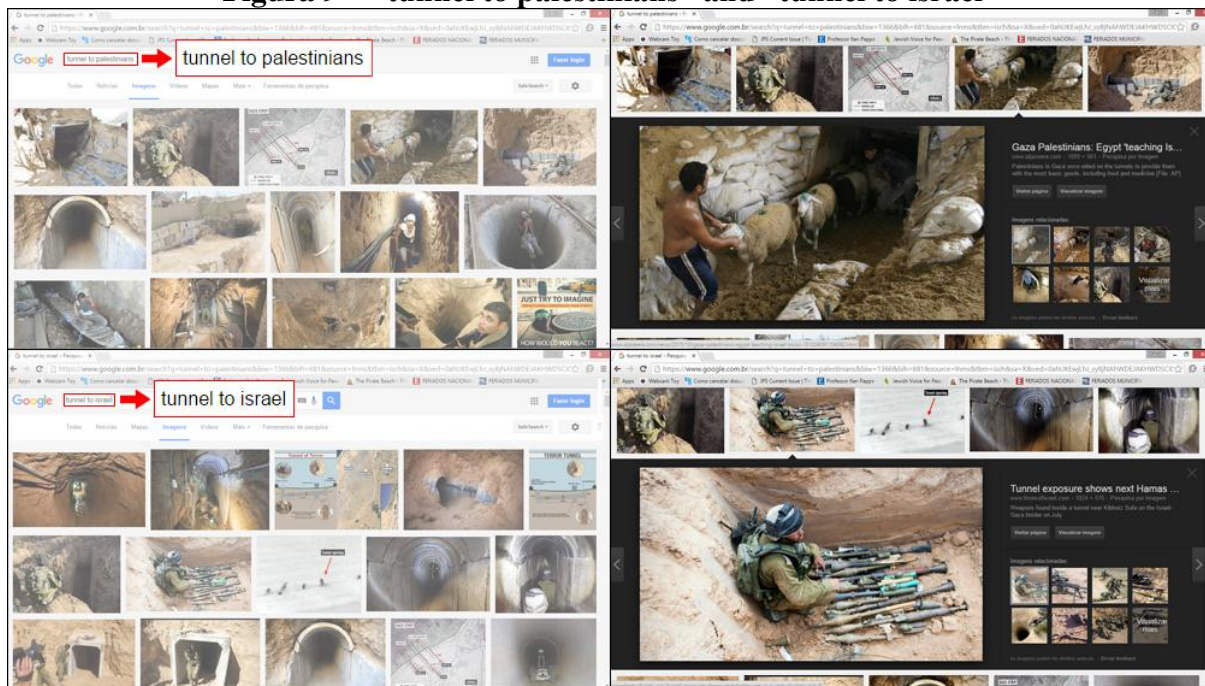
Deste modo, associado às consequências do bloqueio israelense, “a operação [egípcia] contra os túneis [palestinos] (...) resultou em uma interrupção quase total no contrabando, provocando escassez de materiais de construção e combustível e um aumento no preço dos alimentos” (BBC Brasil, 15/07/2014, complemento meu). Pois, segundo a matéria da BBC Brasil, para os palestinos é mais oneroso comprar materiais de construção em Israel, do que no Egito.

Entretanto, se por um lado, os túneis eram e são a garantia de sobrevivência em uma cidade totalmente bloqueada, para o Egito e, sobretudo Israel, a sua função parece se restringir ao contrabando de armas – ilegal para Gaza e legal para Israel – e canais de ataques terroristas. Sendo isto, portanto, o que parece unir o bloqueio parcial egípcio de 2013 e a investida terrestre israelense do último confronto. Até porque, segundo o exército de Israel, Gaza foi invadida por terra no dia 18 de julho de 2014 (11º dia do confronto), uma vez, que era necessário identificar e destruir os túneis do Hamas.

Na noite passada, nossas forças iniciaram uma operação terrestre para atingir os túneis de terror que atravessam Gaza para o território de Israel. (...) Não é possível atingir os túneis somente pelo ar (...) Minhas instruções são se preparar para a possibilidade de ampliar significativamente a operação terrestre e os militares estão se preparando de tal forma. (NETANYAHU apud BBC Brasil, 18/07/2014).

Como se vê nas palavras de Benjamin Netanyahu, “os túneis terroristas” (10/08/2014) que vão para Israel, parecem possuir o fim exclusivo de atacar seu país. Afinal, a menção a sua utilização para o contrabando de suprimentos de necessidade básica – vistos nas matérias da BBC Brasil –, não foi identificada nas declarações do Primeiro-ministro de Israel.

Figura 9 – “tunnel to palestinians” and “tunnel to israel”



Fonte: Google Imagens.

De todo modo, vale ressaltar, que o fim dos túneis que vão para o Egito e para Israel, parecem, de fato, possuir objetivos distintos. Sendo o primeiro, com foco no contrabando e o segundo, em ataques militares ou terroristas dependendo da interpretação. Deste modo, assim como Khaled Meshaal condicionava a trégua definitiva ao fim do bloqueio a Gaza, Benjamin Netanyahu, dizia que o confronto de 2014 só acabaria quando as Forças de Defesa de Israel, dessem por finalizada a ação contra os túneis do Hamas. Em suas palavras, no 24º dia do confronto:

Já neutralizamos vários túneis do terror e estamos determinados a completar esta missão com ou sem cessar-fogo. (...) Portanto, não vou concordar com nenhuma proposta que não permita às Forças Armadas israelenses concluir esta importante tarefa, pelo bem da segurança de Israel. (NETANYAHU apud BBC Brasil, 31/07/2014).

E foi imerso a essas disputas, aparentemente inconciliáveis, que o confronto entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas, foi se dando ao longo de quase 2 meses, a ponto, vale lembrar, de causar 2.147 mortes do lado palestino (incluindo, 1.743 civis) e 70 do lado israelense (incluindo, 6 civis). Além disso e segundo o euromodig.org, em Gaza, 17 mil casas foram destruídas e 39 mil danificadas, gerando mais de 100 mil desalojados, sem contar, 815 edificações e suprimentos de utilidade pública danificados (28/08/2014).

No dia 13 de julho especificamente, Gaza vive o seu “primeiro pior bombardeio”, contabilizando, no 6º dia de confronto, 159 mortos e 1.000 feridos até então – sendo este, o dia em que as Forças de Defesa de Israel fazem a primeira incursão terrestre em Gaza. Um dia antes e com total adesão dos 15 membros do Conselho de Segurança da ONU, o órgão divulga sua primeira declaração (TAB. 5), solicitando o cessar-fogo imediato entre israelenses e palestinos, com base na “preocupação profunda em relação à crise na Faixa de Gaza e à proteção e bem-estar dos civis de ambos os lados.” (ONU apud BBC Brasil, 12/07/2014).

Tabela 5 – Posicionamento público da ONU durante o confronto

Dia	Tipo / Órgão	Pontos principais
12/07/2014	Declaração Conselho de Segurança da ONU	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação em relação à crise na Faixa de Gaza. - Preocupação com o bem-estar dos civis dos dois lados. - Solicitação de respeito à lei aumentaria internacional. - Apoio às negociações diretas dos envolvidos, a fim de chegar a um acordo de paz e à solução de dois Estados.
23/07/2014	Resolução Conselho de Direitos Humanos da ONU	<ul style="list-style-type: none"> - Condenação do governo israelense pela ofensiva à Gaza. - Criação de uma comissão para investigar possíveis crimes e violações cometidos durante a operação militar.
28/07/2014	Comunicado Conselho de Segurança da ONU	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitação de trégua duradoura com base na proposta Egípcia. - Retorno das negociações sobre o futuro de Gaza, que inclui a abertura de suas fronteiras. - Solicitação de respeito e proteção às instalações civis e humanitárias da cidade palestina. - Solicitação de fornecimento imediato de assistência a população de Gaza.

Fontes: BBC Brasil, 12/07/2014; BBC Brasil, 23/07/2014b; BBC Brasil, 28/07/2014d.

Entretanto, esta organização, que faz parte da história do conflito e influenciou positivamente na solução da demanda judaica, foi, ao longo do confronto de 2014, gerando repulsa entre as autoridades israelenses a cada declaração proferida (TAB. 5). Para Tzipi Livni, ministra da Justiça de Israel, o país agia de acordo com a lei internacional, ao contrário do que dizia o Conselho de Direitos Humanos da ONU (“anti-Israel” para ela) e lamentava a morte de civis, além de tentar evitá-las como dizia Netanyahu.

De todo modo, mesmo que durante o confronto, houve uma denúncia sobre um alvo do Hamas (estoque de foguetes) escondido em uma escola da ONU – sendo, segundo a BBC Brasil (29/09/2014), o terceiro episódio do tipo –, a maioria das notícias da BBC Brasil, relatavam ataques indiscriminados à Gaza, incluindo bombardeios a unidades de apoio e assistência da Organização das Nações Unidas. Exemplo simbólico: no 23º dia de confronto

(30/07/2014b), uma escola da ONU foi bombardeada, depois de 17 avisos do órgão, dizendo se tratar de um abrigo para refugiados.

Mas, apesar da ONU, enquanto certa representante da comunidade internacional, ter se solidarizado mais ao lado dos palestinos em termos práticos e discursivos, o fato, é que para Meshaal (apud BBC Brasil, 25/07/2014b), o mundo continuava “a favor de Israel” e para Netanyahu (10/08/2014) o mundo, agora, estaria dividido entre uma minoria que critica o seu país e uma maioria que apoia e entende a inevitabilidade das baixas civis em confronto.

Sinal dessas contradições por exemplo, é que a Resolução do Conselho de Direitos Humanos da ONU (23/07/2014), que condenava o governo israelense por sua ofensiva e criava uma comissão para investigar os possíveis crimes e violações cometidos, foi aprovada da seguinte maneira: 29 votos a favor, 1 contra dos Estados Unidos e 17 abstenções por parte de países europeus, totalizando, portanto, 47 votos em questão. Conclusões preliminares: a Resolução foi aprovada, mas não sem contradições (29 *versus* 18) e a Resolução foi aprovada, mas não trouxe avanços objetivos e práticos como se verá.

Deste modo, além de existirem conflitos internos entre as forças hegemônicas israelenses e palestinas, existem também, conflitos entre as próprias nações que ajudam, atuam e/ou deliberam sobre confrontos como esses. Afinal, o conflito Israel-palestino, como se disse no primeiro parágrafo do primeiro Capítulo, é um acontecimento geograficamente localizado, que existe há décadas ou milhares de anos e envolve disputas diversas, narrativas, povos e nações para além das suas fronteiras oficiais. Sendo este, por fim, o ponto de encontro entre o Capítulo III e a Conclusão desta Dissertação: o desfecho do confronto de 2014 que se deu entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas.

5 CONCLUSÃO

Diferente e semelhantemente a alguns objetos, o conflito Israel-palestino, tema desta Dissertação, é um fenômeno de longo prazo tão longo, que as vezes esqueço-me que se sua existência é muito anterior a minha recém aproximação com o tema (2009). E foi assim, submersa a essa percepção, que recordei de um relato mais longe no tempo: “lembro [disse minha mãe] de assistir uma matéria sobre o conflito no Jornal Nacional quando criança e dizer para meu pai: ‘Ah! Eu não consigo entender essa briga entre judeus e árabes e toda a questão do Oriente Médio’. Ele olhou para mim e respondeu categórico: ‘Isso não é para entender, minha filha. É um problema religioso’” (Sandra Lima, 07/07/2015, complemento meu).

Apesar da aparência pueril, a definição, provavelmente familiar a outros estudiosos do conflito, serve como síntese das vozes curiosas e aflitas que querem se desfazer de mais uma angústia: a angústia de uma certa incompreensão do conflito – sendo esta, uma sensação que já me tomou e, talvez, sempre me tomará –, seja por ter inícios, meios e projeções de fim ofuscados pelo mesmo, seja por estar distante da nossa experiência cotidiana (GAMSON, 2001) ou, como diria Ilan Pappé (2008), seja porque é melhor que as pessoas não entendam.

Afinal e relembando o raciocínio deste historiador, não entender, pode caracterizar neste caso, uma relação de poder sobre o entendimento do tema, uma vez, que a questão enquanto conflito de narrativas que é, está ligada também à lugares de fala e, por conseguinte, de legitimidades. Dito isto, pode-se inferir, a partir das leituras feitas, algumas questões principais.

Mesmo que não esteja muito ligado a experiência, uma vez, que este elemento parece mais ligado as testemunhas e não as autoridades do conflito, a discussão sobre narrativa, que passa por Benjamin (1994) e termina em Resende e Rossignoli (2015), se faz relevante, pelo fato, de que nessa disputa, a construção de narrativas e a conquista de legitimidades, está vinculada a ideia moderna de verdade: o que aconteceu é, o que aconteceu, exceto quando se trata do discurso do outro.

Deste modo, mais do que criar sentidos, buscando revelar os “modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive” (RESENDE, 2009, p. 34), as narrativas, neste caso, parecem elucidar os processos, como dizem Resende e Rossignoli (2015) que “inscrevem as lutas (e possivelmente as verdades) que se escondem atrás dos poderes que engendram e narram o conflito.” (p. 3). Em outras palavras, olhar para as narrativas do conflito é, pela própria natureza inesperável do fenômeno, olhar para o conflito em si.

Ademais, olhar para os seus confrontos, como tentamos demonstrar com este trabalho, é olhar para uma interação do novo com o velho, ou seja, para um reacionamento de questões antigas (ex: conexão com a terra) e para a geração de novas histórias e alegações (ex: escudos humanos). E é assim, na contramão da anacronia, que esses elementos se encontram de maneira orgânica, dando um sentido atual, para o que se vive agora, no tempo presente – mesmo que seja algo tão longo no tempo: o conflito Israel-palestino.

Depois que o confronto começou, no dia 8 de julho de 2014, a história que se narrava, parecia, à primeira vista, uma repetição de notícias sobre ataques, baixas, mediações e tentativas efêmeras de cessar-fogo. Afinal e como diria Boris Groys (2010), se neste tempo, tudo parece uma eterna e permanente repetição do presente (GROYS, 2010), no confronto em questão e, quiçá em conflitos a longo prazo, tudo que se vive já parece ter sido vivido. Em outras palavras, a sensação de *déjà vu*, que neste caso, não aparece de vez em quando, se torna a própria experiência de viver o conflito.

Entretanto, essa distopia, provavelmente ligada a conflitos de longo prazo em geral, não retira, como se viu, o viço de experimentá-lo e a complexidade de entendê-lo enquanto fenômeno. Deste modo, se no início do Capítulo III, a narração do pré-confronto pareceu uma história mais longa e menos sintética – como talvez o seja em certo aspecto –, é porque possui elementos, que neste caso, delimitam um ciclo, ou seja, o distanciam de uma lógica circular em que tudo parece meio, não havendo um início homogêneo, nem um fim aparente.

Por outro lado, a circularidade do que se vê na sequência e, mais precisamente, no período do confronto (13/07/2014 à 26/08/2014) – que corresponde a 77% do Apêndice C (p. 137) –, pode parecer monótono, mas está longe de ser pouco complexo. Pois, diferentemente da ideia consensual ligada ao que é enfadonho ou maçante, monotonia neste caso, está ligado a baixa de novidade, o que não quer dizer, ausência de viço, vigor ou vida.

Ademais, carência de novidade, será entendido aqui, como ausência de algo que interrompa a lógica circular do próprio conflito e não a ausência de fatos e narrativas novos. Até porque, novidade, é algo que parece emergir com uma certa frequência – vide as revisões das revisões, das revisões narrativas –, uma vez, que os conflitos do conflito como se viu, se reiniciam a partir dessas novidades feito uma serpente que engole a própria cauda.

Em outras palavras, assim como as novidades podem vir de fatos que justificam um confronto e o fortalecimento recíproco das narrativas hegemônicas como se viu em 2014, elas também podem vir, por exemplo, do crescimento dos objetores de consciência em Israel e suas novas histórias e rumos para o conflito. Afinal, se isto aconteceu com os Novos Historiadores em 1980, porque não voltaria a acontecer agora, repetindo o que já se viveu?

Por outro lado, diante dessa repetição sem ausência de viço e novidade, surgem, como também se viu, matérias analíticas para sistematizar o que está ocorrendo em Israel e em Gaza concatenando os fatos de uma narrativa estilhaçada. Resultado, análises igualmente ligadas a outras forças hegemônicas – o Reino Unido no caso da BBC Brasil – emergem, trazendo leituras com sentidos fechados e explicações pré-determinadas típicas da informação. Sendo esta, vale dizer, uma forma épica que Benjamin (1994) critica, uma vez, que para ele, a informação é aquilo que tenta guiar o sujeito, ao invés de fazê-lo caminhar consigo.

De todo modo e contradizendo a aparente essência da tese benjaminiana, vale lembrar também, que além da experiência não ter morrido – afinal, viver o conflito é monótono, mas intenso –, narrar, neste caso, é algo de extrema importância como se viu ao longo deste trabalho. Pois, além de libertar “o aspecto mudo da experiência” (SARLO, 2007, p. 24) como diria Beatriz Sarlo, narrar, continua a autora, é redimi-la de seu imediatismo e esquecimento, transformando-a em algo comunicável. Sendo este, um elemento central das disputas em jogo: o intercâmbio de sentidos sobre o conflito, em busca da melhor forma de comunicá-lo.

Deste modo, o fato, é que sem uma concatenação das experiências e acontecimentos que parece torná-lo mais comunicável, o conflito e seus confrontos parecem se tornar somente meio, gerando, portanto, uma angústia para quem os vive e/ou os analisa, na medida em que o fim, desejavelmente justo e comum, parece algo, muitas vezes, meramente quimérico. Dito isto e diante do choque entre a lógica moderna de dar sentido ao mundo (início, meio e fim) e à sensação de estar vivendo uma eterna repetição do presente, o dilema Israel-palestino, se torna, à primeira vista, uma questão que tange o incompreensível.

Segundo Pappe (2008) – de ideias que pessoalmente comungo –, o conflito, mesmo que complexo, é algo fácil de se entender e explicar, sendo esta, para ele, a razão das pessoas não serem indiferentes ao que acontece em Gaza. Em suas palavras:

(...) se as pessoas [de Israel] soubessem [o que acontece em Gaza], elas reagiram de modo muito diferente. Elas provavelmente, a partir de sua história judaica, de sua moralidade pessoal, diriam: “não em nosso nome. Não queremos ouvir falar disto”. É muito conveniente não saber. Mas se você começa a saber, você começa a ficar com problemas e reage. Por isso, eu acho que – eu sou otimista –, com o tempo, as pessoas vão saber. É uma questão, em primeiro lugar, que as pessoas não sabem. E quando as pessoas souberem, há uma possibilidade de reação diferente. Assim, minha aposta é que as pessoas não são indiferentes, as pessoas estão muito felizes em não saber. E isto serve muito bem para o governo. (PAPPE, 2008, complemento meu).

Logo, para esse historiador controverso, como a maioria dos ideólogos do tema são, o conflito Israel-palestino, diz respeito a um processo colonizatório como qualquer outro, que

pela primeira vez na História, se exige e se aceita moralmente, que o colonizado dívida sua terra com o colonizador. O que seria, vale dizer, uma certa síntese da explicação hegemônica sobre a origem e permanência deste conflito.

Entretanto, como se trata de uma luta por hegemonia de fala, em um contexto de conflito a longo prazo, sempre haverá quem corrobore e discorde dos diversos postulados sobre o assunto. Exemplo: Benny Morris, historiador e crítico direto de Pappé, que fez o seguinte comentário sobre a principal obra de seu colega e conterrâneo (*The Ethnic Cleansing*, 2006): “Este, é realmente um livro espantoso. Quem estiver interessado na história real da Palestina e de Israel e, do conflito árabe-israelense, faria bem em correr firmemente na direção oposta.” (MORRIS, 2008).

Deste modo, para Morris, que também tem conflitos e já reviu suas próprias revisões na década de 1990, o dilema Israel-palestino, está ligado, sobretudo, a tendência histórica das sociedades árabes serem violentas, ditatoriais, antijudaicas e, avessas, portanto, a democracia e a solução de dois Estados neste caso. O que para ele, historicamente costuma ser aceito dentro de Israel, sendo esta, por fim, a outra síntese e, quiçá antítese hegemônica sobre a questão.

Entretanto, quando Pappé (2008) diz, que as pessoas estão felizes em não saber o que acontece neste conflito e lugar de vários nomes, ele também parece querer dizer o seguinte: esse processo de tornar o conflito *incompreensível* e *único*, como é o Holocausto com letra maiúscula e sem complementos, faz parte, segundo ele, de uma estratégia de mantê-lo como está. E mantê-lo como está, no atual panorama, é conferir ganhos distintos e desproporcionais entre as forças hegemônicas em jogo.

Para Said (2012), autor aparentemente menos controverso no ambiente Acadêmico³⁴, o dilema palestino é marcado, basicamente, por uma “ironia” específica que consiste na discrepância entre: “importantes ganhos políticos, morais e culturais, de um lado e o monótono bordão da alienação de terras, de outro” (p. XVIII). E continua:

Falar dessa discrepância em termos estéticos, como uma ironia, não significa absolutamente minimizar ou banalizar sua força. Pelo contrário, aquilo que para muitos palestinos é uma incompreensível crueldade do destino ou uma medida de quão desalentadoras são as perspectivas de ver suas reivindicações atendidas pode ser esclarecido tomando-se a ironia como um fator essencial de suas vidas. (p. XVIII).

³⁴ E digo isto, porque Said parece ser mais aceito dentro da Academia, com base no que se discutiu no Capítulo I: quando um teórico se aproxima de um dos binômios (israelense ou palestino), seus postulados parecem ser alvo de questionamento quase que de maneira automática. Exemplo: assim como a professora da Cáspér Libero, criticou o uso de Arlene Clemesha em meu artigo (“Disputas made in Israel: os conflitos entre a ‘nova’ e ‘velha’ historiografia israelense”), ela elogiou o uso de Edward Said.

De todo modo, em que consiste esses ganhos e não ganhos (ou perdas)? Para começar, debrucemos sobre as deliberações do último confronto, sendo esta a razão de trabalhá-los na Conclusão. No 50º dia de confronto e, mais precisamente, em 26 de agosto de 2014, o Estado de Israel e o Hamas – forças hegemônicas deste confronto – aprovam um cessar-fogo de longa duração, que contemplava, segundo a matéria da BBC Brasil (26/08/2014), três questões principais: [1] fim indeterminado às hostilidades entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas; [2] abertura imediata das fronteiras de Gaza com Israel e Egito; [3] extensão da zona comercial pesqueira no Mediterrâneo.

Entretanto, apesar da legitimidade das demandas e da relevância moral das mesmas – parafraseando Said (2012) –, o que parece, vale dizer, é que apenas a primeira (fim das hostilidades) foi “atendida”. Lembrando, que o fim das hostilidades neste caso, será entendido como o fim do confronto de 2014, ou seja, com o fechamento de um período de investidas militares mútuas, com fins pré-determinados, como se conceituou no Capítulo III. O que seria, em poucas palavras, a nossa definição de confronto, tendo em vista, que a hostilidade em si, que pressupõe ataques e baixas de ambos os lados, também nunca se findou.

Exemplo simbólico: no dia do próprio acordo em questão (26/08/2014), um arranha-céu palestino foi bombardeado. Justificativa segundo Peter Lerner, Tenente-coronel da IDF: “resultado direto da decisão do Hamas de situar sua infraestrutura na esfera civil” (apud BBC, 26/08/2014). Interpretação da atual força hegemônica palestina (Hamas): um ato de vingança sobre civis “sem precedente” (BBC Brasil, 26/08/2014). Primeira conclusão: o círculo do conflito se reinicia, promovendo, também neste caso, uma sensação de *dejà vu*, afinal, as interpretações dadas a esse bombardeio, são similares ao que se viu durante todo o confronto de 2014: eu reajo, porque o outro agiu contra mim.

Segunda conclusão ainda conectada a anterior: o que se decide, muitas vezes, não é o que se cumpre. Havendo, portanto, uma dissonância entre aquilo que se acorda e aquilo que se faz, sendo esta, talvez, a essência da complexidade e do paradoxo em questão. Pois, o que as vezes aponta para o fim do conflito (ex: cessar-fogo definitivo), se torna, depois, parte de uma encenação narrativa que corrobora justamente no contrário do que se almeja: a manutenção do próprio conflito. Deste modo, pode-se dizer que: [1] o que se diz as vezes não é o que se faz [2] e o que se faz, diferentemente do que se diz, nem sempre trará consequências.

Afinal, a consequência, vale dizer, está ligada as disputas e correlações de forças entre as forças hegemônicas envolvidas, conectando assim, a terceira e derradeira conclusão deste ponto: há, aparentemente, uma relação entre poder, legitimidade, ganhos e perdas. E é isto,

vale dizer, que começará a explicar a “ironia palestina” de Said (2012), uma vez, que para ele, os “ganhos políticos, morais e culturais” de seu povo, não representaram o fim do “monótono bordão da alienação de terras” (p. XVIII).

Por outro lado, pode-se dizer, no que tange a demanda judaica, que ela foi atendida na medida em que seu Estado foi criado e mantido desde 1948 com base nos princípios do Direito Internacional (MAZZOULI apud DE AQUINO, 2015) e diferentemente do “Estado Árabe Independente – palestino – que ainda está para ser estabelecido” (ONUBR, 2015). Deste modo, mesmo que os sionistas aleguem a existência presente e passada – e, portanto, histórica – de percalços e concessões durante o processo, no ano de 1948, sua demanda foi atendida, onde solicitaram que ela assim o fosse.

O movimento nacional palestino, por sua vez, que luta no passado e no presente, por uma demanda semelhante, nunca obteve resultados parecidos – sendo esta, vale lembrar, uma das razões naturais da insolubilidade do conflito –, estejam ligados a questões históricas, como é o caso da formação do Estado palestino, ou a questões pontuais, como é o caso do desbloqueio à Gaza. Pois, o que aconteceu no último confronto, é que das três deliberações tiradas, apenas uma foi “cumprida”. Sobrando, neste caso, duas questões sem resolução e, portanto, mais duas sem fim: [2] abertura das fronteiras com Israel e Egito e [3] ampliação da zona comercial pesqueira no mar Mediterrâneo.

E isto, vale dizer, sem levantar as questões polêmicas que ficaram de serem debatidas entre palestinos e israelenses posteriormente (BBC Brasil, 26/08/2014): construção de um porto e de um aeroporto em Gaza e libertação de 100 prisioneiros palestinos para um lado e interrupção dos ataques contra Israel e do contrabando de armas à Gaza, para outro. Afinal, vale lembrar, que durante as negociações de 2014, as principais reivindicações de palestinos e israelenses foram (BBC Brasil, 19/08/2014): do Hamas, fim do bloqueio israelense e egípcio em Gaza e autonomia palestina para operar um dos aeroportos locais e de Israel, fim dos ataques contra seu país e desarmamento palestino completo.

Entretanto, assim como a concessão de um, representa o benefício do outro, num contexto de conflito, o ganho ou não ganho de um, pode representar a perda ou favorecimento de outro. Dois exemplos: todo judeu tem direito de ir e/ou voltar para Israel, mas nem todo palestino, pode retornar a sua terra natal. Até porque, na narrativa hegemônica israelense, isso traria um problema demográfico inicial e, depois, uma futura, paulatina e problemática “arabização” de Israel como já se discutiu. Sendo este, portanto, um argumento plausível, para as autoridades declaradas de direita, como Benjamin Netanyahu, à teóricos que dizem considerar a demanda palestina, como Benny Morris.

Deste modo, o que representa um ganho israelense, representa uma perda palestina e vice-versa. Pois, além desse refugiado não ter o direito de retornar a sua terra natal, a resistência palestina também perde, na medida em que não consegue regular o desequilíbrio demográfico existente. O que ela tenta, pode-se inferir, por meio do incentivo a maternidade, já que a taxa de natalidade em Gaza, baseado em uma matéria da BBC Brasil (09/08/2014), é de 8 crianças por família.

Segundo exemplo: o desbloqueio à Gaza, na significação hegemônica atual e enquanto parte da antítese da questão anterior, representaria perda israelense de um lado e ganho palestino do outro. Pois, além de permitirem, ao menos na lógica desta abstração, a entrada e saída de pessoas à suprimentos de necessidade básica como se discutiu no Capítulo III, este desbloqueio, facilitaria também, a importação e contrabando de armas e materiais (ex: cimento) para construir túneis com destino à Israel e armar a população palestina. Representando assim, uma relação de ganho e perda evidente, uma vez, que o desbloqueio à Gaza, levaria, por conseguinte, ao potencial fortalecimento militar palestino.

Por outro lado, também existe uma questão nessa perda que deve ser ressaltada: aquilo que remete a ideia de concessão. Afinal, tanto os judeus, como os palestinos, possuem um histórico de sofrimento que os blinda – dependendo da correlação de forças – da necessidade de fazer concessões, usuais nas próprias negociações de conflito. Deste modo, como o bloqueio à Gaza, representa para Israel, uma deliberação no intuito de se proteger, derrubar tal decisão, seria, por conseguinte, abrir mão dessa proteção, fazendo uma concessão ao próprio “inimigo” – dizendo isto, com base em uma caracterização hegemônica mútua. O que neste caso, parece algo inconcebível, uma vez, que tal atitude, nesta leitura, seria um suicídio.

Em outras palavras, além de inconcebível, esse problema levanta uma questão importante para a análise que aqui se desenvolve: a aceitação de concessões (de um lado, de outro, ou dos dois) está ligada ao embrião do fim do conflito. Esteja ele, baseado na paz forçada pela submissão do outro, ou pela paz construída por meio da criação de uma narrativa comum. O que neste caso, está ligado a ideia de Eyan Sivan (apud SCHVARZMAN, 2013), cineasta israelense e pós-sionista que sonha com uma narrativa comum, assim como também a vislumbro pessoalmente:

Eu digo uma narração “comum” em uma dupla acepção do termo – comum, como o mesmo e comum como banal, o que é simplesmente o que aconteceu³⁵. Não, “como posso analisá-lo”, “o que é meu regime de justificação”, mas na verdade, o que

³⁵ Lembrando que “acontecer”, como já discutiu em capítulos anteriores, também é algo passível de contestação. Afinal, a narrativa nunca é o que aconteceu e/ou o que se viveu.

aconteceu. Um grupo – os israelenses sionistas – cometeu um crime contra o outro grupo, os palestinos. Os depoimentos dos perpetradores serão acompanhados pelos testemunhos dos palestinos e fora isso, poderemos chegar a uma narrativa que se baseia em uma história que seja reconhecida como comum a ambos. Ser capaz de concordar em que a história comum implica algo para o futuro, como um Estado comum. (p. 14).

Por outro lado, e por mais desejável que seja, se houvesse uma narrativa comum, ou, no lado negativo, uma narrativa única com base na supressão completa da história do outro, pode-se dizer que o conflito acabaria, uma vez que isto, como já se discutiu, seria a novidade que o tiraria do círculo do ouroboro³⁶. Pois, o que o alimenta, como apontamos na Conclusão, é a sua própria existência enquanto conflito, composta por momentos de acionamento e suspensão, dependendo do contexto, como é da natureza dessas disputas a longo prazo.

Em outras palavras, o conflito Israel-palestino, está submerso a um fluxo de retroalimentação, em que a continuidade ou interrupção dos processos (conflitos de narrativas, de terras etc.) está ligada a permanência ou fim do fenômeno (conflito Israel-palestino). Deste modo, se por um lado, o conflito é aquilo que interrompe vidas no atual contexto, por outro, ele é justamente o que o mantém vivo.

Logo, o que o futuro reserva – fazendo uma projeção –, em termos de terras e textos, é o que o conflito e suas forças delinearão ao longo desse processo. Lembrando, que na disputa em questão, “vence” pelo visto, quem passar pelo seguinte tripé: [1] conquista do interesse alheio; [2] construção de uma legitimidade narrativa, hegemonicamente reconhecida pelo outro no sentido amplo do termo³⁷ e [3] alcance de ganhos políticos, morais, culturais, *territoriais* e *narrativos*, incluindo neste caso, o quarto e o quinto elemento que Said (2012) não coloca. Sendo este, por fim, o tripé que tenta sistematizar o que parece ser a essência dessa disputa com base nas reflexões feitas até o momento.

Em relação ao primeiro ponto deste tripé, vale reacionar, uma citação de Finkelstein (2001) sobre a falta de interesse alheio:

Meu círculo de amigos lia muito e debatia com paixão os acontecimentos do dia. Mas, honestamente, não me recordo de algum amigo (ou pai de amigo) ter feito uma única pergunta sobre o que meus pais sofreram. Não era um silêncio respeitoso. Era apenas indiferença. (p. 16).

Indiferença: “estado de tranquilidade daquele que não envolve com as situações (...) *falta de interesse*, de atenção, de cuidado [e] de consideração” (HOUAISS, 3.0, complemento e

³⁶ Metáfora já acionada, representada por uma serpente ou dragão que engole a própria cauda.

³⁷ De seus pares ao inimigo e à comunidade internacional, pois a ideia, nesta disputa de narrativas, é alcançar uma legitimidade mais ampla possível.

destaque meus). Esta é, na etimologia da palavra, o significado do termo que aparece pela segunda vez nessa discussão: a indiferença.

Antes de construir legitimidade narrativa, é preciso primeiro, despertar o interesse alheio demonstrando que a presença desse elemento, é algo necessário para partir ao item seguinte. E foi isto, por exemplo, que surpreendeu Nora quando tivemos nossas primeiras conversas. Para começar, ela se surpreendeu com o interesse de uma brasileira que estudava o conflito Israel-palestino e depois, ficou ainda mais estarecida, quando lhe contei que vários movimentos sociais brasileiros, carregavam e/ou içavam a bandeira da Palestina em manifestações, atos oficiais e acampamentos de camponeses em luta pela terra. Razão desse ato: demonstrar solidariedade ao povo palestino e incorporá-lo como um símbolo maior de resistência.

De todo modo, o assombro de Nora, que pode parecer incomum à primeira vista, é, de certa maneira, compreensível. Pois, para começar, a sua causa, ironicamente isolada como diria Said (2012), parece, na experiência de Nora, inapta de despertar tal sentimento para além das suas fronteiras. Ademais, além da ironia que já lhe é própria, existe outro aspecto que a torna mais evidente: a falta de interesse na questão palestina, que as suas atuais forças hegemônicas alegam, se aproxima muito do que fora o interesse da comunidade internacional pelo holocausto nazista.

Segundo Novinski (1995), trabalhada no Capítulo II, o fato é que o Holocausto, de maneira semelhante ao “holocausto sionista” – comparação que ela não faz –, ganhou relevância depois da sua ocorrência. Pois, assim como Meshaal acusa “o mundo” de continuar inerte à questão palestina, para Novinski (1995), nos anos de 1933-1945, “o mundo” também não fez nada para evitar ou interromper o martírio dos judeus. Nas palavras do líder palestino: “O que está acontecendo em Gaza é um problema do mundo. Tal como os sul-africanos, os palestinos querem viver sem ocupação, sem assentamentos. É hora de a comunidade internacional colocar um fim à última ocupação na história, a ocupação palestina.” (MESHAAAL apud BBC, 25/07/2014b).

Por isso, “conquistar os ouvidos”, não é, em todos os casos, o suficiente para ter sua demanda atendida, como aconteceu na intervenção da comunidade internacional sobre o holocausto nazista. Entretanto, sem isto, pelo visto, também não se obtém atenção, cuidado e consideração. Dito isto e seguindo o fluxo do tripé: conquistado o interesse alheio, parte-se então, para a tentativa de construção de legitimidade, sendo isto, vale dizer, algo também sem garantia de conquista. Afinal e como se diz no imaginário popular, quem lhe dá ouvido, nem sempre lhe dá confiança.

Nas conversas com Samira, Nora e Said (primo de Nora) por exemplo, era visível a preocupação que tinham em perceber se o interlocutor que lhe dava atenção, estava fazendo isso, porque achava legítima a sua demanda e luta. Pois, além de poderem ser monitorados – como já aconteceu comigo –, os processos de legitimação, como já se disse, dependem do reconhecimento do outro.

Afinal, a obtenção de legitimidade, parece um processo interacional que está ligado a produção, recepção e confrontação de narrativas. Deste modo, assim como a construção da própria história parece importante, a forma como ela será recebida também o é. Sendo desejável, para começar, que o outro a interprete com o sentido mais próximo daquilo que se produziu. O que nem sempre, ou talvez quase nunca, acontecerá.

Além disso e por se tratar de um conflito de narrativas, se faz necessário, nesse processo, desconstruir a história do outro. Em outras palavras: se você obtém legitimidade à própria narrativa, é preciso também, deslegitimar a narrativa do outro. E isso, vale dizer, está ligado aos conflitos externos e internos entre israelenses e palestinos. Até porque, existe, como também se viu, contradições entre lugares de fala distintos e ligados ao mesmo campo. Exemplo: as contradições político-ideológicas entre Hamas e Fatah.

Diante dessas variáveis, faz-se necessário, por conseguinte, [1] adquirir o interesse alheio; [2] conquistar a legitimidade narrativa – hegemonicamente reconhecida pelo outro e, em detrimento, àquelas que disputam o mesmo espaço –, para aí sim, tentar alcançar os quatro ganhos deste tripé. Pois, vale dizer, que a essência da ironia palestina de Said (2012), diz respeito, sobretudo, ao aparentemente panorama de que os palestinos trilharam os dois primeiros degraus do tripé e parte do terceiro.

Até porque e apesar da atenção (esporádica) adquirida e de uma certa legitimidade narrativa já consolidada – explicando os ganhos políticos, morais e culturais dos palestinos –, o “monótono bordão da alienação de terras” (SAID, 2012, p. XVIII) continua existindo. Sendo este, vale dizer, um de seus principais e históricos imbróglios. Dito isto, parte-se então, para o terceiro e derradeiro item deste tripé, que parece, para reforçar novamente, sintetizar o que israelenses e palestinos disputam.

Apesar de parecer mais fácil defender a causa palestina do que a israelense, nos dias de hoje e entre os nossos pares – talvez, por ter uma demanda em aberto e uma desproporcionalidade de forças evidente –, o fato, é que isto parece não se converter em ganhos equiparáveis de maneira plena. Seja por questões pontuais, como a capacidade bélica de ataque e defesa de ambos, ou a questões históricas, como a não criação do Estado palestino, o que se constata é uma desproporcionalidade de ganhos entre os dois lados.

Entretanto, como não existe, e talvez, nunca existirá, uma única força hegemônica nesse conflito, pode-se dizer, que Israel atualmente, se encontra em uma posição mais favorável que os palestinos neste tripé – tanto em termos de textos, como de terras. De todo modo, vale dizer, que ele também não conquistou o interesse alheio, a legitimidade narrativa e os quatro ganhos possíveis de maneira plena. Pois, se assim o fizesse, o próprio tripé deixaria de existir, assim como o conflito como um todo.

Deste modo, mesmo que se tenha uma análise e uma posição sobre o conflito Israel-palestino, como pessoalmente tenho, o que parece, é que ele é um processo e um fenômeno em aberto, que despossei, justamente por isso, um início e uma solução (i.e. projeção de fim) comum (SIVAN apud SCHVARZMAN, 2013). Ademais e, como já se disse, enquanto fenômeno, ele também parece uma repetição ininterrupta do próprio conflito, liderado por forças hegemônicas (Estado de Israel e Hamas) que disputam ao fim, ganhos políticos, morais, culturais, narrativos e territoriais unicamente para si.

Logo, o que se vê hoje, parece uma repetição do que Vatolina (1948) disse em 1948: desde 1882, o que se vê na Palestina, é uma luta separada com o mesmo fim. Sendo, que naquela época, a luta era liderada pelos judeus – oriundos majoritariamente do leste europeu – e pelos palestinos originários daquele terra, e hoje, por sua vez, a disputa é liderada pelos sionistas que querem manter o Estado de Israel e pela resistência palestina, que tenta construir o seu Estado. Ambos, enquanto forças hegemônicas e não homogêneas, que parecem representar a própria antítese do outro, como se a conciliação fosse inconciliável.

Dito isto e no atual panorama, a única coisa que parece certa é: o conflito está mais vivo do que nunca e parece que continuará assim por um longo e indeterminado tempo. No entanto, vale dizer para finalizar: sou otimista como Pappe, como Nora, como os objetores de consciência de Israel e como todos que acreditam em uma solução. Afinal, se o conflito é paradoxal, nos agarremos no paradoxo de acreditar que ele pode e terá um fim comum e justo para palestinos e israelenses. E, quando isto acontecer, fica aqui a minha sugestão sem encerrar a discussão: se tratando de nome, essa terra tem que se chamar Palestina.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. A testemunha. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008. p.25-47.

AGRISUSTENTAVEL. **Terminologia de Segurança Alimentar e Nutricional e da Vulnerabilidade à Insegurança Alimentar mais usada**. Disponível em: <http://www.agrisustentavel.com/doc/conceito_san.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BRASIL condena Israel por 'uso desproporcional da força'. **BBC Brasil**, [São Paulo], 23 jul. 2014a. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140724_itamaraty_nota_israel_palestina_lgb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

CIA, **Gaza Strip**. The World Factbook. Central Intelligence Agency, 2016. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gz.html>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

CIVIS estão na linha de frente do novo conflito Israel-Hamas; entenda. **BBC Brasil**, [São Paulo], 11 jul. 2014a. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140711_entenda_conflito_israel_gaza_an>. Acesso em: 21 nov. 2015.

CHESSMAN, Caryl. **A lei quer que eu morra**. Tradução de Frederico Branco. São Paulo: Dist Paulista, 1957. 305 p.

CLEMESHA, E. Arlene. Da ideia de transferência à realização da limpeza étnica: contribuições da nova historiografia israelense e palestina. **PUCviva Revista**, v.34, p.6-12, jan./abr. 2009.

CLEMESHA, E. Arlene. **Conflitos na Palestina**: aula especial do Jornal Hoje [mar. 2011]. YouTube, 29 de outubro de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MCdLVKcM6aA>> Acesso em: 23 nov. 2014.

CLEMESHA, E. Arlene. **Roda Viva | Benny Morris | 23/06/2014**: entrevista [jun. 2014]. Entrevistadores: A. Clemesha, M. Guterman, M. Habib, P. Mello, A. Nunes e M. Rabinovici. São Paulo: RODA VIVA, 2014a. 1 Vídeo (126 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ko6VKUMVL30>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

COMISSÁRIA da ONU adverte Israel por possíveis crimes de guerra em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 23 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140723_gaza_onu_vj_pai>. Acesso em: 21 nov. 2015.

CONFLITO se agrava e cessar-fogo entre Israel e Hamas parece distante. **BBC Brasil**, [São Paulo], 13 jul. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140713_gaza_cessar_fogo_ms>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CORPO de jovem árabe é achado na Cisjordânia; palestinos veem retaliação. **BBC Brasil**, [São Paulo], 2 jul. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140701_palestino_morto_hb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CRUZ Vermelha é atacada por civis na Faixa de Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 24 jul. 2014a. Vídeos e Fotos. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140724_video_cruzvermelha_gaza_fl>. Acesso em: 21 nov. 2015.

DE AQUINO, G. Leonardo. **O Estado em Direito Internacional**. Revista Âmbito Jurídico. 01 abril 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7669>. Acesso: 20 jun. 2015.

DIA a dia da vida repleta de restrições em Gaza, O. **BBC Brasil**, [São Paulo], 15 jul. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140707_gaza_vida_hb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

DILMA nega ruptura com Israel mas diz que país promove 'massacre' em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 28 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140728_dilma_gaza_mdb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

DISPUTAS territoriais no Oriente Médio, As. **Estadao**, [São Paulo], 27 out. 2010. Infográficos. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/infograficos/as-disputas-territoriais-no-orientemedio,internacional,281064>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

DOUCET, Lyse. Bombas em vez de brinquedos: crianças têm infância perdida em Gaza e Síria. **BBC News**, [São Paulo], 28 jul. 2014a. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140728_siria_gaza_crianças_hb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ENTIDADE denuncia 6 mil soldados estadunidenses, canadenses e europeus na Faixa de Gaza. **Brasil de Fato**, 29 jul. 2014. Internacional. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/29340>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

ESCOLA usada como abrigo pela ONU é bombardeada por Israel na Faixa de Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 24 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140724_bomba_escola_onu_rb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

EUA se oferecem para mediar conflito em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 11 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140711_gaza_israel_eua_fl>. Acesso em: 20 nov. 2015.

EUA vetam resolução da ONU que considera colônias de Israel ilegais. **Estadao**, [São Paulo], 18 fev. 2011. Internacional. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,eua-vetam-resolucao-da-onu-que-considera-colonias-de-israel-ilegais,681453>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

EVOLUÇÃO do mapa da Palestina e Israel. **Rede Angola**, [Luanda], 25 jul. 2014. Infografia. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/multimedia/evolucao-do-mapa-da-palestina-e-de-israel/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FERNANDES, Daniela. Proibição de ato pró-palestinos em Paris causa polêmica. **BBC Brasil**, Paris, 19 jul. 2014a. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140719_franca_protesto_palestinos_df_hb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FERNANDES, Daniela. Protesto pró-Palestina termina em confronto com a polícia em Paris. **BBC Brasil**, Paris, 19 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140719_confronto_protesto_palestina_paris_df_lgb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FELLET, João. Líderes evangélicos saem em defesa de Israel e criticam Dilma. **BBC Brasil**, Brasília, 6 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140806_evangelicos_israel_dilma_jf_kb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

FIEDLER, Teja. **A quem pertence a terra Santa?**. Visão judaica, Paraná, n.15, jul. 2003. Disponível em: <<http://visaojudaica.com.br/Julho2003/Links/Artigos%20e%20reportagens/aquempertenceaterrasanta.htm>> Acesso em: 03 ago. 2014.

FINKELSTEIN, Norman. **A Indústria do Holocausto**: Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 156 p.

FINKELSTEIN, Norman. **Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina**. Rio de Janeiro: Record, 2005. 433 p.

GAMSON, W. A. Mídia, sabedoria popular e experiência. In: GAMSON, W. A. **Falando de política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Cap. 7, p. 153-172. (Coleção Comunicação e Mobilização Social).

GARCÍA, Julio. Os judeus que desaprovam a política de Israel para Gaza. **BBC Mundo**, [São Paulo], 25 jul. 2014a. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140724_judeus_israel_gaza_rb>. Acesso em: 22 nov. 2015.

GAZA tem dia mais sangrento e mortos em ofensiva passam de 425. **BBC Brasil**, [São Paulo], 20 jul. 2014a. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140719_israel_gaza_ofensiva_hb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GAZA tem 'domingo sangrento' com pelo menos 100 mortos. **BBC Brasil**, [São Paulo], 20 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140720_gaza_domingo_sangrento_vale_este_lgb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GAZA tem 17 mil refugiados e 172 mortos após ataques de Israel. **BBC Brasil**, [São Paulo], 14 jul. 2014a. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140714_gaza_refugiados_lab>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GOMES, Aura. **A questão da Palestina e a Fundação de Israel**. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Departamento de Ciência Política. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-24052002-163759/pt-br.php>> Acesso em: 5 fev. 2015.

GOMES, Paula. **Sentidos em disputa**: desvendando olhares estrangeiros e nativos sobre o conflito Israel-palestino. 2013. 9f. Anteprojeto (Processo seletivo de Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

GOMES, Paula. Rótulos narrativos: ficção, não ficção ou ficção fingida? A classificação de narrativas no conflito Israel-palestino. **Comtempo**, São Paulo, v.6, n.2, 2014. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/12/Paula-Lima-Gomes.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

GONZÁLEZ, Jaime. Os estrangeiros dispostos a morrer por Israel. **BBC Mundo**, Los Angeles, 24 jul. 2014c. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140723_soldados_solitarios_jg_kb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

GONZÁLEZ, Jaime. Por que Hollywood evita falar sobre Gaza?. **BBC Mundo**, Los Angeles, 26 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140726_hollywood_gaza_lgb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

GROYS, Boris. Camaradas do tempo. In: **Caderno SESC videoBrasil**, v.6. São Paulo: Edições SESC SP: Associação Cultural Vídeobrasil, 2010.

HOUAISS, Instituto Antônio. Faixa. In: HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009.

HOUAISS, Instituto Antônio. Hegemonia. In: HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009.

HOUAISS, Instituto Antônio. Indiferença. In: HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009.

IMAGENS: bombardeios pesados causam noite de destruição em Gaza, Em. **BBC Brasil**, [São Paulo], jul. 2014. Vídeos e Fotos. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140729_galeria_gaza_ataques_fn#>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL alerta por telefone: 'Em cinco minutos vamos atingir o alvo'. **BBC Brasil**, [São Paulo], 16 jul. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140707_israel_gaza_hb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ISRAEL anuncia que soldado que havia desaparecido está morto. **BBC Brasil**, [São Paulo], 2 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140802_soldado_israel_mdb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL atinge Faixa de Gaza com novos ataques aéreos. **BBC Brasil**, [São Paulo], 9 jul. 2014. Vídeos e Fotos. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140709_gaza_israel_ataques_fn>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ISRAEL bombardeia esconderijo de líder do Hamas e mata mulher e filha. **BBC Brasil**, [São Paulo], 20 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140820_israel_hamas_dg>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL divulga supostas imagens de túneis do Hamas para atacar país. **BBC Brasil**, [São Paulo], 22 jul. 2014. Vídeos e Fotos. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140722_tunel_gaza_israel_fn>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ISRAEL divulga vídeo de ataque abortado por presença de crianças. **BBC Brasil**, [São Paulo], 1 ago. 2014. Vídeos e Fotos. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/08/140729_gaza_israel_video_hb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL diz que ataques continuarão até destruir túneis do Hamas. **BBC Brasil**, [São Paulo], 31 jul. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140731_gaza_atualiza_quinta_lab>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL diz que Hamas 'pagará preço' por morte de jovens; grupo nega envolvimento. **BBC Brasil**, [São Paulo], 1 jul. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140701_israel_hamas_ameaca_hb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ISRAEL estende cessar-fogo por mais quatro horas em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 26 jul. 2014a. Vídeos e Fotos. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140726_gaza_tregua_atualiza_fl>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL e palestinos aceitam trégua de 72 horas proposta pelo Egito. **BBC Brasil**, [São Paulo], 4 ago. 2014a. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140804_tregua_israel_hamas_lgb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL e Hamas aceitam cessar-fogo de longa duração em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 26 ago. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140826_cessar_fogo_gaza_lgb>. Acesso em: 22 nov. 2015.

ISRAEL e palestinos concordam com nova trégua. **BBC Brasil**, [São Paulo], 10 ago. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140810_israel_gaza_nova_tregua_cc>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL mata três líderes do Hamas. **BBC Brasil**, [São Paulo], 21 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140821_gaza_atualizacao_lgb>. Acesso em: 22 nov. 2015.

ISRAEL mata 25 em Gaza; palestinos lançam foguetes contra Tel Aviv e Jerusalém. **BBC Brasil**, [São Paulo], 8 jul. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140708_conflito_gaza_kb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. **Israel Palestinian Conflict: The Truth About the West Bank**. YouTube, 07 de julho de 2011. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=XGYxLWUKwWo>> Acesso em: 20 jul. 2014.

ISRAEL reage a foguetes e ataca Gaza antes de fim de trégua. **BBC Brasil**, [São Paulo], 19 ago. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819_israel_novos_ataques_gaza_fn>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL retoma ofensiva após fim de cessar-fogo. **BBC Brasil**, [São Paulo], 8 ago. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140807_israel_gaza_retomada_ataque_lgb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ISRAEL x Hamas: Injustiça ou 'mal necessário?'. **BBC Brasil**, [São Paulo], 21 jul. 2014a. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140720_israel_gaza_vozes_conflito_lgb>. Acesso em: 22 nov. 2015.

ISRAELI assault on Gaza in numbers. **Euromid**, [Gaza city], 28 out. 2014. Article. Disponível em:

<<http://euromid.org/en/article/608/Israeli-Assault-on-Gaza-in-Numbers>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

JOVENS israelenses desaparecidos são encontrados mortos na Cisjordânia. **BBC Brasil**, [São Paulo], 30 jun. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140630_israelenses_encontrados_atualiza_mdb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

KRAUSS, Regina. **Um certo Oriente**: a caracterização de palestinos e israelenses na cobertura fotográfica da Folha de S. Paulo. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Programa de Mestrado em Comunicação. Disponível em:

<<http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/2011-regina-krauss.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2013.

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 255 p.

LÍDER do Hamas condiciona trégua a garantia de fim de cerco a Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 25 jul. 2014b. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140725_entrevista_lider_hamas_bbc_lgb>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MARCUS, Jonathan. Saiba como funciona o escudo antimísseis de Israel. **BBC**, [São Paulo], 5 ago. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140804_escudo_antimissel_israel_jm_kb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

MELLO, Patrícia. **Roda Viva | Benny Morris | 23/06/2014**: entrevista [jun. 2014]. Entrevistadores: A. Clemesha, M. Guterman, M. Habib, P. Mello, A. Nunes e M. Rabinovici. São Paulo: RODA VIVA, 2014a. 1 Vídeo (126 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ko6VKUMVL30>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

MENINA palestina com estilhaço no crânio luta pela vida; Israel defende ofensiva. **BBC Brasil**, [São Paulo], 11 jul. 2014c. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140711_israel_gaza_conflito_lgb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MORADOR de Gaza destruída cria 'desafio do balde de escombros'. **BBC Brasil**, [São Paulo], 25 ago. 2014. Notícias. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825_gaza_desafio_hb>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MORRE bebê resgatada do útero de mãe morta em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 30 jul. 2014a. Vídeos e Fotos. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140730_gaza_bebemorre_etc>. Acesso em: 21 nov. 2015.

MORRIS, Benny. **O novo livro de Ilan Pappé é espantoso**. Visão judaica, Paraná, nº 70, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.visaojudaica.com.br/Julho2008/artigos/11.html>> Acesso em: 31 jul. 2014.

MORRIS, Benny. **Um Estado, dois Estados**: soluções para o conflito Israel-Palestina. São Paulo: Sefer, 2014a. 279 p.

MORRIS, Benny. **Roda Viva | Benny Morris | 23/06/2014**: entrevista [jun. 2014]. Entrevistadores: A. Clemesha, M. Guterman, M. Habib, P. Mello, A. Nunes e M. Rabinovici. São Paulo: RODA VIVA, 2014b. 1 Vídeo (126 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ko6VKUMVL30>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

NASSER, Salem. Prefácio à edição brasileira. In: SAID, Edward. **A questão da Palestina**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2012. Prefácio, p. VII-XV.

'NÃO vale a pena viver', diz morador da Faixa de Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 14 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140714_gaza_relatos_fl>. Acesso em: 20 nov. 2015.

NETANYAHU, Benjamin. **Entrevista completa de Netanyahu a Hannity**: “Não se dá imunidade a terroristas porque estão se escondendo em áreas civis enquanto atiram mísseis nas suas áreas civis: entrevista [ago. 2014]. Entrevistador: Sean Hannity. Fox News, Tel Aviv, 7 ago. 2014. Tradução: Felipe Brasil e Silvia Kicis. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/08/10/entrevista-completa-de-netanyahu-a-hannity-nao-se-da-imunidade-a-terroristas-porque-estao-se-escondendo-em-areas-civis-enquanto-atiram-misseis-nas-suas-areas-civis/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

NOVINSKY, Anita. Reflexões sobre o holocausto. **Cultura Vozes**, v.89, n.4, p.16-21, jul./ago. 1995.

ODIN, Roger. Filme documentário, leitura documentarizante. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, ano 39, n. 37, p. 10-30, jan.-jun. 2012.

OFENSIVA em Gaza já fez 100 mil buscarem ajuda da ONU; entenda conflito. **BBC Brasil**, [São Paulo], 21 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140721_gaza_israel_entenda_rb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

OFENSIVA terrestre de Israel em Gaza mata 11 palestinos. **BBC Brasil**, [São Paulo], 18 jul. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140717_gaza_israel_ofensiva>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ONUBR. **Palestina**. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/palestina/iii/>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

ONUBR. **Projeto de resolução sobre soberania do Estado da Palestina não é aprovado pelo Conselho de Segurança da ONU**. Direitos Humanos. 02 janeiro 2015. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/acao-para-aprovar-soberania-do-estado-palestino-recebe-veto-no-conselho-de-seguranca/>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

ONU acusa Israel de ignorar alertas e atacar escola com refugiados em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 30 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140730_gaza_atualiza_quarta_rw>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ONU diz que ataque a abrigo é 'criminoso' e Israel declara cessar-fogo de 7 horas. **BBC Brasil**, [São Paulo], 3 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140803_israel_tregua_mdb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ONU pede cessar-fogo imediato em Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 28 jul. 2014c. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140728_gaza_cessarfogo_onu_hb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ONU pede cessar-fogo na Faixa de Gaza. **BBC Brasil**, [São Paulo], 12 jul. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140712_onu_gaza_cessar_fogo_fn>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ONU vê 'pior momento' de Gaza em escalada de bombardeios e mortes. **BBC Brasil**, [São Paulo], 10 jul. 2014a. Vídeos e Fotos. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140710_conflito_gaza_israel_vale_rb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PAI de quatro filhas, palestino desmaia após saber da morte da mulher. **BBC Brasil**, [São Paulo], 20 jul. 2014c. Vídeos e Fotos. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140720_gaza_desmaio_palestino_lgb>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PALESTINOS fazem 'dia de fúria' por mortes em Gaza; EUA e ONU buscam trégua. **BBC Brasil**, [São Paulo], 25 jul. 2014c. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140725_onu_eua_gaza_pai>. Acesso em: 21 nov. 2015.

PAPPE, Ilan. **Israeli Myths & Propaganda**: entrevista [2008]. Haifa: Americans for a Just Peace in the Middle East, 2008. 1 Vídeo (106 min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=buIKKeygWBY>> Acesso em: 25 jul. 2014.

PAPPE, Ilan. **Die ethnische Säuberung in Palästina und das Rückkehrrecht der Palästinenser**: palestra [nov. 2010]. Stuttgart: Palästina Solidaritätskonferenz, 2011. 1 Vídeo (102 min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JsePdGlgxA>> Acesso em: 25 jul. 2014.

PAPPE, Ilan. **BBC HARDtalk Ilan Pappé ST fr-eng-esp**: entrevista [ago. 2014]. Entrevistador: Stephen Sackur. BBC News, London, 30 jun. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_WLFQojwdTE> Acesso em: 15 mar. 2015.

POLÍCIA de Israel reage e mata autor de suposto atentado com escavadeira. **BBC Brasil**, [São Paulo], 4 ago. 2014b. Vídeos e Fotos. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/08/140804_escavadeira_jerusalem_fn>. Acesso em: 21 nov. 2015.

“POR QUE não vou combater em Gaza”. **Carta Maior**, [São Paulo], 28 jul. 2014. Internacional. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/-Por-que-nao-vou-combater-em-Gaza-/6/31479>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

POR QUE os EUA e a Europa relutam em criticar Israel?. **BBC Brasil**, [São Paulo], 4 ago. 2014c. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140730_analise_israel_1k>. Acesso em: 21 nov. 2015.

RANCIÈRE, Jacques. A imagem intolerável. In: RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010. p. 125-143.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2629/1671>>. Acesso em: 30 set. 2015.

RESENDE, Fernando. Espaços parciais, espaços de resistência - relatos e conflito no cenário contemporâneo. In: Renato Cordeiro Gomes; Isabel Morgato. (Org.). **Espécies de espaços: territorialidades, literatura, mídia**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, v. I, p. -.

RESENDE, Fernando; ROBALINHO, Roberto. Eu, na fronteira dos teus olhos - sujeitos, territórios e resistência no conflito Israel/Palestina a partir de um filme de Aviv Mograbi. **Revista Eco-Pós (Online)**, v.17, p.1-13, 2014.

RESENDE, Fernando. ROSSIGNOLI, Letícia. O conflito Israel/Palestina como acontecimento jornalístico: análises de narrativas do jornal Folha da Manhã (1936/1946). In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 24, 2015. Brasília-DF. **Anais...** Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. Disponível em <http://www.compos.org.br/biblioteca/leticia-textocompleto_2847.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

SAID, Edward. **A questão da Palestina**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2012. 355 p.

SANCHEZ, Maria Esperanza. Por que idade média em Gaza é de 17 anos?. **BBC Mundo**, [São Paulo], 9 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140808_gaza_jovem_mes_kb>. Acesso em: 21 nov. 2015.

SARLO, Beatriz. 2. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p.23-44.

SCHVARZMAN, Sheila. Israel: Nova história e cinema pós-sionista. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22, 2013. Salvador-BA. **Anais...** Salvador: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2013. Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1996.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2015.

SENRA, Ricardo. #SalaSocial: Contra estereótipos, árabes e judeus se unem via internet para pedir paz. **BBC Brasil**, São Paulo, 25 jul. 2014e. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140721_salasocial_judeus_arabes_paz>. Acesso em: 22 nov. 2015.

SENRA, Ricardo. #SalaSocial: Pedidos de orações pela Palestina dominam Twitter no Brasil. **BBC Brasil**, São Paulo, 10 jul. 2014b. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140710_salasocial_palestina_rsbg>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SEQUESTRO de jovens reacende tensão entre Israel e palestinos. **BBC Brasil**, [São Paulo], 15 jun. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140610_israel_jovens_1k>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SOBREVIVENTES do Holocausto assinam nota contra 'genocídio' em Gaza'. **BBC Brasil**, [São Paulo], 24 ago. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140824_gazaholocausto_etc>. Acesso em: 22 nov. 2015.

STANDUB. The ACTUAL Truth About Palestine in response to Danny Ayalon. YouTube, 06 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MBYkBgY1-LM>> Acesso em: 20 jul. 2014.

THE WORLD BANK, Israel. Data. The World Bank, 2014b. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/israel>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

THE WORLD BANK, West Bank and Gaza. Data. The World Bank, 2014a. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/west-bank-gaza>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

USHMM. O Holocausto. Enciclopédia do Holocausto. 201-a. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. **Cronologia da Negação do Holocausto.** Enciclopédia do Holocausto. 201-b. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

UNRWA. Sobre a UNRWA. Disponível em: <http://unrwa.org.br/sobre_a_unrwa/>. Acesso em: 13 mar. 2015.

VATOLINA, L. A questão da Palestina. Problemas – Revista Mensal de Cultura Política, nº 14, out. 1948. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/14/palestina.htm> Acesso em: 29 jul. 2014.

VÍDEO mostra jovem palestino sendo espancado. **BBC Brasil**, [São Paulo], 7 jul. 2014. Vídeos e Fotos. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/07/140707_palestino_espancado>. Acesso em: 20 nov. 2015.

WIKIPEDIA. Transjordânia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Transjord%C3%A2nia>> Acesso em: 15 jul. 2015.

10 perguntas para entender o conflito entre israelenses e palestinos. **BBC Brasil**, [São Paulo], 29 set. 2014. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140730_gaza_entenda_gf_ik>. Acesso em: 21 nov. 2015.

#SALASOCIAL: Blog ensina como criticar Israel sem ser antissemita. **BBC Brasil**, [São Paulo], 25 jul. 2014d. Notícias. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140725_salasocial_blog_israel_lab>. Acesso em: 22 nov. 2015.

APÊNDICE A – Historiografia do movimento sionista

(continua)

Parte I – Primeiras articulações do movimento nacional judaico		
1882	Primeiras ocupações	Primeira onda de migração judaica (MORRIS, 2014a).
1882	Marcos e expoentes	Leon Pinkser, médico russo e expoente do nacionalismo judaico, escreve o panfleto “Auto emancipação: um apelo de um judeu russo ao seu povo”.
1886	Primeiros conflitos	Primeira onda de protestos contrários a migração e colonização judaica.
1886	Primeiros conflitos	Aldeões de Yahudiya atacam o mais antigo assentamento judaico de Petach.
1893	Novos conflitos	Tahir al-Husayn, líder da comunidade palestina muçulmana, inicia campanha contra tal fluxo judaico.
1896	Marcos e expoentes Início do sionismo político	Theodor Herzl, jornalista, dramaturgo e criador do sionismo político, escreve o livro “O Estado Judeu” (<i>Judenstaat</i>) e cogita a instalação do mesmo na Palestina ou na Argentina para resolver a questão judaica.
1897	Primeira entidade Palestina, lugar dos judeus	A Organização Sionista Mundial (OSM) é fundada no Primeiro Congresso Sionista (Basiléia, Suíça), tendo Herzl como presidente eleito e as seguintes deliberações: - Direito reconhecido de colonização da Palestina pelo povo judeu. - Promoção da colonização em massa. - Criação de uma organização que una os judeus ao sionismo.
1901	Novas entidades	O Fundo Nacional Judaico é fundado e destinado a arrecadação de recursos para compra de terras palestinas, tornando-as propriedades inalienáveis do povo judeu.
1901	Curiosidades importantes	Surgimento do slogan sionista: “Uma terra sem povo, para um povo sem terra” (Israel Zangwill).
1902	Primeiras doações	Grã-Bretanha oferece a região de El-Arish (Península do Sinai, futuro Egito) para os sionistas, mas eles rejeitam.
1903	Novas doações	Grã-Bretanha oferece um território no Quênia para os sionistas, mas eles rejeitam.
1903	Primeiras articulações	Pela articulação de Herzl, Plehve, ministro do Interior czarista e organizador dos <i>pogroms</i> , ajuda a “convencer” (GOMES, A., 2001) os judeus a migrarem à Palestina.
1905	Deliberações	7º Congresso Sionista: decide-se, de maneira definitiva, que só a Palestina interessa aos sionistas.
1906	Novas articulações	Pela articulação de Chaim Weizmann (emigrante russo e expoente sionista), Arthur Balfour, David Lloyd e Herbert Samuel, líderes britânicos, passam a apoiar o sionismo.
por volta de 1908	Novas articulações	Os Jovens Turcos, permitem a criação de assentamentos judeus na Palestina Otomana, depois de se oporem* ao sionistas. [*] Posicionamento do Sultão Abd al-Hamid II, crédulo que o sionismo era uma “tentativa europeia de minar a posição de Istambul no Oriente Médio” (GOMES, A., 2001, p. 17).

(continua)

Parte II – Desenvolvimento do movimento sionista		
1911	Curiosidades importantes	Início da campanha pelo trabalho hebreu nas fazendas sionistas da Palestina.
1915	Conjuntura Fortalecimento de alianças	Arthur Balfour torna-se membro do governo britânico e passa a apoiar os sionistas discretamente, pois o Primeiro-ministro, Herbert Asquith, se aproximava dos árabes.
1915	Novas articulações	Henry McMahon, representante do governo britânico, formaliza um acordo com Sharif Husayn, Emir de Meca, como estratégia de defesa à Primeira Guerra Mundial. <u>Objetivo:</u> derrotar os turcos. <u>Promessa:</u> emancipar as nações árabes com a criação de um Estado ou Confederação de Estados independentes.
1916	Conjuntura Fortalecimento de alianças	Lloyd George se torna Primeiro-ministro britânico e Arthur Balfour é indicado à Secretário das Relações Exteriores.
1917	Deliberações	2 de novembro de 1917: o governo britânico oficializa seu apoio aos sionistas, por meio da Declaração de Balfour destinada ao Lord Rothschild, líder judeu britânico.
1917	Novas articulações	Woodrow Wilson, Presidente do Estados Unidos, se torna aliado dos sionistas, por intermédio de Judge Brandeis.
1917	Desenvolvimento	Campanha da OSM voltada a imigração em massa de judeus para a Palestina.
1918	Conjuntura	Fim da Primeira Guerra Mundial, derrocada do Império Otomano e distribuição territorial entre as forças aliadas.
1918	Nova entidade	A Agência Judaica, entidade representativa da Organização Sionista na Palestina é criada e posteriormente incorporada ao próprio Mandato.
1919	Deliberações	O Pacto da Sociedade das Nações, integrante do Tratado de Versalhes, introduz o Sistema de Mandatos* e submete a Palestina, Transjordânia e Mesopotâmia à tutela britânica. [*] Mas previa à autodeterminação dos povos e, especialmente, das suas nações árabes.
1920	Novos conflitos	Consolidação da imigração judaica e agravamento das disputas pelas terras e do conflito árabe-israelense.
1920	Novos conflitos	Hajj al-Husayn, sucessor de Tahir al-Husayn, prossegue com a campanha contra a colonização e migração judaica.
1920	Deliberações	Colonos judeus só podem contratar mão de obra judaica.
1922	Deliberações	24 de julho de 1922: a Declaração de Balfour é anexada ao Mandato britânico da Palestina, se tornando um título jurídico dos sionistas.
1923	Novas articulações	Louis Marshall, líder judeu estadunidense, se torna aliado dos sionistas, por intermédio de Weizmann.
1925	Deliberações Angariando novos aliados	Composição do conselho da Agência Judaica: sionistas e não sionistas e destes, 40% são estadunidenses.
1927	Novas articulações	Louis Marshall e Felix Warburg (outro estadunidense judeu) se tornam patrocinadores do movimento sionista.

(conclusão)

Parte III – Da decadência do Mandato à criação do Estado judeu		
1936	Novos conflitos	Aumento dos distúrbios nacionais: crise do Mandato britânico na Palestina e de seu respectivo apoio à Organização Sionista Mundial*. [*] OSM se aproxima ainda mais do Estados Unidos com isso.
1937	Deliberações Registrada no Livro Branco	Comissão Real analisa os distúrbios ocorridos e recomenda a partilha da Palestina.
1937	Novos conflitos	A recomendação anterior gera revolta entre os árabes que lutam pela independência e os sionistas que querem um Estado judeu em toda Palestina.
1939	Deliberações Registrada no Livro Branco	Posicionamento da Grã-Bretanha: - Desaprova a criação de um Estado judeu ou árabe. - Decreta o fim da migração judaica. - Prevê o fim do seu Mandato para 1949. - Propõe o início de um governo partilhado.
1939	Curiosidades importantes	A OSM se auto identifica como vítima da colonização britânica e da perseguição árabe entre os estadunidenses.
1939	Primeiras controvérsias	Comitê árabe-britânico analisa as correspondências entre Husayn e McMahon e levanta controvérsias sobre os títulos jurídicos da Palestina e da política britânica ³⁸ .
1936 à 1939	Novos conflitos	Explosão de rebeliões contra o governo britânico e a colonização sionista na Palestina, Egito e Síria.
1942 à 1946	Novos conflitos	Ações sionistas contra o Mandato britânico: - Extremistas do Stern cometem assassinatos e roubos em Tel Aviv. - Haganá planeja roubar armas e munições das forças britânicas. - Membros do Stern assassinam o ministro do Estado britânico para o Oriente Médio. - Irgun Zvai Leumi provoca uma série de destruições. - Sionistas explodem o hotel King David em Jerusalém e destroem escritórios do Governo britânico e quartéis militares.
1946	Rompimento de alianças	A política britânica deixa de apoiar o projeto sionista e reconhece a existência de um Estado não territorial judeu na Palestina e independente da Administração britânica.
1946 à 1947	Conjuntura	Decadência do domínio britânico no Oriente Médio, ocasionado pelos conflitos internos na região e a crise financeira instalada após Segunda Guerra Mundial.
1947	Deliberações	29 de novembro de 1947: oficializa-se a partilha da Palestina entre judeus e árabes em Assembleia da ONU, com 33 votos a favor, 13 contra e 10 abstenções.
1948	Deliberações	Data da fundação do Estado de Israel.

Fonte: Adaptado de GOMES, A., 2001.

³⁸ “Na opinião do comitê, destas declarações se depreende que o governo de Sua Majestade não tinha liberdade para dispor da Palestina sem tomar em consideração os desejos e interesses dos habitantes da Palestina, e que estas declarações devem ser levadas em conta em todo intento de estimar as responsabilidades que, de acordo com qualquer interpretação da correspondência, adquiriu o governo de Sua Majestade com respeito a esses habitantes, como consequência da correspondência”. (GOVERNO BRITÂNICO apud GOMES, A., 2001, p. 31).

APÊNDICE B – Números de ataques e baixas do confronto Israel-palestino de 2014

(continua)

Data	F/A/B	Descrição com foco em fatos de referência e números³⁹
Junho de 2014 – estopim israelense e pré-confronto		
12/06	<i>Fatos</i>	- 3 jovens israelenses são declarados desaparecidos e sequestrados: Naftali Frenkel (16), Gilad Shaar (16) e Eyal Yifrach (19) [AI].
30/06	<i>Fatos</i>	- Início oficial dos ataques aéreos israelenses contra Gaza e do lançamento de foguetes palestinos contra Israel [NI].
	<i>Baixas</i>	- Os corpos dos jovens são encontrados em Halhul (Cisjordânia). Israel culpabiliza o Hamas [AI] e organização não assume autoria. [*] Ademais, confrontos provocam 5 palestinos mortos e 400 presos.
Julho de 2014 – estopim palestino, pré-confronto e confronto		
01/07	<i>Ataques</i>	- Israel realiza mais de 30 ataques aéreos contra Gaza [NI]. - Hamas* lança 18 foguetes contra Israel [AI]. [*] Autoria assumida 07/07.
02/07	<i>Fatos</i>	- Sequestro de Mohammed Abu Khudair* (15) é declarado. Seu corpo é encontrado horas depois [AP]. [*] Palestinos dizem ser uma retaliação ao sequestro e assassinato dos jovens israelenses.
08/07 [dia 1]	<i>Fatos</i>	- O confronto de 2014 se inicia oficialmente. - Israel dá início a operação “Borda de Proteção”.
	<i>Ataques</i>	- Exército israelense intercepta foguete que cairia em Tel Aviv e envia reforços para a fronteira [AI].
	<i>Baixas</i>	- 25 pessoas foram mortas em Gaza [NI].
09/07 [dia 2]	<i>Ataques</i>	- Israel realiza 129 ataques aéreos contra Gaza [AI]. - Hamas lança 72 foguetes contra Israel [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, cerca de 40 pessoas foram mortas em Gaza [NI].
10/07 [dia 3]	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 78 pessoas foram mortas em Gaza [AP].
11/07 [dia 4]	<i>Ataques</i>	- Israel realiza ataques aéreos e diz que usou dobro da força de 2012, atingindo mais de 1.000 alvos terroristas [AI]. - Até o momento, 500 foguetes foram lançados contra Israel [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 100 pessoas foram mortas em Gaza e 600 estão feridas [NI].
12/07 [dia 5]	<i>Ataques</i>	- Neste dia, 90 foguetes foram lançados contra Israel [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 15 pessoas morreram e 35 ficaram feridas em um único ataque, totalizando, 156 mortos em Gaza até então [AP]. - Até o momento, 5 pessoas foram feridas em Israel [AI].
13/07 [dia 6]	<i>Fatos</i>	- Data que marca o pior bombardeio do confronto. - Israel promove a primeira incursão terrestre em Gaza.
	<i>Ataques</i>	- Israel realiza ataques aéreos contra Gaza e diz que atingiu 1.320 alvos terroristas [AI].

³⁹ *Observação:* estes números vieram das matérias da BBC Brasil e suas respectivas fontes. Deste modo, o que estiver com [ON] veio, segundo a matéria, da ONU, [AP] autoridades palestinas (isto é, organizações, grupos, médicos etc.), [AI] autoridades israelenses (isto é, Estado, exército, representantes etc.) e [NI] não informado.

(continua)

		- Até o momento, Hamas lançou 800 foguetes contra Israel e diz que só cessará, quando os ataques israelenses pararem e quando os prisioneiros palestinos forem libertos em troca de Gilad Shalit [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 17 membros da mesma família morreram em único ataque, totalizando 159 mortos e mais de 1.000 feridos em Gaza até então [AP].
14/07 [dia 7]	<i>Ataques</i>	- Até o momento, 1.000 foguetes foram lançados contra Israel [AI], incluindo um que teria atingido a infraestrutura de eletricidade palestina que fica em Israel, deixando 70 mil pessoas sem luz em Gaza. - Até o momento, Israel atingiu 1.320 alvos terroristas, incluindo 3 instalações do Qassam (braço militar do Hamas) e 1 drone [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 172 pessoas foram mortas* em Gaza, 1.260 estão feridas e 800 estão deixando a cidade [AP e ON]. [*] Segundo a ONU, 77% das vítimas fatais são civis. - Neste dia, 3 israelenses foram gravemente feridos [AI].
15/07 [dia 8]	<i>Fatos</i>	- Egito tenta mediar uma proposta de cessar-fogo. Israel aceita, mas o Hamas não, pois ela não contempla o desbloqueio de Gaza [NI].
	<i>Baixas</i>	- 1 israelense foi morto por um morteiro que veio de Gaza [AI]. Sendo esta, a primeira vítima fatal do lado israelense.
16/07 [dia 9]	<i>Ataques</i>	- Neste dia, 140 foguetes foram lançados contra Israel, totalizando mais de 1.100 até então [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 10 pessoas (incluindo um bebê) foram mortas em Gaza, totalizando 207 até então. Ademais, 560 casas foram destruídas, incluindo a de Mahmoud al-Zahar do Hamas [AP e ON].
17/07 [dia 10]	<i>Fatos</i>	- É acordada e descumprida trégua humanitária de 5 horas. - Soldados israelenses invadem Gaza por terra, marcando a 2ª fase da operação [AI].
18/07 [dia 11]	<i>Ataques</i>	- Até o momento, Israel realizou 1.960 ataques aéreos contra Gaza [AI]. - Até o momento, Hamas lançou 1.380 foguetes contra Israel e tentou infiltrar 13 militantes no país [AI].
	<i>Baixas</i>	- Desde o início da ofensiva terrestre, 1 soldado israelense foi morto, totalizando 2 mortos [NI]. - Desde o início da ofensiva terrestre 23 pessoas (incluindo 3 crianças) foram mortas em Gaza, totalizando 258 mortos até então, além de 1.370 casas destruídas e 18 mil desalojados [AP e ON].
20/07 [dia 13]	<i>Fatos</i>	- Data que marca o dia mais sangrento do confronto. - É acordada e quebrada trégua humanitária.
	<i>Ataques</i>	- Um foguete do Hamas atingiu a cidade de Ashkelon, Israel [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 13 israelenses foram mortos em uma emboscada, totalizando 18 soldados mortos até então [AI]. - Neste dia, 87 pessoas foram mortas em Gaza, totalizando 425 até então, além de 3 mil feridos e 50 mil* desalojados [NI e ONU]. [*] Abrigos da ONU só têm condição de suprir 35 mil.
21/07 [dia 14]	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 5 palestinos morreram e 70 ficaram feridos em bombardeio a um Hospital, totalizando 550 mortos em Gaza* e 100 mil desalojados até então [AP e ON]. [*] Segundo a ONU, uma criança morre por hora em Gaza. - Até o momento, 25 pessoas (incluindo 2 civis) foram mortas do

(continua)

		lado israelense [AI].
22/07 [dia 15]	<i>Ataques</i>	- Túneis palestinos são destruídos por Israel [AI]. - Militantes infiltrados do Hamas atiram em soldados israelenses [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, quase 600 pessoas foram mortas em Gaza [NI].
23/07 [dia 16]	<i>Fatos</i>	- Ban Ki-moon (Secretário-geral da ONU) e John Kerry (Secretário de Estado estadunidense) pedem o fim imediato do confronto. - Documento da ONU: condena o governo israelense pela ofensiva e cria comissão para investigar seus supostos crimes e violações.
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 1 israelense foi morto, totalizando, 31 mortos do lado israelense até então [AI]. - Neste dia, 5 mil palestinos tentaram sair de Khan Younis (sul de Gaza) e 5 foram mortos em Gaza, totalizando, 649* até então [NI e ON]. [*] Segundo a ONU, 74% das vítimas fatais são civis.
24/07 [dia 17]	<i>Ataques</i>	- Palestinos apedrejam veículos da Cruz Vermelha em Shejaiya (local de um grande massacre). Razão: o órgão não estaria ajudando-os verdadeiramente [AP].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 30 pessoas foram mortas (incluindo 2 soldados estadunidenses) do lado israelense. - Neste dia, um abrigo da ONU é bombardeado por Israel: 15 pessoas morreram e 200 ficaram feridas, totalizando, 600 ou 725* mortos em Gaza e 100 mil desalojados até então [AP e ONU]. [*] Dados diferentes, presentes em duas matérias publicadas no mesmo dia.
25/07 [dia 18]	<i>Fatos</i>	- Ativistas palestinos convocam “Dia de fúria” . [*] Participantes: 10 mil. - John Kerry, Sameh Shoury (chanceler egípcio) e Ban Ki-moon propõe trégua temporária e negociações coletivas <i>a posteriori</i> . Representante de Israel afirma que não aceita esta proposta.
	<i>Ataques</i>	- Nesta madrugada, Israel realiza vários ataques aéreos em Gaza [NI]. - Em Israel, cidades ficam em alerta por disparos de foguetes [NI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 29 pessoas foram feridas do lado israelense. Até então, 35 foram mortos, incluindo 2 civis e 1 imigrante tailandês [NI]. - Neste dia, 2 palestinos foram mortos (incluindo 1 membro importante da Jihad Islâmica [AI]) e 200 ficaram feridos [NI].
26/07 [dia 19]	<i>Fatos</i>	- É acordada e estendida trégua humanitária de 16 horas.
	<i>Ataques</i>	- Israel descobriu 31 túneis do Hamas e metade já foi destruída [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia e antes da trégua, 2 soldados israelenses foram mortos, totalizando 35 ou 42* mortos em Israel até então [AI]. - 19 palestinos foram mortos em uma casa perto de Khan Younis (sul de Gaza), totalizando mais de 900 ou 1.000* mortos e 5.870 feridos em Gaza até então. Depois da trégua, milhares de palestinos puderam voltar a suas casas para recolher pertences e suprimentos [AP]. [*] Dados diferentes, presentes em duas matérias publicadas no mesmo dia.
27/07 [dia 20]	<i>Fatos</i>	- Barack Obama (Presidente dos Estados Unidos) manda um telegrama para Netanyahu, solicitando trégua mais duradoura.
28/07 [dia 21]	<i>Fatos</i>	- Conselho de Segurança da ONU pede “cessar-fogo humanitário imediato e incondicional” (BBC Brasil, 28/07/14c) em Gaza. - É acordada e quebrada trégua humanitária de 72 horas.

(continua)

	<i>Ataques</i>	- Campo de refugiado é bombardeado depois do início do cessar-fogo, matando um adolescente e ferindo outras 15 pessoas [AP]. - Na manhã deste dia, um foguete foi lançado contra Israel [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, mais de 1.000 pessoas foram mortas em Gaza [NI]. - Até o momento, 43 soldados morreram em Israel, além de 1 imigrante tailandês [AI].
29/07 [dia 22]	<i>Ataques</i>	- Em Gaza, porto e usina de eletricidade são destruídas [AP].
	<i>Baixas</i>	- Na madrugada deste dia, ataques israelenses deixam, pelo menos, 60 palestinos mortos em Gaza [NI].
30/07 [dia 23]	<i>Fatos</i>	Data que torna o confronto, entre Hamas e IDF, o mais longo dos últimos tempos. [*] Pois o de 2008/2009 durou 8 dias e o de 2012 durou 22.
	<i>Ataques</i>	- Israel intensifica seus ataques e diz ter atingido vários túneis do Hamas [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 1.200* pessoas foram mortas em Gaza [NI]. [*] No ataque mais recente, 15 pessoas morreram após o bombardeio de uma escola, que a ONU avisou 17 vezes se tratar de um abrigo de refugiados.
31/07 [dia 24]	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 1360 pessoas foram mortas em Gaza e 425 mil estão desalojadas. O que representa ¼ da população de Gaza [NI e ON]. - Até o momento, 56 soldados e 2 civis (incluindo um tailandês) foram mortos em Israel [AI].
Agosto de 2014 – confronto		
01/08 [dia 25]	<i>Ataques</i>	- Israel divulga vídeo de ataque abortado por presença de crianças [AI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, mais de 1.400 pessoas foram mortas em Gaza [NI]. - Até o momento, 63 pessoas foram mortas do lado israelense, incluindo 2 civis [NI].
02/08 [dia 26]	<i>Fatos</i>	- Delegações internacionais (Estados Unidos, Catar, Turquia etc.) chegam ao Cairo para negociar e mediar cessar-fogo definitivo. Israel ignora iniciativa e delegações palestinas participam.
	<i>Ataques</i>	- Até o momento, 1/3 dos hospitais, 14 postos de saúde e dezenas de ambulâncias foram destruídas em Gaza. Além disso, 5 funcionários foram mortos, dezenas ficaram feridos e 40% dos profissionais não conseguem chegar ao trabalho [ON].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 66 pessoas foram mortas do lado israelense, incluindo 2 civis e um soldado que estava desaparecido – o que causou muita comoção em Israel [NI]. - Nesta manhã, 200 palestinos foram mortos em Gaza, totalizando, 1.670* mortos, 9 mil feridos e 520 mil desalojados até então [AP e ON]. [*] Segundo a ONU, 75% das vítimas fatais são civis.
03/08 [dia 27]	<i>Ataques</i>	- Neste dia, Israel dispara um míssil na entrada de um abrigo da ONU* e mata 10 pessoas [AP]. [*] Essa é a terceira escola-abrigo atingida. Justificativa: o alvo eram três militantes da Jihad Islâmica que estavam perto do local. - Nesta noite, Israel realiza 13 ataques aéreos contra Gaza e o Hamas lança 2 foguetes contra Tel Aviv [NI].
	<i>Baixas</i>	- Até o momento, 1.700 pessoas foram mortas (incluindo 330 crianças) em Gaza, 520 estão desalojadas [ON]. [*] E abrigos da ONU só conseguem dar assistência para 250 mil. Problema do momento: surto de doenças transmissíveis

(continua)

		<p>por água contaminada e ausência de infraestrutura.</p> <p>- Nesta semana, 3 soldados foram mortos em uma emboscada, totalizando 66 pessoas mortas no lado israelense, incluindo 2 civis [NI].</p>
04/08 [dia 28]	<i>Fatos</i>	- Israel e palestinos aceitam acordo proposto pelo Egito, começando com uma trégua de 72 horas.
	<i>Ataques</i>	- Palestino que guiava uma escavadeira em Jerusalém, capota um ônibus, mata um israelense e deixa vários feridos. Policiais que passavam pelo local matam o motorista [AI].
	<i>Baixas</i>	<p>- Neste dia, soldado fica gravemente ferido em tiroteio na área de Monte Scopus, Jerusalém. Até o momento, 67 pessoas foram mortas do lado israelense, incluindo 3 civis [AI].</p> <p>- Até o momento, 1.800 pessoas foram mortas em Gaza (75% civis), incluindo um imigrante britânico e quase 10 mil feridos [ON].</p>
05/08 [dia 29]	<i>Fatos</i>	- Três motivos do baixo número de mortos do lado israelense: [1] preparação da população e infraestrutura de Israel (rede de abrigos, alarmes, simulação etc.); [2] ineficácia das armas do Hamas e da Jihad Islâmica; [3] eficiência do escudo antimísseis israelenses, conhecido como Iron Dome (Cúpula de Ferro, em português).
	<i>Ataques</i>	- Hamas e outros grupos islâmicos já lançaram mais de 2.000 foguetes contra Israel [AI].
06/08 [dia 30]	<i>Baixas</i>	<p>- Até o momento, mais de 1.600 pessoas foram mortas em Gaza [AP].</p> <p>- Até o momento, 66 pessoas foram mortas do lado de Israel, incluindo 3 civis [AI].</p>
07/08 [dia 31]	<i>Fatos</i>	- Anistia Internacional pede investigação sobre ataques israelenses aparentemente deliberados sobre profissionais da saúde [NI].
08/08 [dia 32]	<i>Fatos</i>	<p>- Confronto se reinicia depois do fim da trégua humanitária.</p> <p>- Egito solicita que ambos retomem as negociações para assegurar cessar-fogo definitivo.</p>
	<i>Ataques</i>	<p>- Nesta tarde, 52 foguetes e morteiros foram lançados contra Israel. 3 foram interceptados, deixando 2 pessoas feridas [AI].</p> <p>- Neste dia, mais de 30 alvos do Hamas foram atacados [AI].</p>
	<i>Baixas</i>	<p>- Neste dia, 5 palestinos foram mortos em Gaza (incluindo uma criança de 10 anos e um militante da Jihad Islâmica), totalizando 1.922 mortos (incluindo 400 crianças) e, segundo Israel, 900 militantes. Ademais, cerca de 373 mil crianças necessitarão de apoio psicossocial, 485 palestinos estão desalojados e 1,5 milhão estão sem água potável [ON].</p> <p>- Até o momento 64 soldados israelenses foram mortos, 2 civis e 1 imigrante tailandês [AI].</p>
10/08 [dia 34]	<i>Fatos</i>	- Egito medeia nova trégua acordada de 72 horas.
	<i>Baixas</i>	<p>- Até o momento, mais de 1.900 pessoas foram mortas em Gaza [ON].</p> <p>- Até o momento, 66 pessoas foram mortas do lado israelense, incluindo 2 civis e 1 imigrante tailandês [AI].</p>
19/08 [dia 43]	<i>Fatos</i>	- Confronto retorna após quebra de cessar-fogo de 5 dias. Depois disso, a delegação israelense que estava no Cairo é orientada a voltar.
	<i>Ataques</i>	- Neste dia, 50 foguetes palestinos foram lançados contra Israel [AI].

(conclusão)

	<i>Baixas</i>	- Até o momento, mais de 2.080 pessoas morreram no confronto. A maior parte é de palestinos [NI].
20/08 [dia 44]	<i>Ataques</i>	- Neste dia, 20 foguetes foram lançados contra Israel [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 11 palestinos foram mortos em um ataque aéreo, incluindo a esposa e o bebê de um líder do Qassam, Mohammed Deif*. Em outro ataque, 7 morreram no centro de Gaza, totalizando 2.029 mortos até então [NI]. [*] Deif é acusado de ordenar um ataque suicida em Israel e já sobreviveu a várias tentativas de assassinato.
	<i>Fatos</i>	- Milhares de pessoas se manifestam nas ruas de Gaza contra ataques a casa de Deif. Muitos pedem vingança.
21/08 [dia 45]	<i>Fatos</i>	- Hamas orienta que as companhias aéreas interrompam os voos para o Aeroporto de Ben Gurion em Tel Aviv (Israel) a partir do dia 22/08. - Hamas declara o fim das negociações para cessar-fogo definitivo.
	<i>Ataques</i>	- Neste dia, 6 ativistas da Jihad Islâmica lançam foguetes do norte de Gaza contra Israel [NI], totalizando, 213 foguetes lançados desde o fim da última trégua (19/08) [AI]. - Neste dia, Israel realizou 20 ataques contra alvos terroristas [AI].
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, 10 palestinos foram mortos em um ataque aéreo no sul de Gaza, incluindo 3 membros do Hamas. Outros ataques mataram 4 palestinos durante um velório e 6 palestinos (incluindo 4 crianças) no norte de Gaza (Beit Lahiya), totalizando 54 mortos desde o fim da última trégua (19/08) e 2.138 no total [AP]. - Neste dia, 1 israelense foi gravemente ferido por um morteiro. Até o momento, 67 pessoas morreram do lado israelense.
22/08 [dia 46]	<i>Baixas</i>	- Menino israelense de 4 anos foi morto por um morteiro em Israel, perto da fronteira com Gaza.
24/08 [dia 48]	<i>Fatos</i>	- 40 sobreviventes e 287 descendentes do holocausto nazista publicam nota no <i>The New York Times</i> : “Como sobreviventes e descendentes de sobreviventes judeus e vítimas do genocídio nazista, nós condenamos inequivocamente o massacre de palestinos em Gaza e a contínua ocupação e colonização da Palestina histórica.” (BBC Brasil, 24/08/2014).
	<i>Baixas</i>	- Neste dia, ataques israelenses matam 2 pessoas em Gaza e deixam 5 feridos. Até o momento, mais de 2.000 foram mortos. - Até o momento, 68 pessoas morreram do lado de Israel.
26/08 [dia 50]	<i>Fatos</i>	- Israel e Hamas aceitam cessar-fogo de longa duração. Mediador: Egito. Início: a partir das 19h locais. Observação: acordo não inclui questões polêmicas, discutidas <i>a posteriori</i> .
	<i>Ataques</i>	- Neste dia, 2 arranha-céus foram bombardeados em Gaza. - Neste confronto, 5,2 mil “abrigos terroristas” (BBC Brasil, 26/08/14) foram destruídos e 1.000 terroristas palestinos foram mortos [AI].
	<i>Baixas</i>	- Nesta manhã, 1 civil israelense foi morto e 6 ficaram feridos [NI]. - Do lado palestino, 6 foram mortos, totalizando, 2,2 mil pessoas mortas no confronto [NI]. No palestino (2.140), a grande maioria era civil [AP] e do israelense (67), a grande maioria era de militar (64) [AI].

Fontes: matérias da BBC Brasil.

APÊNDICE C – Detalhamento dos fatos do confronto Israel-palestino de 2014

(continua)

Data	Detalhamento dos fatos ⁴⁰
Junho de 2014 – estopim israelense e pré-confronto	
12/06	- 3 jovens israelenses são declarados desaparecidos e sequestrados (Hamas não assume autoria): Naftali Frenkel (16), Gilad Shaar (16) e Eyal Yifrach (19). Na última vez em que foram vistos, estavam pegando carona na área de Gush Etzion, um quarteirão de assentamentos judeus na Cisjordânia [AI].
14/06	- [*] Houve ataques (ver Apêndice B).
15/06	- Em 3 dias de buscas, 80 palestinos são presos [AI]. - Tropas israelenses cercam uma edificação em Hebron na Cisjordânia, onde os jovens israelenses poderiam estar [NI].
Falas	- <i>Benjamin Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel)</i> : “Aqueles que realizaram o sequestro de nossos jovens são pessoas do Hamas.” (apud BBC Brasil, 15/06/2014). - <i>Sami Abu Zuhri (porta-voz do Hamas)</i> : “As declarações de Netanyahu são declarações tolas (...) Nós acreditamos que as últimas prisões de líderes do Hamas, legisladores e ministros têm como alvo quebrar a vontade do movimento do Hamas na Cisjordânia.” (apud BBC Brasil, 15/06/2014).
Abril	- Benjamin Netanyahu havia suspenso negociações de paz com Mahmoud Abbas (Presidente da Autoridade Palestina). Razão: coalizão Hamas e Fatah [NI].
30/06	- Depois de 19 dias, os corpos são encontrados em Halhul (Cisjordânia) “dentro de um buraco” (BBC Brasil, 30/06/2014) e sobre uma pilha de pedras. Aparentemente, os jovens foram mortos logo após o sequestro [AI]. - No final das buscas, 400 palestinos foram presos e 5 mortos em confronto com a polícia [NI]. [*] Houve ataques (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Benjamin Netanyahu</i> : “[eles foram] sequestrados e assassinados a sangue frio por animais (...) o Hamas vai pagar por isso.” (apud BBC Brasil, 30/06/2014, complemento meu). - <i>Shimon Peres (Presidente de Israel)</i> : “toda a nação está em luto profundo. (...) Em meio a nossa dor, continuamos determinados a punir esses criminosos terroristas.” (apud BBC Brasil, 30/06/2014). - <i>Sami Abu Zuhri</i> : “[qualquer ação contra o Hamas] abriria as portas do inferno.” (apud BBC Brasil, 30/06/2014, complemento meu).
Julho de 2014 – estopim palestino, pré-confronto e confronto	
01/07	- Acontece a 2ª reunião da cúpula israelense para definir a resposta a ser dada. Há um conflito interno: ações militares severas <i>versus</i> ações moderadas [NI]. - Acontece o funeral dos jovens israelenses. Cerimônia conta com a participação de milhares de pessoas, incluindo Benjamin Netanyahu e Shimon Peres [NI]. - Diante do fato, israelenses saem nas ruas de Jerusalém. Ouvem-se gritos de “mortes aos árabes” (BBC Brasil, 01/07/2014) [NI]. [*] Houve ataques (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Abdallah Abdallah (porta-voz de Mahmoud Abbas)</i> : “Queríamos que a paz fosse

⁴⁰ Observação: estes números vieram das matérias da BBC Brasil e suas respectivas fontes. Deste modo, o que estiver com [ON] veio, segundo a matéria, da ONU, [AP] autoridades palestinas (isto é, organizações, grupos, médicos etc.), [AI] autoridades israelenses (isto é, Estado, exército, representantes etc.) e [NI] não informado.

(continua)

	<p>criada nesta parte do mundo para que nenhuma mãe ou pai passe pelo luto da perda de seus entes queridos, sejam palestinos, sejam israelenses.” (apud BBC Brasil, 02/07/2014).</p> <p>- <i>Danny Danon (vice-ministro israelense de Defesa)</i>: “Temos de dizer isso claramente: se você mata crianças inocentes que voltam da escola, você não pode continuar a trabalhar conosco normalmente.” (apud BBC Brasil, 02/07/2014).</p> <p>- <i>Naftali Bennett (ministro israelense da Economia)</i>: “Assassinos de crianças não podem ser perdoados. Agora, é o momento de ação, não de palavras.” (apud BBC Brasil, 02/07/2014).</p>
-----	- As casas de Marwan Qawasmeh e Amer Abu Aisha (suspeitos do sequestro e assassinato dos israelenses) são destruídas [NI].
02/07	<p>- Em Shufat (distrito árabe em Jerusalém), Mohammed Abu Khdeir (15) é forçado a entrar em um carro. Horas depois, seu corpo é encontrado em um parque a oeste da cidade, parcialmente queimado e com marcas de violência. Palestinos acreditam que sua morte seja uma retaliação aos assassinatos dos jovens israelenses [AP].</p> <p>- Palestinos protestam perto da casa do adolescente morto. Manifestantes atiraram pedras e policiais atiram balas de borracha [NI].</p>
Falás	- <i>Nir Barkat (prefeito de Jerusalém)</i> : “Este é um ato horrível e bárbaro, o qual eu condeno fortemente (...) Estou totalmente confiante que nossas forças de segurança trarão os responsáveis à Justiça.” (apud BBC Brasil, 02/07/2014).
07/07	- Imagens de celular flagram Tariq Khdair (primo de Mohammed Khdeir), sendo espancado por policiais israelenses. Ele é preso por participar de manifestação, solto depois de pagar fiança e condenado há 9 dias de prisão domiciliar [NI].
08/07 [dia 1]	- Início da operação “Borda de Proteção”. Finalidade: destruir as forças do Hamas e acabar com os ataques contra Israel [AI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
09/07 [dia 2]	- [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
10/07 [dia 3]	- #PrayforPalestina (Reze Pela Palestina) é o termo mais compartilhado no twitter do Brasil. A <i>hashtag</i> foi utilizada 949 mil vezes, ficou no top 10 Brasil e liderou o ranking de 8h-9h, segundo o horário de Brasília [NI]. [*] Houve baixas (ver Apêndice B).
Falás	<p>- <i>Ban Ki-moon (secretário-geral da ONU)</i>: “a região vive seu pior momento de anos recentes [e exige soluções] corajosas e criativas das partes envolvidas no conflito.” (apud BBC Brasil, 10/07/2014a, complemento meu).</p> <p>- <i>Ibrahim Alzaben (embaixador da Palestina no Brasil)</i>: “O que está acontecendo é um genocídio. Israel está usando toda a sua maquinaria de guerra contra um povo desarmado e que está cercado por terra, mar e ar.” (apud BBC Brasil, 10/07/2014a).</p>
11/07 [dia 4]	- Barack Obama (Presidente dos Estados Unidos), François Hollande (Presidente da França) e Vladimir Putin (Presidente da Rússia), se dispõem a mediar o conflito [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falás	<p>- <i>Barack Obama</i>: “façam o que for possível para proteger a vida de civis e restaurar a calma.” (apud BBC Brasil, 11/07/2014b).</p> <p>- <i>Benjamin Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel)</i>: “[a operação está] progredindo como planejado e deve entrar em nova fase.” (apud BBC Brasil, 11/07/2014b, complemento meu).</p> <p>- <i>Khaled Meshaal (líder político do Hamas)</i>: “nós não pedimos por essa guerra. Nós faremos o que for necessário para nos defender e defender nosso povo.” (apud</p>

(continua)

	BBC Brasil, 11/07/2014a).
12/07 [dia 5]	- Com adesão total dos 15 membros, Conselho de Segurança da ONU pede cessar-fogo entre israelenses e palestinos. Sendo esta, neste confronto, a primeira vez que o Conselho divulga uma declaração [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Jeremy Bowen (editor da BBC para Oriente Médio)</i> : “Os fatores que influenciam o tempo certo para um acordo incluem a quantidade de sangue derramado e o nível de pressão internacional nos dois lados para se chegar a um acordo.” (apud BBC Brasil, 12/07/2014).
13/07 [dia 6]	- Madrugada marca o pior bombardeio à Gaza desde o início do confronto [NI]. - Acontece a primeira incursão terrestre de Israel em Gaza [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
14/07 [dia 7]	- Frank-Walter Steinmeier (Ministro das Relações Exteriores da Alemanha) negocia o fim do conflito com ambos [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Forças de Defesa de Israel (IDF)</i> : “Não queremos prejudicar os civis em Gaza, mas eles devem saber que permanecer próximo aos terroristas e à infraestrutura do Hamas é extremamente perigoso.” (apud BBC Brasil, 14/07/2014a). - <i>Benjamin Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel)</i> : “Pedimos desculpas por quaisquer mortes acidentais de civis, mas é o Hamas que tem total responsabilidade por essas mortes.” (apud BBC Brasil, 14/07/2014a).
15/07 [dia 8]	- Egito tenta mediar uma proposta de cessar-fogo. Israel aceita, mas o Hamas* não [NI]. [*] Razão: não engloba o fim do bloqueio à Gaza. [**] Houve baixas (ver Apêndice B).
16/07 [dia 9]	- Neste dia, Israel avisa por telefone, mais de 100 mil palestinos sobre os ataques que iria realizar. Sendo esta, uma prática que diz fazer costumeiramente [AI]. - Danny Danon (vice-ministro da Defesa de Israel) é exonerado depois de ter chamado de “fracasso” (BBC Brasil, 16/07/2014) o aceite de Netanyahu sobre o acordo egípcio [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Benjamin Netanyahu</i> : “Se não há cessar-fogo, nossa resposta é fogo.” (apud BBC Brasil, 16/07/2014). - <i>Manuel Hassassian (enviado da Autoridade Nacional Palestina ao Reino Unido)</i> : “Não há abrigos ou <i>bunkers</i> , não há para onde ir. (...) Se eles saem de casa, vão ser atingidos na rua”. (apud BBC Brasil, 16/07/2014). - <i>Moussa Abu Marzouk (oficial do Hamas)</i> : “o bloqueio à Gaza deve ser suspenso e a população local deve viver com liberdade como todas as outras pessoas do mundo.” (apud BBC Brasil, 16/07/2014). - <i>Comunicado por telefone</i> : “Você fala hebraico? Como vai? Tudo bem? [pergunta o soldado israelense em um áudio divulgado pelo Exército israelense. Não é possível ouvir a resposta do outro lado da linha.] O Exército de Israel precisa atingir o prédio perto de onde você está. Estamos fazendo tudo o que podemos para não atingir prédios ao redor. Estamos tentando garantir que não haja nenhum civil antes de atacarmos. Avise a todos porque em cinco minutos vamos atingir o alvo.” (BBC Brasil, 16/07/2014).
17/07 [dia 10]	- É acordada e descumprida trégua* humanitária de 5 horas [NI]. [*] Razão da trégua: “permitir que palestinos estocassem suprimentos e equipes de ajuda humanitária distribuíssem kits de água, alimentos e higiene.” (BBC Brasil, 18/07/2014). - Exército israelense invade Gaza por terra com milhares de soldados e tanques, marcando a 2ª fase da operação. Alvo: destruição dos túneis do Hamas [NI]. - Neste dia, Israel convoca 18 mil reservistas, elevando o contingente de militares

(continua)

	para 65 mil. Do outro lado, 13 militantes do Hamas tentaram atacar um kibutz [AI]. - Ministério das Relações Exteriores do Brasil publica nota sobre o conflito [NI].
18/07 [dia 11]	[*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Benjamin Netanyahu</i> : “Na noite passada, nossas forças iniciaram uma operação terrestre para atingir os túneis de terror que atravessam Gaza para o território de Israel. (...) Não é possível atingir os túneis somente pelo ar (...) Minhas instruções são se preparar para a possibilidade de ampliar significativamente a operação terrestre e os militares estão se preparando de tal forma.” (apud BBC Brasil, 18/07/2014). - <i>Forças de Defesa de Israel</i> : “[queremos] estabelecer uma realidade em que os residentes de Israel possam viver em segurança e sem terror contínuo indiscriminado. (...) Depois de dez dias de ataques do Hamas por terra, ar e mar e depois de repetidas rejeições de ofertas de acalmar a situação, a IDF iniciou uma operação terrestre dentro da Faixa de Gaza.” (apud BBC Brasil, 18/07/2014, complemento meu). - <i>Moti Almoz (porta-voz do Exército de Israel)</i> : “Peço aos moradores de Gaza que se retirem de áreas nas quais o Exército está operando. Esta operação durará enquanto for necessário.” (apud BBC Brasil, 18/07/2014). - <i>Khaled Meshaal (líder político do Hamas)</i> : “O que o ocupante Israel não conseguiu alcançar através de seus ataques aéreos e marítimos, não será capaz de alcançar com uma ofensiva terrestre.” (apud BBC Brasil, 18/07/2014).
19/07 [dia 12]	- Governo francês, proíbe* manifestação pró-palestina que ocorreria no bairro de Barbès de população majoritariamente árabe. O ato ocorreu, reuniu cerca de 3 mil pessoas e houve confronto com a polícia e manifestantes presos (33 no total). Ademais, foi possível se ouvir “Israel assassino, Hollande cúmplice” (BBC Brasil, 19/07/2014a). Motivo da proibição: risco de confrontos e invasões a sinagogas como já havia ocorrido [NI]. [*] O mesmo ocorreu com outra manifestação cancelada em Nice.
Falas	- <i>François Hollande (Presidente da França)</i> : “Não deve ocorrer importação do conflito na França. Não pode haver manifestações com possíveis grupos adversários e que criem riscos à ordem pública.” (apud BBC Brasil, 19/07/2014a). - <i>Comunicado de deputados socialistas (trecho)</i> : “Recusamos a decisão às pressas do ministério do Interior e pedimos ao governo francês para anular rapidamente a proibição da manifestação.” (apud BBC Brasil, 19/07/2014b). - <i>Liga dos Direitos Humanos</i> : “entrave à liberdade constitucional e uma negação da realidade. Não adianta nada abafar o sentimento de revolta que provoca a intervenção militar israelense em Gaza, a não ser que o governo queira reforçar a ideia de que escolheu o seu campo nesse conflito.” (apud BBC Brasil, 19/07/2014a).
20/07 [dia 13]	- Trégua humanitária é acertada e quebrada em menos de uma hora [NI]. - Data que marca o dia mais sangrento do confronto [NI]. - A IDF convoca novas forças adicionais para se juntarem ao Exército de Israel [AI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Mads Gilbert (médico norueguês do principal hospital de Gaza)</i> : “O hospital está completamente lotado. Para muitos de nós, estas são as piores cenas que já tivemos, não só pela quantidade de pacientes e o colapso da nossa capacidade, mas também pela dor e agonia. Haviam crianças com dores enormes. Famílias

(continua)

	totalmente devastadas estavam trazendo crianças mortas e se jogando ao chão, gritando.” (apud BBC Brasil, 20/07/2014a).
21/07 [dia 14]	<ul style="list-style-type: none"> - Ban Ki-moon (Secretário-geral da ONU) se reuniu com o Sameh Shoukry (ministro das Relações Exteriores do Egito) para discutir o fim do conflito [NI]. - Mahmoud Abbas (ANP) se reuniu com Khaled Meshaal (Hamás) para discutir propostas de cessar-fogo [NI]. [*] Houve baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Ismail Haniyeh (chefe do Hamás em Gaza)</i> : “Gaza decidiu acabar com o bloqueio com seu sangue e sua coragem.” (apud BBC Brasil, 21/07/2014b).
22/07 [dia 15]	[*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
23/07 [dia 16]	<ul style="list-style-type: none"> - ONU publica nota que “condena o governo israelense pela ofensiva e cria uma comissão para investigar crimes e violações do direito internacional durante a operação militar.” (apud BBC Brasil, 23/07/2014b). A nota foi aprovada por 29 dos 47 países-membros do Conselho. Estados Unidos votou contra e 17 países europeus se abstiveram. Israel, diz que o Conselho é tendencioso, não sendo provável que autorize tais investigações [ON]. - John Kerry (Secretário de Estado dos Estados Unidos) chega em Israel para tentar negociar trégua. Ban Ki-moon (Secretário-geral da ONU) e John Kerry pedem o fim imediato do conflito e Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel) diz que o Hamás deve ser responsabilizado pela rejeição da proposta egípcia [NI]. - Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) publica segunda nota e evangélicos se mobilizam a favor de Israel [NI]. - Lufthansa (companhia aérea alemã) anuncia mais 24 horas de suspensão dos voos para aeroporto Ben Gurion em Tel Aviv (Israel) [NI]. [*] Houve baixas (ver Apêndice B).
Falas	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Navanethem Pillay (Comissária da ONU para Direitos Humanos)</i>: “o desrespeito pela lei humanitária internacional e pelo direito à vida ficou evidente de forma chocante [ref: ataque que matou crianças na praia, 16/07/14].” (apud BBC Brasil, 23/07/2014b, complemento meu) [*] Em sua fala, ela também critica o “ataque indiscriminado” do Hamás. - <i>Tzipi Livni (ministra da Justiça de Israel)</i>: “[o Conselho de Direitos Humanos da ONU é um órgão] anti-Israel. (...) Israel está agindo de acordo com a lei internacional (...) É uma pena que civis sejam mortos, mas quando os avisamos que esvaziem os edifícios que serão alvejados e o Hamás lhes pede que fiquem, é isso o que acontece.” (apud BBC Brasil, 23/07/2014b, complemento meu). - <i>Representante do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU</i>: “Os civis de Gaza não têm lugar seguro para onde ir, já que 44% do território foi considerado área restrita pelo Exército de Israel. As famílias estão tendo de tomar a difícil decisão de se dividir em diferentes lugares - mãe e filho em um, pai e filha em outro - para aumentar as chances de que parte da família sobreviva.” (apud BBC Brasil, 23/07/2014b). - <i>Itamaraty (trechos)</i>: “O Governo brasileiro considera inaceitável a escalada da violência entre Israel e Palestina. Condenamos energicamente o uso desproporcional da força por Israel na Faixa de Gaza, do qual resultou elevado número de vítimas civis, incluindo mulheres e crianças. (...) Diante da gravidade da situação, o Governo brasileiro votou favoravelmente à resolução do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas sobre o tema, adotada no dia de hoje (quarta-feira) (...) [e faz apelo] a um imediato cessar-fogo entre as partes.” (apud BBC Brasil, 23/07/2014a).

(continua)

24/07 [dia 17]	- Cerca de 80 pessoas (a maioria evangélicos) foram ao Itamaraty, protestar contra nota do Ministério [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Jane Silva (Pastora e Presidente da Associação Cristã de Homens e Mulheres de Negócios e a Comunidade Brasil-Israel)</i> : “Ficamos ofendidos e magoados com a postura do governo brasileiro, que para nós não condiz com a posição da população cristã brasileira em relação ao conflito. (...) Quando o governo fala mal de Israel, fala mal de nosso Jesus. E Israel tem o direito de se defender e de existir. (...) Israel é palco da história bíblica e está muito claro para nós que o Hamas é um grupo terrorista que quer destruí-lo. (...) Nós amamos o povo palestino e temos orado pelas mães palestinas, os idosos, crianças, mas não aprovamos o terrorismo.” (apud BBC Brasil, 06/08/2014).
25/07 [dia 18]	- Acontecem os funerais de mais de 10 pessoas que morreram em um bombardeio a outra escola da ONU [NI]. - Ativistas convocam “Dia de fúria” em reação as mais de 800 mortes palestinas. O ato ocorreu nos arredores de Ramallah (Cisjordânia) e contou com cerca de 10 mil participantes que protestaram rumo à Jerusalém, onde houve confronto [NI]. - Israel aumenta a segurança na Cidade Velha de Jerusalém por conta das preces muçulmanas. Homens palestinos com menos de 50 anos foram impedidos de entrar na mesquita de al-Aqsa [NI]. - Lufthansa e Air France anunciaram a retomada dos voos para o aeroporto Ben Gurion em Tel Aviv (Israel) [NI]. - Nova proposta diplomática: trégua temporária de uma semana e depois, negociações em conferência internacional sobre questões de segurança, economia e política dos dois lados. Proponentes: John Kerry (Secretário de Estado dos Estados Unidos), Ban Ki-moon (Secretário-geral da ONU) e Sameh Shoury (ministro das Relações Exteriores do Egito). Representante de Israel afirma que não aceita a proposta nos moldes atuais [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
26/07 [dia 19]	- Depois de passadas 12 horas de trégua, Israel concorda em estender cessar-fogo por mais 4 horas*. Hamas não se pronuncia sobre o assunto [NI]. [*] “Durante o dia, milhares de palestinos puderam voltar a suas casas para recolher pertences e buscar suprimentos. Para muitos, um cenário desolador.” (apud BBC Brasil, 26/07/2014a). - John Kerry se reuniu com ministros da Turquia, Catar e países europeus para mediar novo e definitivo cessar-fogo [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Philip Hammond (chanceler britânico)</i> : “[todos concordam em estender o cessar-fogo] porque a situação humanitária assim o demanda.” (apud BBC Brasil, 26/07/2014a). - <i>Laurent Fabius (ministro francês das Relações Exteriores)</i> : “Uma trégua duradoura deveria beneficiar tanto as demandas de Israel em relação à segurança, quanto as dos palestinos, em relação ao desenvolvimento socioeconômico.” (apud BBC Brasil, 26/07/2014a). - <i>Mark Regev (porta-voz do governo israelense)</i> : “As pessoas de Gaza não são nossos inimigos. Nossos inimigos são os que estão lançando foguetes contra cidades israelenses.” (apud BBC Brasil, 26/07/2014a).
27/07 [dia 20]	- Barack Obama (Presidente dos Estados Unidos) manda um telegrama para Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel), solicitando trégua mais duradoura [NI].
28/07 [dia 21]	- Conselho de Segurança da ONU lança uma nota, pedindo “cessar-fogo humanitário imediato e incondicional”, respeito e proteção às “instalações civis e humanitárias” da região e “fornecimento imediato de assistência humanitária à

(continua)

	população palestina na Faixa de Gaza” [ON]. (apud BBC Brasil, 28/07/2014c). - Trégua de 72 horas foi anunciada por causa do feriado islâmico do Eid al-Fitr, mas não chegou a durar 3 horas [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Ron Prosor (representante de Israel na ONU)</i> : “Milagrosamente, o texto não menciona o Hamas.” (apud BBC Brasil, 28/07/2014c). - <i>Barack Obama</i> : “[é preciso] permitir que palestinos em Gaza tenham vidas normais [e] assegurar o desarmamento de grupos terroristas e a desmilitarização de Gaza.” (apud BBC Brasil, 28/07/2014c, complemento meu). - <i>Dilma Rousseff (Presidente do Brasil)</i> : “O que está ocorrendo na Faixa de Gaza é uma coisa perigosa. Não acho que é genocídio, mas é um massacre. (...) Há uma ação desproporcional. Não é possível matar crianças e mulheres de jeito nenhum. (...) Não vai haver ruptura (de relações diplomáticas) nem nada. Mas lamento as palavras do porta-voz*, pois as palavras produzem um clima muito ruim e deveríamos ter cuidados com as palavras. (...) Eu tenho uma grande consideração (por Israel), até porque grande parte dos brasileiros é formada por cristãos novos e o Brasil foi o primeiro país a reconhecer o Estado de Israel.” (apud BBC Brasil, 28/07/2014b). [*] Segundo Yigal Palmor, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel, o Brasil era um “anão diplomático” (BBC Brasil, 28/07/2014b).
29/07 [dia 22]	- Um estoque de foguetes foi encontrado numa escola em Gaza. Sendo este, o terceiro episódio do tipo [ON]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
30/07 [dia 23]	- Neste dia, o confronto, entre IDF e Hamas, passa a ser o mais longo* dos últimos tempos [NI]. [*] Pois o de 2008/2009 durou 8 dias e o de 2012 durou 22. - Segundo uma pesquisa da Universidade de Israel, 97% dos jovens israelenses (entre 14 e 23 anos) apoiam a ofensiva israelense e 55% são favoráveis a paz [AI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
31/07 [dia 24]	- Neste dia, Israel anuncia a convocação de mais 16 mil reservistas, aumentando o contingente de suas forças militares para 86 mil [AI]. [*] Houve baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Benjamin Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel)</i> : “Já neutralizamos vários túneis do terror e estamos determinados a completar esta missão com ou sem cessar-fogo. (...) Portanto, não vou concordar com nenhuma proposta que não permita às Forças Armadas israelenses concluir esta importante tarefa, pelo bem da segurança de Israel.” (apud BBC Brasil, 31/07/2014).
Agosto de 2014 – confronto	
01/08 [dia 25]	- [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
02/08 [dia 26]	- Delegações chegam ao Cairo para mais uma rodada de negociação a fim de estabelecer um cessar-fogo permanente. Mediadores: Egito, Estados Unidos, Catar, Turquia e outros interlocutores. Israel ignorou a proposta, enquanto delegações palestinas participam das negociações [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Chris Gunness (porta-voz da UNRWA)</i> : “Após mais de três semanas de conflitos intensos, os serviços médicos de Gaza estão à beira de um colapso. O que vemos agora é um desastre humanitário de grandes proporções.” (apud BBC Brasil, 02/08/2014). - <i>Benjamin Netanyahu</i> : “Após completarmos nossas ações contra os túneis, vamos dar continuidade às nossas atividades, seguindo as necessidades relativas à segurança, até que alcancemos nosso objetivo de devolver a paz para os cidadãos israelenses. Desde o começo, prometemos devolver a tranquilidade aos israelenses

(continua)

	<p>e vamos seguir adiante até que isso aconteça. Vamos colocar todo o esforço necessário e vamos investir o tempo que for necessário para que isso aconteça.” (apud BBC Brasil, 02/08/2014).</p> <p>- <i>Abdul Fattah al-Sisi (presidente do Egito)</i>: “[esta é] a única chance real de encontrar uma solução para Gaza que ponha um fim ao derramamento de sangue. (...) O tempo é decisivo. Temos de tirar vantagem dele rapidamente para apagar o fogo e parar o derramamento de sangue dos palestinos.” (apud BBC Brasil, 02/08/2014, complemento meu).</p>
03/08 [dia 27]	<p>- Israel disse que o exército irá se retirar de algumas áreas de Gaza, estabelecendo uma “faixa de segurança temporária” (BBC Brasil, 03/08/2014) para rever suas operações, uma vez que a missão de destruir túneis já se encontra próxima do fim [AI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).</p>
Falás	<p>- <i>Ban Ki-moon (Secretário-geral da ONU)</i>: “ato criminoso e moralmente ultrajante [se referindo ao novo ataque a abrigo da ONU] (...) Foi uma grave violação das leis internacionais.” (apud BBC Brasil, 03/08/2014, complemento meu).</p> <p>- <i>Jen Psaki (Porta-voz do Departamento de Estado do Estados Unidos)</i>: “[o ataque foi] vergonhoso” (apud BBC Brasil, 03/08/2014, complemento meu).</p>
04/08 [dia 28]	<p>- Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Alemanha concordam que Israel tem direito de se defender. Mas Laurent Fabius (chanceler francês) reforça: isso não justifica “o assassinato de crianças e a chacina de civis.” (apud BBC, 04/08/2014c) [NI].</p> <p>- Israel empreende “janela humanitária” (BBC, 04/08/2014a) de 7h de trégua [NI].</p> <p>- Israel e palestinos aceitam acordo pontual proposto pelo Egito: trégua de 72 horas começando no dia 05/08 [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).</p>
Falás	<p>- <i>Mark Regev (porta-voz do governo israelense)</i>: “o cessar-fogo proposto pelo Egito já havia sido aceito por Israel três semanas atrás. (...) Foi o Hamas que não aceitou aquela proposta, que era basicamente a mesma aceita agora. Todas essas mortes já poderiam ter sido evitadas.” (apud BBC Brasil, 04/08/2014a).</p> <p>- <i>Osama Hamdan (porta-voz do Hamas)</i>: “Todos sabem que houve mudanças. (...) Nós esperamos que eles consigam se controlar, foram eles que desrespeitaram as tréguas anteriores. [Eles querem usar a trégua] para desviar a atenção dos massacres israelenses. (...) Todos os palestinos estão prontos para um cessar-fogo definitivo e viver em paz.” (apud BBC Brasil, 04/08/2014a, complemento meu).</p> <p>- <i>Benjamin Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel)</i>: “[a ofensiva continuará] até que a calma e a segurança retornem aos cidadãos de Israel. (...) O que precisa ser feito antes que a ofensiva cesse é que as Forças de Defesa de Israel deem solução aos túneis construídos pelo Hamas em Gaza.” (apud BBC Brasil, 04/08/2014a, complemento meu).</p>
05/08 [dia 29]	<p>[*] Houve ataques (ver Apêndice B).</p>
06/08 [dia 30]	<p>[*] Houve baixas (ver Apêndice B).</p>
07/08 [dia 31]	<p>- Anistia Internacional pede investigação sobre ataques israelenses aparentemente deliberados sobre profissionais de saúde em Gaza [NI].</p>
08/08 [dia 32]	<p>- O confronto reinicia depois do fim da trégua humanitária. [NI]</p> <p>- Hamas acusa Israel de não atender suas reivindicações* e descarta a extensão de trégua e a desmilitarização de Gaza (solicitação de Israel) [AP]. [*] Principais reivindicações: fim do bloqueio à Gaza e libertação de cerca de 100 prisioneiros.</p>

(continua)

	<p>- Governo israelense se retira dos processos de negociação sob alegação de não negociar “sob ataque” (BBC Brasil, 08/08/2014) [AI].</p> <p>- Egito solicita que ambos retomem as negociações, para assegurar um novo e definitivo cessar-fogo [NI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).</p>
Falas	<p>- <i>Forças de Defesa de Israel</i>: “[os novos ataques do Hamas são] inaceitáveis, intoleráveis e míopes.” (apud BBC Brasil, 08/08/2014, complemento meu).</p> <p>- <i>Funcionário do alto escalão israelense</i>: “Hamas continua atacando civis israelenses, enquanto Israel respeita integralmente o cessar-fogo e anunciou que está pronto para ampliá-lo.” (apud BBC Brasil, 08/08/2014).</p> <p>- <i>Ministério das Relações Exteriores do Egito</i>: “pede a todos os lados envolvidos no conflito que sejam responsáveis e retornem imediatamente ao compromisso do cessar-fogo e usem a oportunidade disponível para retomar as negociações nos poucos assuntos pendentes o mais rápido possível.” (apud BBC Brasil, 08/08/2014).</p>
10/08 [dia 34]	<p>- Egito medeia nova trégua acordada de 72 horas. Expectativa: abrir espaço para um cessar-fogo longo e definitivo [NI]. [*] Houve baixas (ver Apêndice B).</p>
Falas	<p>- <i>Alto oficial israelense</i>: “Israel aceitou a proposta do Egito de um cessar-fogo de 72 horas.” (apud BBC Brasil, 10/08/2014).</p> <p>- <i>Izzat al Rishq (negociador do Hamas no Cairo)</i>: “em vista da aceitação de Israel à trégua e a sua retirada incondicional, informaremos os irmãos egípcios sobre a nossa resposta positiva.” (apud BBC Brasil, 10/08/2014).</p> <p>- <i>Sameh Shoukry (ministro das Relações Exteriores do Egito)</i>: “trabalhem para um acordo de cessar-fogo abrangente e duradouro.” (apud BBC Brasil, 10/08/2014).</p>
19/08 [dia 43]	<p>- Confronto retorna após quebra de cessar-fogo de 5 dias, enquanto delegações palestinas e israelenses discutiam um acordo para selar o fim do confronto [NI]. Depois do ataque, a delegação de Israel foi orientada a voltar [AI].</p> <p>- <u>Solic. israelenses</u>: desarmamento palestino e fim de ataques contra Israel [AI].</p> <p>- <u>Solicitações palestinas</u>: fim dos bloqueios israelenses e egípcios em Gaza e autonomia para operar um dos aeroportos [AP]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).</p>
Falas	<p>- <i>Mark Regev (porta-voz do Primeiro-ministro israelense)</i>: “Este ataque com foguetes foi uma violação grave e direta do cessar-fogo.” (apud BBC Brasil, 19/08/2014).</p> <p>- <i>Fawzi Barhoum (porta-voz do Hamas)</i>: “se Netanyahu não entende a linguagem da política no Cairo, nós sabemos como fazer ele entender.” (apud BBC Brasil, 19/08/2014).</p>
20/08 [dia 44]	<p>[*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).</p>
21/08 [dia 45]	<p>- Hamas orienta que as companhias aéreas interrompam os voos para o aeroporto Ben Gurion em Tel Aviv (Israel) a partir do dia 22/08. Além disso, declarou o fim das negociações de cessar-fogo [AP]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).</p>
Falas	<p>- <i>Benjamin Netanyahu (Primeiro-ministro de Israel)</i>: “A operação Margem Protetora continuará até que seu objetivo seja alcançado – a restauração da paz para cidadãos de Israel e a destruição significativa da infraestrutura terrorista.” (apud BBC Brasil, 19/08/2014).</p> <p>- <i>Sami Abu Zuhri (porta-voz do Hamas)</i>: “Os assassinatos de 3 líderes do Qassam [braço militar do Hamas] é um crime grave. (...) Mas isso não nos amedrontará e Israel pagará um preço alto.” (apud BBC Brasil, 21/08/2014, complemento meu).</p>

(conclusão)

22/08 [dia 46]	[*] Houve baixas (ver Apêndice B).
24/08 [dia 48]	- 40 sobreviventes e 287 descendentes do holocausto nazista assinam e publicam nota* no <i>The New York Times</i> , em nome da Rede Internacional Judaica Antissionista (Rija): “Como sobreviventes e descendentes de sobreviventes judeus e vítimas do genocídio nazista, nós condenamos inequivocamente o massacre de palestinos em Gaza e a contínua ocupação e colonização da Palestina histórica.” (apud BBC Brasil, 24/08/2014) [NI]. [*] Nota que também é uma reação contra um anúncio de Elie Wiesel (sobrevivente do mesmo holocausto) que comparava o Hamas ao nazismo. - Nos Estados Unidos, diversas manifestações pró e anti-Israel estão acontecendo desde o início do confronto [NI]. [*] Houve baixas (ver Apêndice B).
25/08 [dia 49]	- Ayman Aloul (jornalista palestino e morador de Gaza), cria versão palestina do balde de gelo e pede que as pessoas façam o mesmo em solidariedade ao seu povo, compartilhando o vídeo com a <i>hashtag</i> #remainsbucket (balde de destroços) [NI].
26/08 [dia 50]	- Israel e Hamas aceitam cessar-fogo de longa duração. Mediador: Egito. Início: a partir das 19h locais. Observação: acordo não inclui questões polêmicas, que seriam discutidas <i>a posteriori</i> * [NI]. [*] Construção de um porto e de um aeroporto em Gaza, libertação de 100 prisioneiros palestinos [AP] e término do contrabando de armas para Gaza [AI]. - O que está previsto neste acordo: [1] fim indeterminado às hostilidades, [2] abertura imediata das fronteiras de Gaza com Israel e Egito e [3] extensão da zona comercial pesqueira no Mediterrâneo [AP]. - Promessas israelenses: atenuar o bloqueio à Gaza e permitir a entrada e saída de materiais para reconstruir a cidade [AI]. [*] Houve ataques e baixas (ver Apêndice B).
Falas	- <i>Funcionário do alto escalão do governo de Israel</i> : “Israel aceita a iniciativa egípcia para um cessar-fogo ilimitado em Gaza.” (apud BBC Brasil, 26/08/2014). - <i>Moussa Abu Marzouk (vice-líder político do Hamas)</i> : “uma vitória sobre a resistência.” (apud BBC Brasil, 26/08/2014). - <i>Porta-voz do Hamas</i> : “Nós estamos aqui hoje para declarar a vitória da resistência, a vitória de Gaza, com a ajuda de Deus e a perseverança do nosso povo e sua nobre resistência.” (apud BBC Brasil, 26/08/2014). [!] Sobre um ataque que ainda houve no dia (arranha-céus palestinos): - <i>Hamas</i> : um ato de vingança “sem precedente” (apud BBC Brasil, 26/08/2014) contra civis. - <i>Peter Lerner (Tenente-coronel da IDF)</i> : “um resultado direto da decisão do Hamas de situar sua infraestrutura terrorista na esfera civil, incluindo escolas, hospitais e arranha-céus.” (apud BBC Brasil, 26/08/2014).

Fontes: matérias da BBC Brasil.

APÊNDICE D – Trechos do diálogo e não diálogo com Nora

Dia	Interlocutora	Horário	Fala
19/08/2014	Nora	20h30m	The sharpnels reached to my window / There's no exact number for victims now* [*] Última mensagem da Nora neste dia.
	Paula Lima	21h22m	Nora? How are you???
	Pessoa 1	21h22m	Hello nora / Just say ok / We are worried about u
19/08/2014	Pessoa 1	21h23m	Say that u are ok
		21h28m	No news from gaza....I think there is a problem
	Paula Lima	21h41m	Oh god.... Really, Pessoa 1? No news from Gaza???? No news about Nora???
	(...)		
20/08/2014	Pessoa 1	05h20m	Nora is ok
	Paula Lima	06h01m	Oh... It's great! A good news between terrible news...
	Pessoa 5	06h17m	nora is ok / she is my sister
	(...)		
	Nora	06h20m	Good morning / I'm ok and safe* [*] Primeira mensagem de Nora do acontecido.

Fonte: Arquivo pessoal, destaque meu.

APÊNDICE E – Diálogo com Nora sobre bombardeios

Dia	Interlocutora	Horário	Fala
29/09/2015	Paula Lima	23h02m	Nora, Israel is bombing southern Gaza? Are you ok?
30/09/2015	Nora	02h01m	Hi Paula, I'm ok, the bombing is at the borders and i live in western Gaza / This happens every day / Thanks dear for checking
30/09/2015	Paula Lima	14h18m	Great! This “war” is a crazy... Israel bombing in the borders every day?
		14h19m	About this, the media not to talk...
	Nora	19h26m	Yeah, media doesn't talk every time about the violations when there is no casualties or damage

Fonte: Arquivo pessoal, destaque meu.

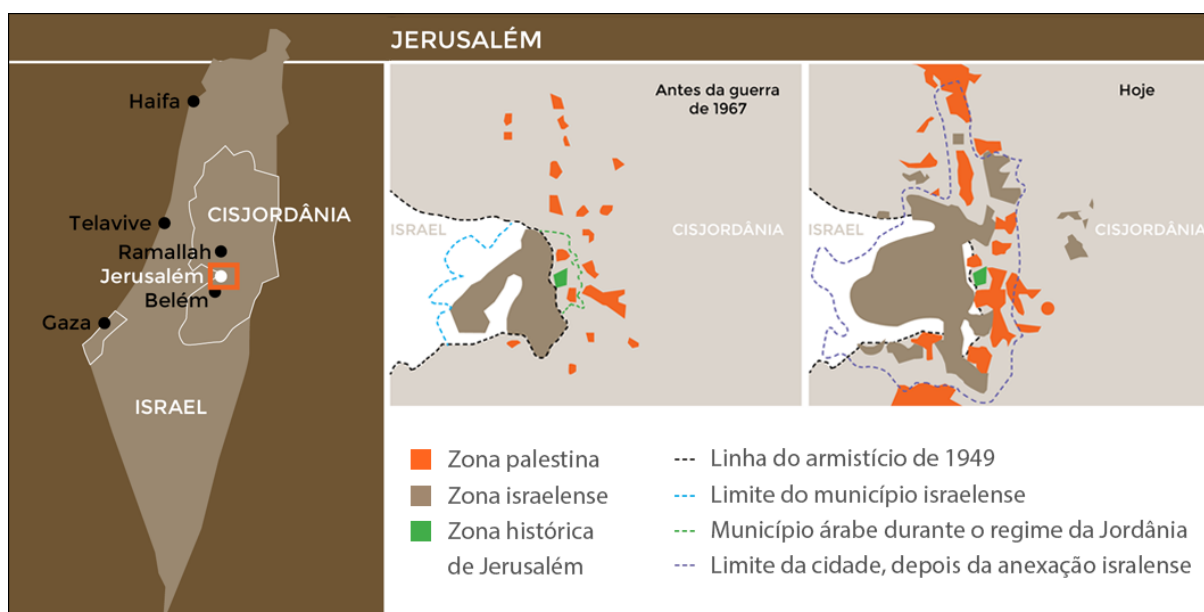
APÊNDICE F – Diálogo com Nora sobre cessar-fogo

Dia	Interlocutora	Horário	Fala
18/08/2014	Paula Lima	05h55m	The ceasefire continues?
	Nora	05h56m	Yeah
		05h57m	It expires today's midnight / Then we dont know what's gonna happen
	Paula Lima	05h57m	Hummm. / Oh my good...
		05h58m	The horror of Israel will be restarting...
	Nora	05h59m	We dont want the war again we can't stand anymore
	Paula Lima	05h59m	How many days this ceasefire is during?
	Nora	05h59m	I don't know how we did it before
	Paula Lima	05h59m	Of corse!!!
	Nora	06h00m	It was five days
	Paula Lima	06h00m	Hummm
	Nora	06h00m	And it's not normal that Israel didn't violate it
	Paula Lima	06h01m	Yes... / This is a bad signal? / *Is this
	Nora	06h02m	Mmmmm .. Not that much / They violated it many times and the world blamed them too much
	Paula Lima	06h02m	You think that a new ceasefire will be possible?
	Nora	06h03m	Yeah yeah yeah I think so
	Paula Lima	06h03m	Great!
	Nora	06h04m	This is a postponement
06h05m		Issues can't be solved in this way	

Fonte: Arquivo pessoal, destaque meu.

APÊNDICE G – Desenvolvimento de Jerusalém

Neste Mapa, ressaltam-se as fronteiras de 1967 por duas razões: [1] Para alguns grupos palestinos, são elas que balizam o que deveria ser a Palestina. [2] Depois da Guerra de Seis Dias, que aconteceu em 1967, o governo israelense iniciou a criação dos assentamentos judaicos em Jerusalém e na Cisjordânia como se vê até hoje. Sendo este, um marco importante na história do conflito.



Fonte: Adaptado de RA INFOGRAFIA, 2014.

APÊNDICE H – E-mail para campanha de ajuda à Gaza**(continua)****CAMPANHA_Vamos apoiar Gaza!**

Boa noite, companheiros e companheiras.

Dessa vez, estou entrando em contato com vocês por um motivo muito especial: divulgar uma campanha de apoio à Gaza e pedir a colaboração dos companheiros e companheiras, sensíveis, assim como eu, a essa causa tão cara a humanidade.

Mesmo que esse recente e horrendo genocídio israelense, tenha sido aparentemente interrompido no dia 26 de agosto, depois de 49 dias de conflito, a verdade é que temos, como seres humanos solidários a esse povo guerreiro, muito o que se dizer e fazer.

Do lado palestino, mais de 2.000 pessoas morreram, 10.000 ficaram feridas – lembrando do que é ferido nesse caso (!) -, 250.000 se refugiaram e 10.000 residências foram destruídas. Cenário, que segundo a própria ONU, organização absolutamente pró-Israel, demoraria 15 anos para ser reconstruído. Ou seja, essa é realidade brutal e desproporcional do conflito, ao contrário do que a mídia constrói.

Mas o que podemos fazer para ajudar?

Muita coisa! As vezes não sabemos como, mas quando nos articulamos, rapidamente percebemos quanta coisa podemos dizer e fazer. E é isso que estou propondo aqui, em nome de um grupo de pessoas que está se mobilizando para mandar recursos financeiros à Gaza direcionados à Nora, prima do nosso amigo Said que segue copiado nesse e-mail, para ajudar outras pessoas.

Conversamos com Nora todos os dias via whatsapp e era angustiante vê-la narrando, em tempo real, o que estava acontecendo na Palestina sem fazer nada, mesmo sabendo, que estamos, na medida do possível, nos articulando para ajudar a ela e seu povo.

Meus amigos, esse pedido pode parecer “estranho”, mas precisamos que o dinheiro seja enviado a minha conta, para depois, ser repassado à Nora em Gaza via Western Union. Por isso, estou entrando em contato com organizações e ativistas que me são próximos.

Dados da minha conta:

nome: Paula Lima Gomes

banco: Santander

ag: xxxxx (dados retirados)

c/c: xxxxx (dados retirados)

Esse procedimento, vale ressaltar, está sendo feito por todos os colaboradores dessa campanha, pois pelas vias institucionais (via Consulado, por exemplo) o dinheiro, na maioria das vezes, simplesmente não chega a seu destino.

Daqui um mês, ou quando alcançarmos 1000 reais, depositarei as ajudas recebidas à Nora – junto com Said – que nos contará como e com quem ela utilizou esse recurso, o que

(conclusão)

repassarei a cada um de vocês.

Entendido as razões do meio, espero, de coração, que entendam igualmente a necessidade desse apoio ao povo palestino.

Se puderem encaminhar este e-mail ou me passar os contatos de outras organizações e ativistas que puderem colaborar seria ótimo.

Obrigada pela atenção.

Abraço,
Paula.

PS: qualquer dúvida, fiquem a vontade para perguntar a mim ou diretamente ao Said.

Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO A – Poema lido por Samira em um debate**Sonhando a Palestina : Randa Ghaz**

Resistirei sem medo. Sim, sem medo resistirei!

Na terra de meu país resistirei.
Ainda que roubem tudo o que tenho, resistirei.
Ainda que matem meus filhos, resistirei.
Ainda que destruam minha casa, resistirei.
Ah, minha amada casa!
Á sombra de suas paredes, resistirei.

Resistirei sem medo...

Com toda a força da minha alma, resistirei.
Com meu bastão, meu punhal, resistirei.
Com a bandeira na mão, resistirei.
Ainda que cortem minha mão
e maculem a bandeira,
com a outra mão, resistirei.

Resistirei sem medo...

A cada palmo de meu campo, meu jardim, resistirei.
Com fé e vontade, resistirei.
Com unhas e dentes, resistirei.
E até quando meu corpo
nada for além de uma chaga,
com sangue das feridas, resistirei.

Resistirei sem medo...

Fonte: Samira, 17/02/2009.

ANEXO B – Declaração de Balfour**Declaração de Balfour**

Secretaria do Ministério das Relações Exteriores
2 de novembro de 1917

Estimado Lord Rothschild: Me compraz transmitir-lhe, em nome do Governo de Sua Majestade Britânica, a seguinte declaração de simpatia pelas aspirações judaicas sionistas, cujo texto foi submetido ao Gabinete e aprovado por este:

‘O Governo de sua Majestade vê com beneplácito o estabelecimento na Palestina de um lugar nacional para o povo judeu e fará o quanto estiver em seu poder para facilitar a realização desse objetivo, ficando claramente entendido que não se tomará nenhuma medida que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas da Palestina, ou os direitos e a condição política de que gozem os judeus em qualquer outro país’.

Lhe agradecerei se puser esta declaração em conhecimento da Federação Sionista.
Atenciosamente,
Arthur James Balfour.

Fonte: GOMES, 2001, p. 20-21.

ANEXO C – Trecho da carta de Miguel, primo de Samira**Direto de Gaza****Comovente trecho da mensagem de Miguel, médico palestino, para a sua prima residente no Brasil**

(Domingo, dia 11/01/09 às 22hrs)

“ Aqui estamos sem quase tudo. Pessoas morrem pelos ataques e por fome. Eu mesmo evito comer por ver tantos desesperados. As vezes sinto fraqueza por não dormir e comer pouco mas Allah Akbar. Quem sou eu? Nunca vi nosso povo tão unido. Na verdade todos estão de armas nas mãos, mulheres e crianças velhos... Como defender se despejam bombas para todos os lugares. Bombas de todos os lados. Sei que aí fala de quase 1000 mortos. O numero é muito maior. Vemos corpos e mais corpos sendo empilhados pelos desgraçados e jogam areia em cima. Esses mortos quem conta?

Sinto desespero porque sendo médico vejo muitos morrerem por não ter medicos suficientes ou remedios.... falta anestesia.....Os doentes estao sendo colocados na rua....

Nao escrevo mais. quero que saibam que não quero uma lagrima, nenhuma lágrima derramada por mim. Chorem por eles por todos. Eu escolhi meu caminho. **Nao sou mais Miguel, sou Gaza, sou Hamas.**”

Fonte: LIGAOPERARIA.ORG.